



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidade

Faculdade de Formação de Professores

Jane Marchon Cordeiro Celestino

**“Se não cobre, não copia, faz o quê?” : o
saberfazerperguntardizernarrarescrever, como ação afirmativa, reflexiva e
formativa de professoras da/na educação infantil**

São Gonçalo

2022

Jane Marchon Cordeiro Celestino

“Se não cobre, não copia, faz o quê?”: o *saberfazerperguntardizernarrarescrever* como ação como ação afirmativa, reflexiva e formativa de professoras da/na educação infantil



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C392 TESE	<p>Celestino, Jane Marchon Cordeiro. “Se não cobre, não copia, faz o quê?” : o <i>saberfazerperguntardizernarrarecrever</i> como ação formativa de professoras da/na educação infantil / Jane Marchon Cordeiro Celestino. – 2022. 148f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Pesquisa educacional – Teses. 2. Educação - Métodos biográficos – Teses. 3. Professores – Formação – Teses. I. Araújo, Mairce da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB7 – 6150	CDU 37.012

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Jane Marchon Cordeiro Celestino

**“Se não cobre, não copia, faz o quê?”: o *saberfazerperguntardizernarrarescrever* como
ação formativa de professoras da/na educação infantil**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 03 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas

Prof.^a Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Maria Luisa Furlin Bampi
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a minha mãe Landinha Marchon, a Rara Marchon minha filha, a Ju e Marcia minhas irmãs, a Gabriela minha sobrinha, por costurarem em mim suas marcas me constituindo a mulher que venho me tornando. A todas as mulheres, professoras que me ensinaram a ser professora das infâncias compondo minhas histórias de *vida* formação.

AGRADECIMENTOS

Itaboraí, 22 de abril de 2022.

Numa manhã de outono na Pedra Bonita, escrevo em agradecimento a toda a espiritualidade presente em minha vida, que enviou cada pessoa para cuidar de mim e me acompanhar na vida e na escrita dessa dissertação: a minha mãe Landinha, por me dizer seu SIM me embalando em seus braços e em sua máquina de costura, nunca me deixando só; ao meu pai José pelo abraço na hora certa e pelos presentes Marcia e Marquinho deixando minha vida mais feliz. As minhas irmãs Marcia e Ju por me ensinarem o amor compartilhado. Marco Aurélio meu irmão pelas aventuras no quintal da infância. A sobrinha Gabriella pelos textos revisados e por me escolher para ser sua inspiração no tornar-se professora, a Marcos Vinícius, meu sobrinho por dizer aos meninos de nossa família que é possível chegar à universidade pública e mudar o percurso da história da família. A Miguel Marchon, sobrinho que como eu, é da invencionática que me ensina sobre “a arte de sorrir, cada vez que o mundo diz: não”. A Helton meu amor, amado, amigo, companheiro. Porto seguro em mares revoltos, agradeço pelas renúncias durante a *pesquisavida*, por seus incentivos e palavras de carinho e admiração, pelos cafés na madrugada e por fazer de tudo para deixar minha vida mais leve. A Rara menina passarinho, que me ensinou que “a vida é tão *Rara*”, minha gratidão por me escolher para ser sua mãe e me ensinar a “dançar na chuva quando a chuva vem”.

Também escrevo essa carta para agradecer a minha *professoraencantadorabaiana*, Mairce Araújo, *orientadorarefúgio* por ter me abraçado, respeitado minha história, meus processos e minha palavra sendo minha companheira na aventura de viver a pesquisa na pesquisa. A minha banca dos sonhos, composta pelas queridas professoras Inês Bragança, Anelice Ribetto, e o querido Professor Guilherme do Val Toledo Prado, o agradecimento pelo aceite, pela leitura atenta e respeitosa de cada palavra registrada na escrita dessa dissertação.

Meu agradecimento reverencia as amigas e amigos companheiras e companheiros do grupo ALMEFRE, com vocês pude tecer uma pesquisa com as marcas do nós, a cada contribuição, palavra de apoio e por compreenderem ao longo do processo, que eu precisava compor uma pesquisa em modo outro de forma e conteúdo.

As amigas: Cleidi Bastos, por compartilharmos a vida e a escola com a intensidade que nos tornou irmãs. A Thais Motta pela amizade, maternidade, e formação tecidas pela docência. A Roberta de Sousa pelo encontro de almas, por segurar na minha mão até o ponto final dessa

pesquisa. Encerro essa carta agradecendo e aplaudindo de pé, cada professora que me ensinou e me ensina cotidianamente a ser professora das infâncias no chão da escola pública e me inspiram a continuar a *pesquisarnarrar* histórias registrando nossos “dias de luta, dias de glória”.

Um abraço afetuoso e agradecido,

Jane Marchon

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

Manoel de Barros

RESUMO

CELESTINO, Jane Marchon Cordeiro. “*Se não cobre, não copia, faz o quê?*”: o *saberfazerperguntardizernarrarescrever* como ação afirmativa, reflexiva e formativa da/na professora da Educação Infantil. 2022. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Esta dissertação, composta em modo coleção, teve como centralidade investigar a formação da professora da Educação Infantil a partir do seu *saberfazer* docente. De natureza qualitativa, a pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Como tecitura metodológica teve como fio: as histórias de *vidaformação* da pesquisadora a partir das experiências do vivido como memória reflexionada o inventário com modo de organizar os dados da pesquisa. Elegeu como fonte para a reflexão do processo formativo a escrita de narrativas a partir dos guardados de professoras se constituiu para o processo *investigativoformativo* como fonte, como modo de produção de conhecimento e como forma de registro da pesquisa. Como proposta artesanal do “feito à mão”, a Oficina Achadouros de Memórias: uma coleção de escritas narrativas, vivida *entre* a pesquisadora e outras cinco professoras da Educação Infantil, a ação do ofinar, combinada ao exercício de intercambiar experiências, a partir dos guardados de professora, apontou nos detalhes de suas narrativas. Nas pistas e indícios encontrados nas narrativas se revelaram como achados da pesquisa: os guardados de professora como parte integrante da formação; a escrita de narrativas como dispositivo de formação e registro da história da docência; as contribuições da escrita de narrativas para a construção de um *saberfazer* autoral como compromisso ético, estético e político por uma escola outra.

Palavras-chave: pesquisa narrativa; experiência; escrita narrativa; formação.

RESUMEN

CELESTINO, Jane Marchon Cordeiro. “*Si no cubres, no copias, ¿qué haces?*”: el saber preguntar, decir, narrar y escribir como acción afirmativa, reflexiva y formativa del/en el/la docente de Primera Infancia. 2022. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Esta disertación, compuesta en modo colección, tuvo como centralidad investigar la formación de la maestra de Educación Infantil desde sus *saberhacer* docentes. De naturaleza cualitativa, la investigación está vinculada al Programa de Posgrado: Procesos Formativos y Desigualdades Sociales de la Faculdade de Formação de professores de la Universidade do Estado d Rio de Janeiro. Como tejido metodológico tenía como hilo conductor: las historias de *vidaformación* del investigador se basaron en las experiencias de lo vivido como memoria reflexionada el inventario con forma de organizar los datos de investigación. Elegida como fuente para la reflexión del proceso formativo la escritura de narrativas desde los salvados de los maestros se constituyó para el proceso de *investigaciónformativa* como fuente, como forma de producir conocimiento y como forma de registrar la investigación. Como una propuesta artesanal “hecha a mano”, el Taller Achadouros de Memorias: una colección de escritos narrativos, entre el investigador y otros cinco profesores de educación infantil, la acción del taller, combinado con el ejercicio de intercambio de experiencias, de las guardias de las maestras, señalado en los detalles de sus narraciones. En las pistas y evidencia encontradas en las narraciones se revelaron como resultados de la investigación: las guardias de las maestras como parte integral de la formación; la escritura de relatos como dispositivo de formación y registro de la historia de la enseñanza; como aportes de la escritura narrativa a la construcción de un *saberhacer* autoral como compromiso ético, estético y político de otra escuela.

Palabras-clave: investigación narrativa; experiencia; escritura narrativa; formación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Convite	19
Figura 2 –	Bordados de escrever	23
Figura 3 –	Desenho da Ana Kelly – 5 anos – um convite a pesquisa e a curiosidade	27
Figura 4 –	Cobrir, copiar, costurar	29
Figura 5 –	Meu quintal é maior que o mundo	32
Figura 6 –	Entre costuras, tecidos, agulhas e linhas	34
Figura 7 -	Eu e a escola, a escola e eu	43
Figura 8 -	Isogravura – Menina das estrelas	50
Figura 9 -	Florescer.....	53
Figura 10 -	Coleção - Pedacinhos de mim	58
Figura 11 -	Inventário	64
Figura 12 -	Palavras gotas	73
Figura 13 -	Ciranda de vozes docentes	76
Figura 14 -	Achadouro de memória	81
Figura 15 -	Convite da qualificação	82
Figura 16 -	Captura da tela da qualificação	84
Figura 17 -	Entregas	90
Figura 18 -	Convite para um chá.....	95
Figura 19 -	Captura de tela da primeira oficina.....	99
Figura 20 -	Galinha D’Angola - Atividade realizada na turma da professora Ingrid ..	101
Figura 21 -	Desenho livre - Atividade realizada com a turma da professora Ingrid ...	120
Figura 22 -	Imagem do livro Obrigado!	127

Figura 23 -	Captura de tela do vídeo Sentimentário	130
Figura 24 -	Composição narrativa da professora Priscila de Freitas	137
Figura 25 -	Composição Narrativa da professora Ingrid Costa	138
Figura 26 -	Composição Narrativa da professora Roberta Dias	139
Figura 27 -	Composição Narrativa da professora Jane Marchon	140
Figura 28 -	Atravessamentos da qualificação por Mairce Araújo	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALMEFRE	Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais
CEMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
ENDIPE	Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino
FALE/SG	Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita de São Gonçalo
GEPEC	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada
GIFORDIC	Grupo de Estudos e Pesquisas da(s) infância(as), Formação de Professores(as) e Diversidade Cultural
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UERJ/FFP	Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO - CONVITE	14
1	PRIMEIRO VOLUME	19
1.1	A escolha	19
1.2	Porque sou feita de histórias, canto e costuro asas de voar	21
1.3	Memoriar: escritos em linguagens de narrar	23
1.4	Eu não sou todo mundo	27
1.5	A menina professora da escola do quintal	29
1.6	Maria, ela poderia se chamar Maria	32
1.7	Eu e as escolas, as escolas e eu	34
1.8	A casa das meninas das estrelas	43
1.9	As perguntas mais simples são as mais complexas	50
2	SEGUNDO VOLUME	53
2.1	Carta para Mairce	53
2.2	Dividindo segredos	55
2.2.1	<u>A carta</u>	55
2.2.2	<u>A coleção</u>	55
2.2.3	<u>A receita</u>	56
2.2.4	<u>O abraço</u>	57
2.3	Entre arte e loucura: a invenção de um inventário	58
2.4	A chegada	64
2.4.1	<u>Para além de um telhado azul</u>	65
2.5	Sobre chover palavras no papel	72
2.6	“Então, não cobre, não copia faz o quê?”	73
2.7	Curiosidade acumulada	76
2.8	A rede na rede	79
3	TERCEIRO VOLUME DA COLEÇÃO	81
3.1	Itaboraí, um dia desses de 2021	81
3.2	Achados de colecionar	84
3.3	Entre encontros e desencontros	86
3.4	Entregas e encontros	88

3.5	Desencontros	91
3.6	Encontros para empurrar o céu para cima	92
3.6.1	<u>Narre o ofcinar com elas</u>	94
3.7	Primeiro ofcinar - vamos tomar um chá?	95
3.7.1	<u>Um carimbo de mão</u>	101
3.7.2	<u>Nunca mais sempre foi assim!</u>	102
3.7.3	<u>Pequenas alegrias da vida adulta</u>	106
3.8	Segundo ofcinar - TÁ COMBINADO!	106
3.8.1	<u>Escrever tem sido um jeito de aprender a me escutar</u>	113
3.8.2	<u>Artesanato da palavra</u>	118
3.9	Terceiro ofcinar: professoras bordadeiras, andarilhas, artesãs da palavra	118
3.9.1	<u>Um dia quente de inverno de 2021</u>	122
3.9.2	<u>A cada encontro, um encontro com marcas dos encontros!</u>	126
4	QUARTO OFICINAR: PASSOU UM FILMINHO NA NOSSA CABEÇA	128
4.1	Tia, são só coisas!	131
5	QUINTO OFICINAR: MARCANDO PRESENÇA	137
5.1	Carta às queridas	141
	(IN)CONCLUSÕES: COM A LUPA NA MÃO AO COLECIONAR	144
	REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO - CONVITE

Cara Professora¹ companheira,

Você está convidada a mergulhar na leitura das próximas páginas desses escritos de professora entre professoras, nos quais narrei histórias de *vidaformação*², que me constituíram, o que Prado (2015) nomeou de professora-pesquisadora-narradora, entrelaçada às histórias de tantas outras professoras que me habitam.

Confesso que não foi fácil encarar a folha em branco, pois, de fato, ela “assusta”, como cantou Osvaldo Montenegro em um dos versos da sua canção³. E me assustou ainda mais, quando, após seus apontamentos, a professora Anelice Ribetto, na banca de qualificação, me disparou a pergunta: *Será que a folha em branco é apenas uma folha em branco? O que já havia na folha em branco?* Ah, as perguntas da Ane me atravessaram e me acompanharam ainda por um bom tempo... O que tanto me assustava naquela folha em branco? Ane me provocou a encarar que, no branco da folha, já habitavam o não dito, o íntimo, o guardado, o não revelado até então.

Lá estavam eles: os rastros, os cacós, prestes a serem impressos em palavra narrada. As marcas em mim, reveladas na escrita *arteira* como afirmação da autoria docente.

Ao encarar a folha em branco, foi preciso despir-me em palavras, acompanhadas por diálogos que demandaram aportes *teóricosmetodológicos*, e isso também me assustava, pois ainda não sabia como fazer. Porém, encarar a folha em branco era preciso, como um ato político, de coragem e de resistência, como me convoca Freire (2015), a cada vez que leio as suas cartas e/ou textos a quem ousa aprender a aprender. Para encarar a folha em branco, também ouvi a voz da minha orientadora Mairce Araújo provocando-me:

- Escreva!
- Narre suas experiências na/com a escola.

¹ Neste texto, a palavra Professora será usada no feminino, como afirmação do gênero e reafirmação da sua maioria na profissão. Professora: no singular, propondo uma *leituraconversa*, no *espaçotempo*, em que o convite for aceito. *Leituraconversa* franca, íntima dialógica, entre a professora convidada e a *professorautora* do gênero Dissertação de mestrado.

² *Vidaformação*, escrita desse jeito, juntas, aglutinadas, indissociáveis, compreendendo que a vida nos forma e nos formamos na/com a vida. Sua grafia em itálico também demarca os estudos do cotidiano defendidos pela Professora Dr^a Nilda Alves (2007), como opção epistemológica que leva à criação de novas palavras como noções que rompem ou diferem dos modos de funcionamento da ciência moderna.

³ A música *Me ensina a escrever*, de Osvaldo Montenegro está disponível em todas as plataformas digitais.

- Você tem muito a dizer.

- Escreva!

E aqui estou, para lhe contar em modo escrito, que aceitei a convocação de Freire e as provocações de Mairce, e comecei a *escrevernarrando*, de forma a costurar uma pesquisa que se propôs a investigar os *saberesfazeres*⁴ docentes, a partir do *saberfazerperguntardizernarrarescrever* como ação afirmativa, reflexiva e formativa de professoras da/na Educação Infantil do município de Itaboraí.

Nesta investigação, percorri vários caminhos, buscando deixar, na escrita, a autoria com as marcas que dissessem sobre mim. Eu desejava uma escrita buscante,

intensa,

colorida,

amorosa,

divertida,

com arte,

inteira

uma escrita *arteira*⁵.

Ao se fazer *arteira*, a escrita deita-se no papel, ocupa cada espaço de modo original, como uma costura feita à mão, onde um ponto nunca será igual ao outro. Dependerá do tecido, da agulha, do tipo de linha e das mãos de quem se põe a costurar.

Fugindo do ineditismo, mas considerando originalidade escriturística e artesanal do feito, a escrita *arteira* ganha suas marcas autorais por *gestos mínimos* (SKLIAR, 2014), sem alarde ou grandes movimentos. O simples, o miúdo, o desimportante que, para o poeta Manoel de Barros (2008), serve para fazer poesia, para Skliar (2014) esses *gestos mínimos* nem necessitam ser teorizados, pois eles ganham sentido na criação de outras possibilidades de linguagem (2014). Nesse caso, a escrita *arteira* é *gesto* de encontro com marcas, rastros,

⁴ Na opção que tomou como foco investigar os *saberesfazeres* das professoras da Educação Infantil, estamos dialogando com Regina Leite Garcia e Nilda Alves (2006) e tantos outras. os autores.as que defendem, há mais de três décadas, o cotidiano como espaço de produção do conhecimento e das. os docentes como intelectuais públicos, reconhecendo-as como sujeitos do conhecimento (GARCIA, 1999, p.38).

⁵ No decorrer desta *pesquisacoleção*, apresentada em 3 volumes, opto por trazer algumas palavras grafadas, transgredindo as normas com recursos da linguagem literária, quando as palavras ganham formas próprias para dialogar com o.a leitor.a.

fragmentos, histórias. Por isso, busco outros modos de narrar. Que digam de mim por autoria do *saberfazer*. Busco a música para dançar com as palavras, o desenho para compô-las, a pintura para deslizá-las no papel com aquarela e pincel, agulha e linha para costurá-las, fiá-las e tecê-las. Assim, costurei histórias na composição da Dissertação em três volumes compostos com contos, poesias, cartas, receitas... Aquelas escolhidas para serem contadas, escritas, narradas por uma professora e lidas *entre* outras professoras, tecendo uma grande rede de professoras que leem e escrevem de si, sobre si, entre si.

Foi então que, após assistir a alguns encontros do Webinário do Vozes da Educação⁶, ler as envolventes dissertações de Lili⁷ e Ju Vieira⁸, sugeridas pela Mairce, e, ao escrever uma pequena narrativa de apresentação proposta pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa-Formação Polifonia⁹ em um Minicurso¹⁰ no XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE, 2020), gostei do que escrevi, e, ao ler para Rara, minha filha, ela logo falou: Dá vontade de ilustrar, pois parece até história de livro!

Não tinha dúvidas: era a confirmação do que eu já vinha *matutando*¹¹. Uma escrita arteira, do tipo feito à mão, costurando, artesanalmente, as palavras, na mesma obstinação do artesão genuíno na hora de fazer. Fazer feito coisa que vai durar pra sempre, como narrou a autora Lygia Bojunga em seu livro *Feito à mão*, na edição artesanal de 1996. Escrita para durar para sempre, como registro da memória, marcas de *vidaformação* de uma professora na costura de si.

Também enviei a narrativa para Roberta, amiga com quem divido uma longa *amizadeformação* que me disse: você deveria escrever sua dissertação assim. Roberta e eu gostamos de tecer conversas sobre nossas escritas e pesquisas, após nossa chegada ao mestrado.

⁶ Curso de Extensão – Webinário “Vozes da Educação em Tempos de Pandemia:” Pensando caminhos para outras educações, outras escolas, processos formativos outros (2020).

⁷ OLIVEIRA, L. R., 2020.

⁸ VIEIRA, Juliana 2020.

⁹ O Grupo Interinstitucional de Pesquisa-Formação Polifonia, organizado pela Professora Inês Bragança, está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada/Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas (GEPEC/FE/UNICAMP) e ao grupo Vozes da Educação/Faculdade de Formação de Professores/Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).

¹⁰ Minicurso *Pesquisaformação* narrativa (auto) biográfica: caminhos e dispositivos teóricos- metodológicos. (2020).

¹¹ Matutando era uma palavra muito usada por meu pai em minha infância. Um vocabulário herdado de sua essência de menino nordestino, que significa pensamento incessante, insistente.

Corri para escrever um *e-mail* e enviá-lo a Mairce, queria dividir com ela essas minhas ideias e inquietações.

Pensando que, nesse meu voo delirante para uma escrita acadêmica, Mairce pudesse, se necessário, me aterrizar. É claro, como diz o ditado: *o cavaco não voa longe do pau*¹². Apertei o *enter* do *notebook*, já desconfiada, quase convicta da resposta. Foi então que ela me respondeu, dizendo e provocando:

- (...) Quanto à proposta, adorei, muito ousada, vamos lá!!! Vai ter carta/história/ conto fazendo diálogo com Paulo Freire, Bakhtin, Benjamin, Larrosa, Walter Khoan também?

- Esse e-mail já é material de pesquisa?

Mairce leu as entrelinhas daquele *e-mail*. Não só soltou de vez as minhas asas, como também já sabia quem eu a chamaria para ser companhia naquele voo.

E foi assim, professora, que a escrita *arteira* foi dançando, compondo, deslizando, costurando, fiando, e tecendo as palavras dessa *professorapesquisadoranarradora*, que lhe reforça o **convite** para abrir as páginas desta Dissertação Coleção, cujas peças são as histórias de *vidaformação* narradas nas idas e vindas do texto, nas costuras da não linearidade do ir e vir do lembrar.

Uma coleção desejada¹³ e desorganizada no desempacotar (BENJAMIN, 2013) da pesquisa. Ancorada na arte de colecionar mais do que a própria coleção, como narrou Walter Benjamin¹⁴ (2013) em seus escritos no texto Desempacotando minha biblioteca no livro Rua de mão única.

De modo que, ao colecionar, pesquiso e, ao pesquisar, coleciono. Uma relação conquistada a cada história narrada, que, ao ser escrita, me aproximou dos colecionadores narrados por Benjamin. Aqueles que escreveram suas próprias histórias para conquistar seus

¹² Ditado popular usado quando se quer dizer que uma determinada atitude já era esperada para aquela pessoa realizar.

¹³ Desempacotando minha biblioteca- Um discurso sobre o colecionador – Walter Benjamin (1987).

¹⁴ Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve. Tampouco posso passar ao longo de suas fileiras para, na presença de ouvintes amigos, revistá-los. Nada disso vocês têm que temer. Ao contrário, devo pedir-lhes que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia após uma escuridão de dois anos justamente, a fim de, desde o início, compartilhar comigo um pouco da disposição de espírito – certamente não elegiaca, mas, antes, tensa – que estes livros despertam no autêntico colecionar. Pois quem lhes fala é um deles, e, no fundo está falando de si. (...) despertam em si. Tenho a intenção de dar uma ideia sobre o relacionamento de um colecionador com os seus pertences, uma ideia sobre a arte de colecionar mais do que sobre a coleção em si. BENJAMIN (1987).

livros. Eles não as escrevem porque são pobres e não os podem adquirir-lo, mas porque estão insatisfeitos com os livros que podem comprar e não lhe agradam (BENJAMIN, 2013).

Na arte de colecionar histórias como peças que portam memórias, avivam lembranças e pensamentos, fui tomando consciência ao rememorar-las, permitindo-me lançar um olhar benjaminiano, incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga coisas diferentes (BENJAMIN, 2008, p. 241), durante a seleção e a conquista (escrita) de cada história narrada.

As histórias narradas guardaram lugares visitados, por essa *professorapesquisadoranarradoracolecionadora* nos encontros com as crianças, as professoras, a escola, as *gentes que moram dentro da gente* (RIBEIRO, 1997). Personagens que dividiram comigo as cenas dessa grande história chamada *vidaformação*.

Mas, para seguir desempacotando a pesquisa, foi preciso (des)ordenar os achados e eu ainda não sabia *o que* fazer. Como seguir com a pesquisa? Ao ver nos achados a sua diversidade, complexidade, subjetividade e (des)ordem, fazer o quê? Como materializá-los, em escrita, para continuar a compor uma Dissertação Coleção?

Nessa busca, fazer um inventário surgiu como possibilidade de organizar os achados da pesquisa após os conselhos insistentes de Mairce. Um gosto de convite à leitura do texto de Jaqueline Moraes e Guilherme Prado¹⁵, que me fez companhia ao inventariar os achados encontrados em meus guardados de professora. Mas, essa e outras histórias, que compõem esta Dissertação Coleção, aguardam ser lidas/conversadas por/com você em dia, hora e local marcados.

Data: no dia que o coração desejAR.

Hora: quando o tempo permitIR.

Local: aonde o pensamento levAR

¹⁵ Inventário: organizando os achados da pesquisa (PRADO, MORAIS, 2011).

1 PRIMEIRO VOLUME

Figura 1 - Convite



Fonte: A autora, 2022.

1.1 A escolha

- () Histórias entre remetentes e destinatárias.
- () Memórias: escritos em linguagem de narrar.
- () Inventariar: entre achados e memórias, a pesquisa se dá na escrita arteira.

Era mais uma noite, daquelas que se fazem silenciosas, após as conversas durante o jantar, e em seguida:

- Boa noite, mãe; boa noite, pai. (ressoados por Rara)

- Boa noite, filha! Respondemos eu e Helton, no tom, relembrando o boa noite da série The Walton¹⁶.

- Boa noite, Mary Ellen!

- Boa noite John Boy! E todos se aquietavam.

No silêncio da casa, Helton, meu companheiro cúmplice, seguia para as suas leituras descompromissadas, ou de estudo no quarto, enquanto eu ainda pensava qual seria a primeira peça-história colecionada-escrita a ser passada de pessoa para pessoa. Histórias que me propus a trocar com você como um modo de *intercambiar experiências* proposto por Walter Benjamin (1996).

Na escolha da história que inauguraria a Dissertação Coleção, como quem persegue, conquista, seleciona, compõe e cria uma pesquisa como a própria arte de colecionar, compondo um mosaico (coleção). Prestes a ser revelada, escrita, exposta, tomou-me a existência da colecionadora, aquela narrada por Benjamin (1994). Ele que, mesmo como um exímio colecionador, ao desempacotar os livros de sua biblioteca, vivia a tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem (1987), esta vivida por quem se aproxima da arte de colecionar.

Para escolher a primeira história colecionada, era como se eu, do chão, olhasse para cima de uma grande biblioteca, do tipo E-NOR-ME, como aquela do castelo da Fera, do conto A Bela e a Fera¹⁷, em que Bela fica encantada ao ver tantas histórias nas infinitas estantes sem saber qual escolher. Ou a biblioteca da Casa de Rui Barbosa, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, a qual, de tão repleta de histórias, precisava até de uma escada para subir e (des)ordenar tal coleção.

O que sei é que entre a ordem e a desordem, a escrita foi um modo de manter palpável a narrativa das experiências do vivido de *vidaformação*, por mim, colecionadas. E, sem escada ou príncipe (A Fera), *com a pena na mão*, tomei-me a **escrever**.

Descobri que
ao **escrever**, narro,
ao narrar, **escrevo**.
ao **escrever**, me formo
me afirmo como
professorapesquisadoranarradora
(nas silenciosas noites de 2020)

¹⁶ A série que retratava uma família de camponeses, em que se despediam, antes de dormir com o clássico “boa noite John Boy! Boa noite, Mary Ellen”.

¹⁷ Conto de fadas francês, originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, tornou-se mais conhecido em sua versão de 1756, por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, que resumiu e modificou a obra de Villeneuve.

1.2 Porque sou feita de histórias, canto e costuro asas de voar

Era quase madrugada, mas o galo apressado que cantava no terreno ao lado, queria anunciar um novo dia. Eu, já inquieta, na tentativa de selecionar as histórias que armazenaria em anotações no meu caderninho de capa preta, antes do dia clarear, ainda me pegava a perguntar:

- Por onde começar?

Naquela noite, a pergunta ecoava no silêncio. Por quantas vezes, cantei a música do grupo Tiquequê, a mesma cantada com as crianças na escola: *Quero começar, mas não sei por onde/ Onde será que o começo se esconde*¹⁸?

Cantarolei e, mesmo assim, não encontrei o começo. Fui, então, procurar o começo na poesia de Manoel de Barros. Mas só encontrei o *descomeço*.

A falta de resposta para a pergunta trouxe-me à lembrança um personagem sagaz e contador de histórias, apresentado por Ariano Suassuna em sua obra, o Auto da Compadecida. Com nome de peralta, Chicó, ao ser indagado sobre algumas das suas histórias e não sabia o que responder, dizia: *não sei, só sei que foi assim*. Esse era Chicó: cabulava as respostas que lhe colocavam em saias justas sobre suas histórias e seguia com as suas aventuras pelo sertão nordestino, contando outras e mais outras peripécias da sua vida. Para Chicó, narrar seus contos era um motivo para continuar a viver, e isso o movia.

Sabe professora, eu percebi que não precisava de um começo começado do começo para escrever. Eu precisava encontrar o que me movia para contar/narrar escrever, reafirmar, inspirada nos escritos de Jaqueline Morais (2006), que todas as histórias, sendo singulares, merecem ser contadas. Foi, então, que encontrei, nos guardados da memória, as histórias e, nelas, as gentes que me constituíram pessoalmente e profissionalmente. Eu aprendi com um sábio passarinho que disse ao poeta uruguaio Eduardo Galeano (2012) que, embora os cientistas digam que somos feitos de átomos, na verdade, somos feitos de histórias.

Ah, sábio passarinho! Eu começo por ouvir a sua voz cantante, como se estivesse na árvore em frente à minha casa em dias de primavera: *Somos feitos de histórias*. Feitos das histórias vividas, narradas, cochichadas e até inventadas e, porque também não dizer, cantadas.

¹⁸ Grupo Tiquequê, CD Tu toca o quê? – 2015.

Histórias de vida e de toda essa massa de gente nessa geleia de raças, ancestrais e amigos. (...) gente que se foi e de quem ainda não nasceu, como escreveu-nos o autor Jonas Ribeiro¹⁹.

É hora de costurar asas de voar, alinhavadas de memórias e, com elas, fazer meu voo. Ora rasante, ora distante, em bando ou solitária. Ir a muitos lugares na escrita do memorial- um grande volume na composição da Dissertação Coleção. A oportunidade de narrar a minha própria história, repleta de outras, com inúmeros personagens, assombros, estranhezas, experiências, descobertas. Histórias narradas com *pop-ups*²⁰ de memórias que alinhavarão, com os seus fios meus percursos formativos.

O memorial concebido como potente dispositivo de formação, sendo parte constitutiva das dissertações, teses e monografias de graduação dos componentes do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais - ALMEFRE, da Faculdade de Formação de Professores/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ, coordenado pela Professora Dr.^a Mairce Araújo, do qual tenho a alegria de fazer parte.

Ao viver a experiência da escrita do memorial, percebi que esse gênero percorreu toda a pesquisa, extrapolando o texto inicial, reafirmando a potência formativa das pesquisas autobiográficas, compreendendo que *vidaformação* não se dissociam, enquanto dou a mim mesma, o que afirmam Prado e Soligo (2005), uma identidade pessoal e profissional.

Você deve estar ainda se perguntando:

- Mas, afinal, o que é um memorial?

Compreendo-o, aqui, como dispositivo narrativo, escrito em primeira pessoa, ou seja, por quem foi atravessada pela experiência de puxar os fios do novelo da memória, a qual é a narradora, aquela que pode fazer com que a arte de narrar não entre *em vias de extinção*, pois, ao narrar, retira da memória as experiências do vivido e a conserva. (BENJAMIN, 1985). Ela também é, como na afirmação de Prado e Soligo, *protagonista das memórias e reflexões, ao pensar nos porquês das suas atitudes, diante das situações que vive e nos acontecimentos que*

¹⁹ Em seu livro *Gente que mora dentro da gente*, da editora Abacate, Jonas Ribeiro, com sua linguagem sensível e divertida, nos conta que somos feitas de gente, mas *não é só a nossa panelinha de dois ou três gatos pingados*. Afirma que *penas de gente moram dentro da gente*. Que somos feitas de gente que se foi e de gente que ainda não nasceu. *Somos uma geleia de raças e ancestrais. Que, como um baleiro, mas que, ao invés de balas, guardamos gente dentro da gente*, nos convidando a experimentar as gentes de todas as cores e sabores.

²⁰ O termo *pop-up* é usado para definir os livros infantis, em que suas imagens saltam em dimensões 3D, ao abrirmos suas páginas, fazendo com que estas fiquem em destaque para ilustrar as histórias contadas. Embora seja uma palavra que sugere o estrangeirismo, foi usada por ainda não termos um vocábulo que defina a expressão na língua portuguesa.

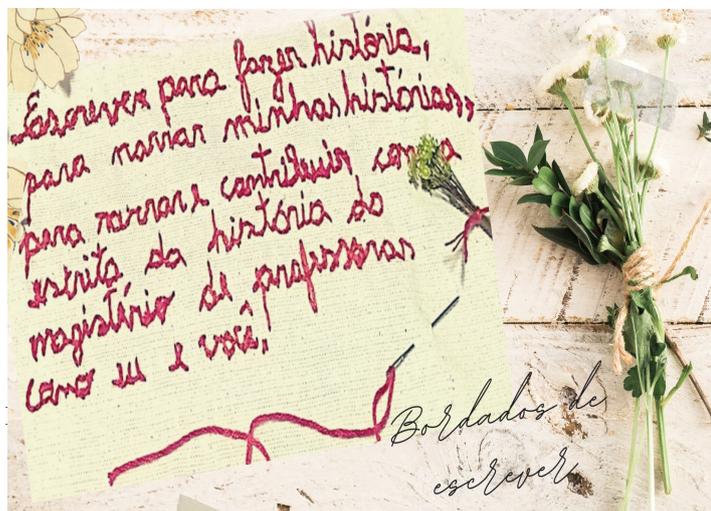
se sucedem ao seu redor e dos quais participa como atriz ou mera expectadora (PRADO E SOLIGO, 2005).

Na escrita do memorial, cada experiência é única, por isso, há uma subjetividade em formação que se revela. Escrever imprime nosso modo de ser e de viver, imbricados em cada palavra, no qual é possível *ficar consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia*. (LISPECTOR, 1999, p. 254). Como Clarice (1999), ao me perceber consciente dos acontecimentos, após escrever, reafirmando que a escrita revela e potencializa nosso jeito de ser e estar e ver no/o mundo. Por aqui, segui escrevendo, tomando consciência do que eu não sabia que sabia, no exercício de uma escrita reflexiva, identitária e formativa. Com os conselhos de Prado e Soligo (2005), de que escrever é fazer história, escrevi esta Dissertação em modo coleção:

para fazer história
para narrar minhas histórias
*para contribuir com a escrita da história do
magistério de outras professoras como eu e você.*

(inspirações momentâneas durante as escritas noturnas, 2021)

Figura 2 - Bordados de escrever



1.3 Memoriar: escritos em linguagem de narrar

Era uma tarde de dezembro, verão de 2019, a alegria e o coração acelerado tomaram conta de mim. Um misto de felicidade e responsabilidade pelo que tinha acontecido. Recebi a

notícia da aprovação para o mestrado da FFP/UERJ. Era hora de retornar para a Universidade, por vezes sonhada, desde quando passava em frente ao prédio, quando menina, e, ao vê-la, pela janela do ônibus, perguntava à minha mãe.

- Que colégio grande é esse?

E dela ouvia:

-Essa é a faculdade dos professores!

Assim, a Faculdade de Formação de Professores (FFP), no período de 1995 a 1999, foi a Faculdade das Professoras, graduandas da segunda turma do curso de Pedagogia, constituída por professoras que já atuavam na escola básica. E, por quatro anos, em sistema seriado de ensino, passávamos nossas manhãs juntas, na companhia das professoras da turma e as companheiras da turma vizinha, alguns poucos funcionários, alguns cães amigos, outros nem tanto, nos longos e vazios corredores que, nem de longe, comparavam-se à Universidade, com a qual me reencontrei em 2015.

Nos corredores repletos de *gente jovem reunida*²¹, fui retomando cenas, cheiros, vozes que passei a assistir, ao retornar à FFP para participar de Seminários, organizados pelo Grupo Vozes da Educação; bancas de qualificação e defesa de amigas; Fórum de Leitura e Escrita de São Gonçalo-FALE/SG²², coordenados, à época, pelas Professoras Jaqueline Moraes e Mairce Araújo; atividades do Grupo de pesquisa GIFORDIC²³, coordenado pela professora Maria Tereza Goudard Tavares; “Encontros de Pesquisa-Formação: A Escrita de Narrativas Docentes²⁴ (2015), coordenado pelas professoras Jaqueline Moraes e Inês Bragança e para a disciplina Formação, Identidade e Histórias de Vida, articulada pelas Professoras Mairce Araújo e Inês Bragança, cursada, por mim, como ouvinte, encorajou-me a estreitar minha relação com o mestrado.

²¹ Verso da música *Como os nossos pais* composta por Belchior em meio à ditadura militar. Em 1976, foi sucesso na brilhante interpretação de Elis Regina.

²² O Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita de São Gonçalo, teve a sua primeira edição na UERJ/FFP em maio de 2009. A partir desse ano, cada encontro do FALE-SG, busca uma conversa entre uma professora da universidade, uma professora da escola básica e uma mediadora. São proposições dos encontros: conversar discutir e refletir sobre práticas alfabetizadoras realizadas cotidianamente nas escolas como ações formadoras e afirmativas.

²³ Grupo de Estudos e Pesquisas da(s) infância(as), Formação de Professores(as) e Diversidade Cultural.

²⁴ Dos memoráveis encontros nas noites de quinta, de setembro a dezembro de 2015, na FFP/UERJ, resultou o livro: *a Escrita de Narrativas Docentes*, organizado pela Prof.^a tecelã Jacqueline Moraes (in memoriam), Prof.^a Inês Bragança e Rodrigo Santana. No livro, composto por vinte e um textos, um potente diálogo entre a universidade e escola básica.

Nessas idas à FFP/UERJ, flertava com ela, a instituição, mas não com o mestrado. Gosto daquele lugar que guarda cheiros, sabores e histórias nas memórias de um tempo em que lutávamos pelo direito de ter a cantina funcionando, ou tentávamos convencer o tio da pipoca a ir pela manhã. Até mesmo correr da polícia nas passeatas contra a privatização da Vale do Rio Doce²⁵, na Avenida Rio Branco e ter orgulho de vestir a camisa da Universidade. Pois, aprendemos com Paulo Freire que educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante (FREIRE,1980, p.40). E, comprometida com a ação de educar, segui, levando comigo também, as tantas vozes ecoadas na *segunda sala do lado esquerdo do primeiro corredor do lado esquerdo de quem entra na*²⁶ FFP, no endereço em que vivi minhas manhãs por quatro anos.

Em 2019, dos flertes, meu compromisso foi ficando mais sério com a FFP. Fui tomando consciência do que representava estar no mestrado, com os incentivos de tanta gente que me acompanhou na lida docente e por compreender que vinte anos após concluir a graduação, eu poderia pensar em trazer, mais uma vez, a escola básica para dialogar com a universidade. Ainda com alguns medos, enchi-me com a coragem de professora e fiz a inscrição para o processo seletivo do Mestrado em Educação da FFP, *espaçotempo* que aguçava minha curiosidade ao vê-la pela janela do ônibus, ainda pequena. O resultado, com gosto de início, você já sabe, meu nome saiu na lista das aprovadas. Eu passei!

Mestranda, com o número da matrícula 2010653 e *boton* do Programa de Mestrado Processos Formativos e Desigualdades Sociais- PPGEduc no peito, foto tirada com a turma, oficialmente, orientanda da professora Mairce Araújo, trouxe uma grande lupa para me acompanhar no mestrado. E digo a você o porquê, professora companheira: mesmo que o seu olho seja bem grandão, é melhor usá-la sempre, para ampliar o seu olhar. Não para olhar uma *coisa* qualquer, mas para poder ir atrás das suas curiosidades, inquietações e virar uma bisbilhoteira.

Isso mesmo! No Mestrado, descobri-me uma professora bisbilhoteira, e das boas. Com curiosidades para fazer perguntas, investigar, explorar, pesquisar. Para ser mais sincera, passei a xeretar livros, sites, revistas, pessoas, guardados, como nunca. Armários e caixas, também xeretei; já que escondiam muitas pistas para essa

²⁵ A Vale do Rio Doce foi privatizada em 1996. A segunda maior estatal brasileira, após sua privatização, vem, em vinte anos, cometendo inúmeros crimes ambientais.

O de maior catástrofe, que será amargada por longas gerações, foi o rompimento da barragem de Brumadinho em Minas Gerais que matou vidas humanas, rios, espécies nativas da fauna e da flora e o rio que dá nome à empresa, O Rio Doce.

²⁶ Frase constantemente utilizada pelas alunas dessa turma.

professorapesquisadoranarradoracolecionadora que desejou escarafunchar memórias, guardados para escrever o seu memorial e tecer a sua pesquisa em modo coleção.

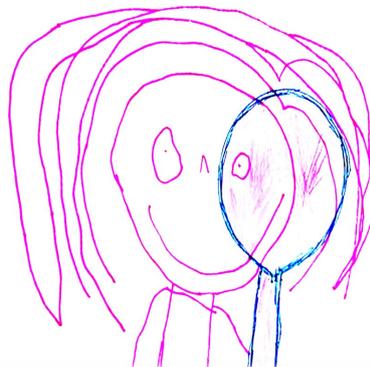
Diante da ordem e da desordem dos meus achados, rendi-me a inventariá-los. Incentivada por Mairce, também movida pelo texto de autoria de Guilherme e Jaqueline (2011), em que apresentam o inventário como possibilidade de organizar os achados da pesquisa (PRADO, MORAIS, 2011). Já lhe adianto que aceitei o desafio, mas essa é outra história que compõe as próximas páginas desta Dissertação coleção.

Com a **GRANDE** lupa (olhos de ver e sentir com o corpo inteiro), leio, anoto, guardo, gravo, fotografo tudo o que vou encontrando, durante a pesquisa. Eu passei a bisbilhotar cada **coisinha**, a qual poderia ficar bem **graúda** se você usasse a lupa. Seja nas lembranças retiradas dos porões da memória, ou durante uma busca nos guardados da casa, por vezes, empoeirados ou amarelados pela passagem do tempo. Durante a escrita, você percebe que cada memória é carregada de sentidos na constituição da pessoa professora que você vai se formando.

Nessa minha bisbilhotice, cada história vinda à tona durante a escrita do memorial, trouxe com ela os personagens que coadjuvaram para que, hoje, eu protagonizasse a minha história de *vidaformação*.

No inventário, por vezes, com pensamentos em rodopios, segui a organizar os achados, costurando-os minuciosamente de forma arteira em palavra escrita. Fazer o inventário me deu os sentidos do que eu desejava pesquisar e compreender as escolhas dos caminhos *teóricosmetodológicos* que alinhavavam a tessitura do *textonarrado*. Acumulei curiosidades na lida docente e as emergidas no inventariar dos meus guardados de professora. Com elas, o desejo do encontro com outras professoras colegas de profissão, para entrelaçar nossas experiências do vivido, costuradas em linguagem de narrar.

Figura 3 - Desenho Ana Kelly –
5 anos – um convite à
pesquisa e à curiosidade



Fonte: A autora, 2022.

1.4 Eu não sou todo mundo!

De segunda à sexta, ao fim da tarde, eu mal chegava da escola, muitas vezes, nem o uniforme trocava e já seguia para fazer o dever. Dever com gosto de dívida. Acredito realmente que devia a alguém, para todos os dias cobrir uns pontinhos e copiar letras inúmeras vezes, que a escola tentou me convencer que, dessa forma, eu aprenderia a ler e escrever.

- Jane foi a primeira da turma a ler e escrever. Dizia a professora orgulhosa, ao final da reunião de pais, para falar da formatura. Porém, durante o ano, eu não entendia por que ela, ao entregar os cadernos corrigidos, falava:

- Jane Marchon! Primeiro, ela entregava somente a capa do caderno. Tempos depois, o segundo: “Jane Marchon” ecoava e, assim, ela entregava o caderno em si.

Sinal de desleixo de uma menina de seis anos? Esse seria o único motivo daquela bendita capa não acompanhar as folhas, o que me fazia encolher na carteira de vergonha?

O caderno chegava com um grande e rubro visto.

Ufa! Tinha passado o momento da entrega, que, para mim, só servia para me levar ao cume da tensão. Já na docência, fiz da tensionadora situação, motivo para aprender a não só mudar a cor da caneta, mas a pensar formas outras de intervir nos materiais das crianças. Quantos cadernos coleí, encapeí, grampeeí, encadernei ou até substituí para que as capas não precisassem ser entregues antes dos cadernos? Não me afastar da menina que fui, fazer dela companheira, ajudou-me a pensar algumas ações da escola. Pois minhas histórias de criança da

classe popular também eram histórias de muitas das crianças com as quais encontrei pelas escolas e isso nos aproximava.

Então, se não cobre, não copia, faz o quê? O que sabia era que não foi pagando a tal *dívida* cobrindo os pontinhos e copiando nos frequentes e repetitivos deveres, que me arriscava a escrever, muito menos a ler. O que eu gostava mesmo de fazer era acompanhar minha mãe Landinha, traçando os moldes das roupas que costurava ou de anotar as medidas das freguesas durante a confecção de um lindo vestido ou delicada blusa. Por vezes, via minha mãe fazendo as anotações das costuras, nomes das clientes nos tecidos ou caderninhos de costura, ou nos bilhetes que, até hoje, ela escreve e pendura pela casa para *lembrar das coisas*. E, quando fiz a primeira anotação das medidas de uma de suas clientes, demonstrando que já sabia fazer com propriedade tal ofício, fui nomeada sua assistente. Escrevia o nome da cliente e, olha que havia alguns bem complicados, altura do corpo, busto, cintura, quadril, saia... O quartinho de costuras de Landinha era bem mais interessante do que cobrir pontinhos.

Lembro-me de mamãe, dizendo:

- Jane, essa aqui, nunca gostou de modelos!

Eu reclamava e até chorava como forma de protesto por fazer coisas repetitivas e/ou sem sentido para mim. Também não gostava de usar roupas iguais a todo mundo, gostava dos vestidos feito à mão, criados por minha mãe. Meu penteado era, artesanalmente, feito por ela com creme *Shen*²⁷ da Avon, elástico de roupa e com acabamento em fita pomposa. Não gostava do *kichute*²⁸, mesmo comprado com esmero por meu pai, para *durar bastante*, porque era igual ao de *todo o mundo*. E se *tem uma coisa* que minha mãe falava e que eu aprendi logo, era que eu não era todo mundo.

A ideia de tudo sempre igual, do mesmo jeito ou do *sempre foi assim*, me incomoda até hoje e, desde o Jardim de Infância, me acompanham. Chorava e reclamava muito, por ter que *cobrir os pontinhos* diversas vezes, com movimentos repetitivos ou copiar letras e números exaustivamente nas folhas, com sobras coladas em pequenos cadernos.

Em casa era um tormento! Queria logo aprender a ler e a escrever, pois, assim, achava que os exercícios exaustivos e repetitivos cessariam. *Ledo engano*, como diria minha amiga Roberta. Aprendi a ler, a escrever e até me livreí dos pontinhos, mas as atividades de cópia,

²⁷ O Creme *Shen* da Avon perfumarias do Brasil, era o creme usado por minha mãe para pentear o fino cabelo cheio de cachinhos. Ele demorava meses para chegar. Por isso, era preciso, se possível, comprar a quantidade que garantisse a mim e ao fino cabelo integridade ao penteá-lo.

²⁸ Kichute, calçado escolar muito difundido nos anos 70 e 80, com a promessa de durabilidade e conforto para os estudantes. Essa parecia ser a justificativa para o seu valor elevado.

treino e repetição, ainda me acompanharam por muitos anos na escola, sendo motivo para a minha incompreensão das propostas e dos meus porquês, muitas vezes, revelados em forma de choro ou recusa em fazer as atividades.

Figura 4 - Cobrir, copiar, costurar – Por Jane Marchon



Legenda: Foto por Rara Marchon.
Fonte: A autora, 2022.

1.5 A menina professora da escola do quintal

Menina nascida na Casa de Saúde São José, localizada na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro – RJ, no bairro de Santa Catarina, onde morei até os meus quatro anos. Frequentava a bucólica e tradicional pracinha do Zé garoto, onde ficava a escola em que estudavam, Márcia, minha irmã mais velha e meu único irmão Kinho o Ginásio Estadual Nilo Peçanha. Na mesma praça, eu era figurinha conhecida no pronto-socorro infantil por chegar sempre acompanhada por uma bronquite, que, por muitos anos, insistiu em comigo seguir. Não sei se foi embora com os tratamentos de vacina que fiz, pelas inúmeras simpatias, remédios caseiros ou pelas idas à benzedeira da rua onde morava, à qual eu mesma pedia para ir. O que sei é que, depois de tantas idas e vindas, nunca mais precisei ir ao pronto-socorro.

Mudei-me aos quatro anos para a sonhada casa própria, no bairro de Santa Luzia, também no município de São Gonçalo. A casa conquistada por meus pais, paga em carnê com parcelas mensais à Fininvest²⁹ que perdurou por anos para continuar a construção da casa.

²⁹ Empresa financiadora de empréstimos para trabalhadores.

Essa casa sem luxo, feita a muitas mãos, me remete à poesia de Manoel de Barros (2008) e seu *quintal maior do que o mundo*. Meu quintal foi cenário de aventuras com amigas e amigos e das brincadeiras de escola. Éramos meninos e meninas da *invencionática*, na escola do meu quintal, com a liberdade que a infância nos permitia.

Modelávamos bonecas, personagens de outras brincadeiras, panelinhas e vasos para plantas, com o barro que saía do poço furado no quintal. Quantas cores e texturas! E as cabanas construídas com madeiras que sobravam das obras da casa cobertas com lençol? Eram tantas as peraltagens, que deixava minha mãe de cabelo em pé.

A todo tempo, exercitava minha meninice à procura de algo para explorar e me expressar. Adorava desenhar nos muros da minha casa com cal. Mas, certa vez, eu estava toda contente, *me sentindo* por ter conseguido desenhar o rosto de um grande palhaço na parede da varanda, bem na entrada da porta da cozinha e, ao chamar minha mãe para ver, ela disse:

- Bonito! Mas, em um tom diferente do que costumava falar. O motivo, eu entendi quando meu pai chegou do trabalho.

Nunca pensei que todo o meu esforço em realizar aquela conquista de fazer um verdadeiro painel na parede estremeceria os céus. Com a voz firme, aquela que os pais costumam ter, quando somos pequenas, meu pai esbravejou, perguntando:

- Aqui é lugar para desenhar?

Na hora, não respondi, porque já sabia que, *para ele*, aquele não era o lugar para desenhar. Mas, para uma criança, curiosa, exploradora e das *artes de fazer* (CERTEAU, 2008), todos os lugares são um convite a expressar-se *arteiramente*.

Meu irmão Marquinho tinha um borboletário e observávamos atentamente as lagartas, os casulos, as borboletas e as suas metamorfoses. Kinho era um menino biólogo, que se interessava, preferencialmente, por insetos. Na escola, *não era inteligente*, a sua singularidade e a alteridade não eram compreendidas. A concepção de criança como um *vir a ser* e da apropriação do conhecimento como um processo sequencial e acumulativo, do pouco para o muito, prevalecente na escola, não podia reconhecer os saberes por ele construídos fora do ambiente escolar. Kinho no quintal de nossa casa, era uma espécie de enciclopédia dos bichos. Mas, para a escola, era o menino que *vivia nas nuvens*. Eu diria que ele vivia a vida!

Meu irmão, depois de ter sido reprovado na escola por duas vezes, perdeu a vaga, fato que, antes, era comum nas escolas públicas, atribuindo o fracasso da criança à sua falta de interesse; um subterfúgio para excluir os que não correspondiam aos ensinamentos como a maioria, ou seja, um modelo de escola que afirma a todo tempo o cerceamento da matrícula e a

permanência das crianças das classes populares, na educação pública. Assim, sem uma legislação, à época, que lhe garantisse a permanência na escola, meus pais matricularam Kinho em uma escola particular. Para ele, a escola continuava a não ter sentido. Seus interesses, narrativas e criações não interessavam a uma escola excludente dos saberes da experiência de uma criança.

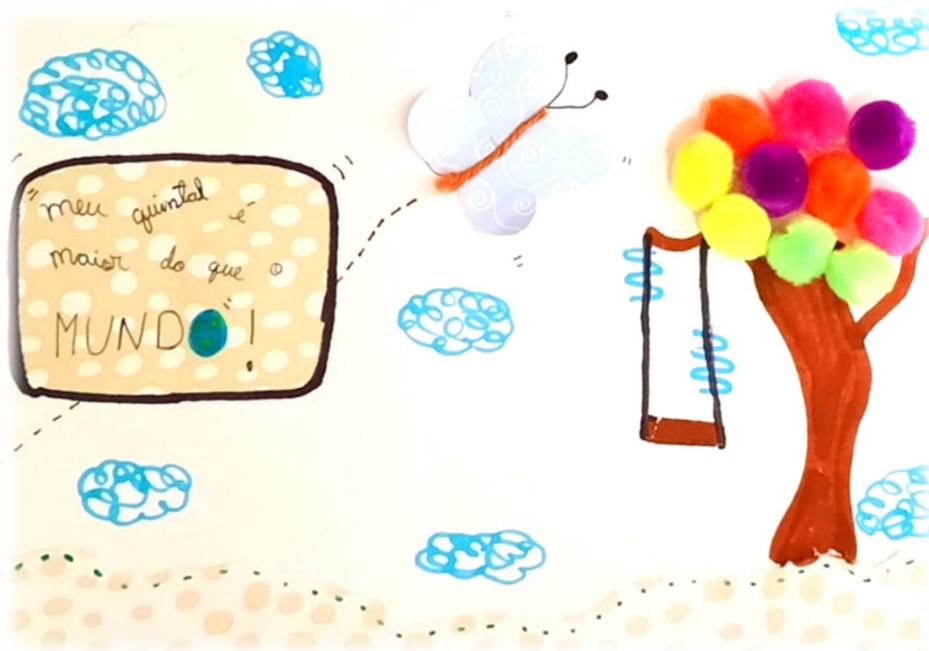
Lembro do dia em que meu irmão apresentou o boletim ao meu pai e disse: *A escola não é para mim! É melhor eu trabalhar*. Meu pai com olhos arregalados, marejados e um pouco desapontado, pois tinha planos para o meu irmão de ter uma vida melhor do que a sua, considerando não ter essa vida melhor pela *falta de estudos*, compreendendo o saber da escola como o único a ser considerado. Hoje, percebo como aquela conversa foi difícil para os dois. A escola representava, para eles, a possibilidade de uma vida melhor, porém, para o Kinho, aquilo não era para ele. Meu pai achava que tinha falhado de alguma forma. Com uma representação tão forte na vida de ambos, a escola ficou na lista das *coisas que não são para mim*.

Kinho continuou sendo aquele menino biólogo, com olhar para os animais que tinha na infância. Hoje, tem uma Casa de rações. Sobre a escola, ele ainda diz não ser para ele, entretanto vibra com as conquistas do filho, meu sobrinho Marcos Vinícius, aluno da Universidade Federal Fluminense (UFF). Kinho diz ser meu fã e admirador dos meus caminhos de professora com lembranças da infância. Nesse sentido, percebo que mesmo a escola não se fazendo para muitos, em sua organização cartesiana de conhecimentos, ainda evoca expectativas de ascensão e melhoria social para as classes populares, como apontam os estudos sobre juventude e classe social de Sposito (1994). Penso ser preciso continuar, mas com a conclamação que nos inspira Freire (1996), para que essa escola se apresente como um espaço de luta pela liberdade de pensamentos, identidade e alteridade de crianças, jovens e professoras.

Minha mãe Landinha, artesã costureira, a partir do meu nascimento, passou a trabalhar em casa. E, entre tecidos, linhas e as máquinas de costura foi promotora das minhas *invencionáticas* da infância, apesar do tempo corrido. Por isso, ela recebeu o cargo de diretora da escola, inventada no quintal de casa. Além do carinhoso lanchinho preparado por ela, após a brincadeira, permitia que a criançada frequentasse aquela escola que subvertia, onde o tempo parecia não passar, e que as *coisas desimportantes* que servem para poesia, nas palavras do poeta, serviam, também, para expressar formas outras que as crianças encontram de ser e estar no mundo. Na escola da infância, eu, meu irmão e as outras crianças, não éramos um devir. Vivíamos uma *infância menina* (KOHAN, 2020), que nos permitia viver, atravessados,

intensamente, por nossas curiosidades e peraltagens, em uma escola aberta; a alegria e ao companheirismo com cheiros da infância.

Figura 5 - Meu quintal é maior do que o mundo- Por Rara Marchon



Fonte: A autora, 2022.

1.6 Maria, ela poderia se chamar Maria

Landinha, apelido dado a minha mãe por seu pai, é a filha mais velha dos meus avós. Cresceu na roça e sabe o valor das coisas miúdas para a vida. Já moça, como dizia meu avô, saiu de Casimiro de Abreu, interior do estado do Rio de Janeiro e foi para Copacabana, zona sul da Cidade do Rio de Janeiro, para morar na casa em que trabalharia. Lá conheceu meu pai, José, o rapaz que atendia na mercearia, frequentada por ela. E, embora tivesse assumido os afazeres da casa, ainda com onze anos, cuidando dos irmãos e um primo ainda pequeno, após a internação e falecimento da minha avó por tuberculose, tinha sonhos de constituir a sua família, casar e ter filhos, como muitas **MARIAS**³⁰ cantadas por Bituca - Milton Nascimento.

³⁰ (...) Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri quando

Eu, sua primogênita biológica, gerada entre as costuras e máquinas quando minha mãe ainda trabalhava em uma confecção, suas amigas diziam que meu nome seria JUK, nome da máquina em que trabalhava, enquanto fui gerada. Nasci na noite em que acabara de entregar uma grande e importante encomenda. Muitas eram as preocupações de minha mãe, quando nasci, pois meu pai estava desempregado, e meus dois irmãos mais velhos, Marcia e Marquinho, do primeiro relacionamento de meu pai, estavam em processo de guarda definitiva e chegariam, em breve, para também se tornarem seus e passarem a chamá-la de:

- **MÃE**zinha! (como até hoje a chamam).

Tanta era a preocupação de minha mãe com o crescimento da família, desemprego de meu pai, que ela sonhava comigo sentada na calçada como uma criança abandonada, mas que eu tinha exatamente a mesma carinha do sonho dela, quando nasci. Ela ainda costuma repetir isso nas diversas vezes em que fala do meu nascimento.

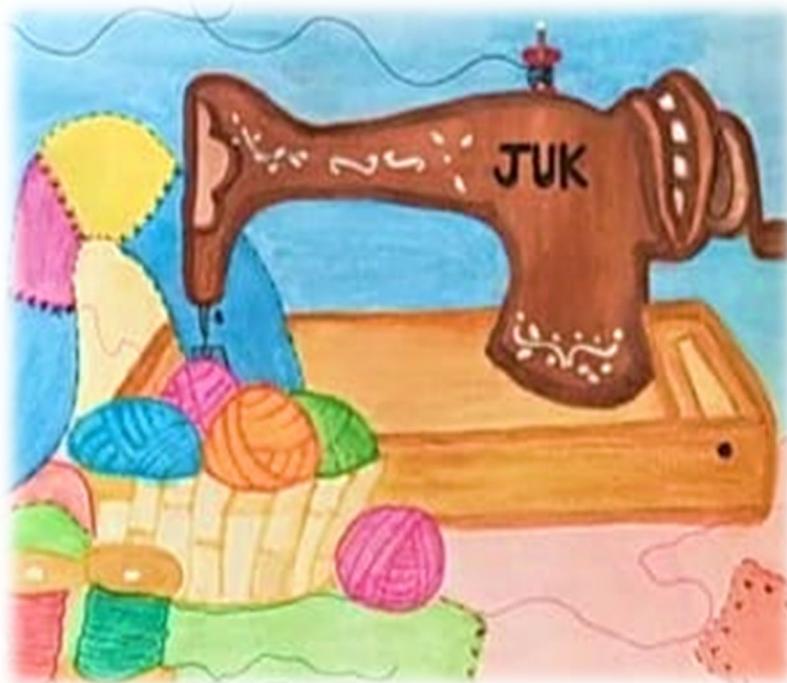
Ah, essa mulher! Ela me inspira. Minha parceira incondicional, cúmplice desde as *mirabolâncias* da infância, me ensinou e me ensina a simplicidade da vida. Minha grande incentivadora e formadora da mulher que tenho me tornado. Hoje, ainda fazemos peripécias, gargalhamos de nós mesmas, criamos algumas artes, trocamos opiniões, saímos sem ter hora para voltar. Ela é a avó e a grande amiga de Rara, minha filha e preparava-se lendo os livros da Rara, enquanto ela dormia, para depois contar as histórias *direito*. Também contava histórias com os objetos que Rara ia tirando da caixa de brinquedos, com personagens e vozes variadas.

Ela é a mulher, mãe, avó da minha vida! Ensinou-me a arte da criação, do feito à mão, da singularidade, *que eu não sou todo mundo*. Assim, uso a costura não para criar roupas ou outras *coisas* mais elaboradas, costuro para criar *coisinhas* afetuosas, matar a saudade, para me aproximar dela, de tê-la quando não posso estar perto. Sigo nas artes que ela me ensinou: o costurar, o cantarolar, mesmo quando as *coisas* não estão tão bem, na esperança de que vão melhorar, o dançar pela casa, o cuidar do(s) outro(s); a luta diária de uma mulher, que *possui a estranha mania de ter fé na vida!* Por isso, **ELA PODERIA SE CHAMAR MARIA**

deve chorar
 E não vive, apenas aguenta
 Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria

Trecho da canção de Milton Nascimento

Figura 6 - Entre as costuras, tecidos, agulhas, linhas



Legenda: Foto por Rara Marchon.
Fonte: A autora, 2022.

1.7 Eu e as escolas, as escolas e eu

PONTUAL ↗
ASSÍDUA ↗
PARTICIPATIVA ↗

É bem verdade que eu atendia a todos os critérios básicos de uma *boa aluna*. Na adolescência, me engajei em todos os movimentos da escola, nos quais, eu pudesse me expressar de outras formas, além das respostas prontas solicitadas pelos livros em sala de aula. Fui secretária do Centro Cívico Escolar, da comissão organizadora da horta da escola, colaborei na organização das Feiras de Ciências escolar e municipal, dos Festivais de música e poesia. Além de compor a banda escolar, e o coral que unia canto e danças folclóricas. Essas propostas eram o respiro que me reaproximavam da escola do meu **QUINTAL**, onde as múltiplas linguagens se cruzavam, possibilitando outras formas de expressão e compreensão dos conhecimentos que o mundo me oferecia.

O tempo passou e chegou o dia da decisão: eu não tinha dúvidas, seria professora, de verdade! Escolhi o curso de Formação de Professores para viver aqueles próximos anos. Fiz o imaginário da escola do meu quintal virar realidade! E, durante os três anos do ensino médio, usei o tão sonhado jaleco azul, costurado por minha mãe. Aprendi a cantar o hino da normalista³¹, a ter letra bonita, a apagar o quadro com destreza, e concluí, com êxito, a minha pasta de efemérides. Fui preparada para a “escola ideal”, onde tudo dava certo, bastando fazer *o quê* nos diziam os manuais e os preceitos da boa didática nas aulas de prática pedagógica. Será? Faço esta pergunta, porque, ao chegar à escola como professora, precisei me reencontrar com a escola do meu quintal, e com aquela professora que, nela, brincava, pois, dentro de mim, ela continuou morando e, se bem me lembro, não tinha manuais a seguir; agia com autonomia e coragem menina.

No último ano de formação, após uma aula prática, fui convidada para assumir, no ano seguinte, uma turma com crianças de cinco anos de idade da Educação Infantil em uma escola da rede particular. Assim, aos dezessete anos, cheguei à sala de aula com poucas certezas e múltiplas incertezas, que faziam meu coração acelerar e a respiração ofegar, mas não apagavam a vontade, a alegria e as delícias de me encontrar com as crianças. Começaram, ali, os conflitos entre a teoria aprendida no curso normal e as demandas trazidas pela prática da professora iniciante. O que me inquietara como criança, na escola, agora, inquietava-me, também, como professora.

³¹ O Hino da Normalista, com letra de Iza Amarante e música da prof.^a Carmem R. Alt, revela em sua composição indícios da ditadura dos anos 60, que apontava a professora como a mulher redentora, combatente como um soldado, seguindo normas e padrões com seu manual, como uma missão.

Hino da normalista

Normalista formosa esperança
 Que uma estrela nos faz entrever.
 Trabalhar pelo bem da criança
 Seja tua razão de viver.
 Normalista o Brasil sempre espera
 Que combatas as forças do mal.
 Na cidade no lar na tapera,
 Mostra ao mundo que tens ideal.
 Educar é missão muito nobre
 É preciso lutar e vencer
 Que este amado pendão que nos cobre
 Não te veja fugir do dever
 Pouco importa se ao longo da estrada
 Vais as mãos de espinhos ferir
 O que importa é cumprida a jornada
 Ver a estrela da Pátria fulgir.

Durante o curso Adicional em Pré-escolar, fui convidada para trabalhar em outra escola, também privada que inauguraria próximo à minha casa. Escola recém-inaugurada, grupo novo, novas expectativas, e lá estava eu, mais uma vez, atuando na Educação Infantil, sendo desafiada a cada choro, mordidas, fraldas... A professora ainda misturada na menina adolescente, buscava nela caminhos para seguir com as pequenas crianças, o que os manuais não diziam. As crianças e suas *cem linguagens*³² diziam-me sobre seus anseios, inseguranças, curiosidades. No meu *ainda não saber* (ESTEBAN, 1992, p.06), diante das necessidades das crianças, cometia erros. Mas também intuía que o erro poderia e pode ser uma forma provisória de aprender como nos ensina Freire (1995, p.71). Desde modo o erro era motivo para continuar a aprender a ser professora, sendo professora.

O cotidiano na escola era tão intenso que, ao chegar a casa, eu contava tantas histórias vividas com as crianças, que Ju, minha irmã caçula, já se irritava dizendo: Lá vem ela com essas criancinhas! Falar das crianças era um misto de histórias engraçadas e fofas, das **alegrices** de estar com elas, mas também a hora de botar para fora o que sentia: as loucuras, o desespero, as dúvidas, as incertezas ao ficar com dezoito crianças de três anos e duas de dois anos, uma auxiliar volante e as errâncias da professora iniciante e buscante.

Diante das inúmeras atribuições com as crianças da turma e com a impossibilidade de ter uma auxiliar comigo, comecei a perceber o quanto de (des)autonomia, nós adultos, proporcionávamos a elas. Ao tocar o sinal das 13h, eu as recebia na porta da sala que ficava de frente para o portão da entrada. Os responsáveis traziam as minúsculas lancheiras combinando com o tamanho de cada criança. Cada uma chegava com a sua **fofurice**. Era um festival de cachos, tranças, marias-chiquinhas, bonés coloridos, cabelinhos raspados. Algumas traziam flores encontradas no caminho para eu colocar no cabelo e outras já se faziam ouvir desde a rua por seu choro. O que me causava um misto de emoções e incertezas de como seria aquela tarde.

A falta de quem compartilhasse comigo aqueles momentos de tensão, as inúmeras lancheiras, que acabavam ficando em mim, penduradas e o choro que logo, logo adentraria à sala. Todo esse desespero fez com que eu percebesse que algo não ia bem.

- Como daria conta de realizar algo com as crianças que não fosse cuidar dos seus pertences? Tomar conta para não caírem, arrumar seus lanches?

- Para ser boa professora, teria que cuidar de todas as dezoito crianças da turma, totalmente dependentes de mim?

³² As cem linguagens da criança: um textopoesia do pedagogo italiano Loris Malaguzzi em que aponta as crianças se expressam em mais de cem linguagens: linguagens escrita, oral, artística, musical, corporal e tantas outras para conhecer o mundo a sua volta.

Não estou, aqui, negando as deliciosas relações de afeto com as crianças. Dividia-me para os inúmeros chamegos dados durante a tarde, a acolhida por saudade das responsáveis, o colinho rotativo na roda de conversa ou, enquanto estávamos cantarolando, contando uma história, ao tentar acalmar o choro que era reiniciado em vários momentos. Mas, nas minhas angústias reflexivas, pensava sobre refirmar as relações apenas de cuidar das crianças, reproduzindo os cuidados da família e me perguntava:

- Para que, então, as crianças iam para a escola?

Não podia confirmar o velho ditado que ouvia na infância:

- Vai para a escola só para comer merenda! Eu pensava não ser esse o meu papel.

- Será que, por estar com o grupo de dois e três anos, minha prática deveria ser cuidar de suas lancheiras, e mantê-las asseadas?

- E as crianças?

Nos conflitos de uma professora iniciante, eu, naquele ainda não saber, percebia que dicotomizava as ações de cuidar e educar. E esse não saber era confirmado pela lista de *conteúdo*, entregue pela coordenação, que deveria ser colada no caderno de plano a ser cumprida, ensinada, ticada quando trabalhada com a turma.

Para seguir com as crianças diante dos desafios impostos, foi preciso desconfiar de que estar com elas não poderia ser daquele jeito: não se resumiria a carregar lancheiras, cumprir e ticar uma lista de conteúdo.

Busquei o meu faz *o quê* com as pequenas crianças naquele *espaçotempo* da escola. Nele, provoquei-me a desafiar-las com ações que fazíamos juntas, para, logo depois, fazerem sozinhas. E não foi nada fácil. Foi cansativo. A cada dia, o desafio era construir com as pequenas crianças uma autonomia mútua. Se precisei encontrar um modo de aprender foi com elas, as vinte crianças de dois e três anos que me ensinaram que *cuidareducar* são ações cotidianas indissociáveis, como garantidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009). Embora miúdas em seus tamanhos, as crianças são graúdas em seu modo de ser e estar no mundo.

Eu ainda não havia sido apresentada ao jovem Lev Vygotsky, mas, após conhecê-lo, nas aulas da graduação, hoje, ao escrever este memorial, tomo consciência de que com aquelas ações, desenvolvíamos a zona de desenvolvimento proximal (2005). Esse foi o ensinamento do autor, ao qual, muitas vezes, recorri na lida docente para compreender a diferença entre fazer *para* e fazer *com* as crianças.

Ao passarem a trazer as suas próprias lancheiras da entrada até a porta e pendurá-las no ganchinho, colocar as suas agendas na mesa ou arrumar a caixinha de pertences da estante, cada

criança construía a autonomia em seu tempo singular. Assim, também ampliava o seu vocabulário, ao escolher o brinquedo para brincar, as tintas para pintar, ao falar das coisas que mais gostavam... As crianças ensinaram a esta professora, que também era desafiada por elas, a conquistar a sua autonomia docente. Um caminho que, hoje, sei que foi sem volta e será sem fim. Aprendemos a ser professora de muitos jeitos; para mim, um deles foi sendo professora com as crianças.

Com essa mesma turma, tínhamos que desenvolver no mês de agosto, uma pintura para o dia do Folclore. Uma data comemorativa³³ presente no calendário anual da escola. Cabia a cada professora realizar uma determinada proposta com seu grupo de crianças. Fui designada pela coordenação pedagógica a pintar com a turma o Boto cor-de-rosa.³⁴

À época, o incomodo ainda não era o fato de o Folclore ser visto apenas como uma data no calendário festivo de evento da escola, tendo, no máximo, uma semana entre a sua preparação e a realização. Mas, a predeterminação das atividades que nem mesmo nós, as professoras do grupo, éramos ouvidas, consultadas sequer convidadas a planejá-las.

- Poderia o Boto cor-de-rosa ter outra cor?

As crianças de dois e três anos pintaram o Boto cor-de-rosa, de rosa, amarelo, vermelho, preto, mesmo com as histórias e suas ilustrações sinalizando a cor do mamífero brincalhão. Desejaram, assim, expressar-se. As crianças, com a sua liberdade artística, subverteram o estereótipo, ao escolher diferentes cores para pintar. Hoje, percebo que não só as crianças eram/são aprisionadas, mas também as professoras que ousaram/ousam romper com concepções que cerceiam e oprimem os modos de *saberfazer*.

- Os botos deveriam ser rosa! – Disse a coordenadora, e, logo, pensei: Por quê?

Por que a flor tem que ser vermelha de cabo verde? Recordando o texto de Hellen Backer, A flor de caule verde, muito circulado nas escolas nos anos 1990. Por quê?

Juntando os meus porquês e *os quês*, inspirada pela minha escola do quintal, buscava, no meu *não saber*, construir caminhos que garantissem às crianças se expressar com liberdade. Fazíamos a roda para negociar um brinquedo preferido por todas. As fantasias não eram vestidas só em dias de festa. Pintavam o Boto cor-de-rosa com a cor de preferência ou escolhiam as fotos e/ou desenhos que gostariam de colocar expostos nos murais. Não tínhamos uma horta,

³³ O extenso calendário das datas comemorativas ainda se apresenta nas escolas como eixo orientador do currículo, conforme apontado na pesquisa de mestrado da professora Marta Maia (2011) intitulada: Educação Infantil, com quantas datas se faz um currículo?

³⁴ A Lenda do **Boto** cor-de-rosa, ou simplesmente a Lenda do **Boto**, é uma lenda de origem indígena que faz parte da cultura brasileira.

mas cuidávamos de algumas plantinhas que ficavam na janela da sala, que, para nossa sorte, era da altura das crianças, permitindo que elas pudessem ver o pátio e o parque.

Naquele tempo, eu ainda não compreendia o que estava por trás das minhas inquietações, mas buscava com as pequenas crianças realizar propostas que considerava oportuniza mais autonomia.

Um dia, na escola, encontrei um livro de capa amarela na estante da sala das professoras. Era um livro de Celéstin Freinet³⁵. Lembrei que minha professora Luzia, da formação inicial, também, possuía um exemplar daquele e, talvez, por isso, ao vê-lo, tenha logo me chamado a atenção. Dos poucos estudos sobre o autor, no acelerado tempo da escola, recordava-me das concepções de liberdade de expressão tão potentes em suas práticas. Assim, com o livro de capa amarela nas mãos, busquei com as crianças, fugir do tempo *chrónos*, o tempo da obediência do relógio, da produtividade, do tempo acelerado. Na contramão de *chrónos-limite*, vivíamos o tempo *aión*, tempo brincante, criançaado (KOHAN, 2003) que vive a experiência do agora. Esse tempo em que estive com as crianças nos primeiros anos da docência, nos encontros diários com os meus não saberes, os quais me desafiavam a continuar aprendendo com Freinet; segui, buscante.

O que vivi com as pequenas crianças naqueles anos iniciais da docência, desconstruiu/reconstruiu a formação que trouxera dos Cursos Normal e Adicional. Precisei revisitar a menina professora formada na escola do QUINTAL. Nela, busquei a infância menina, alegre, curiosa, corajosa para me acompanhar nos desafios e seguir na profissão em que, menina ainda, já havia escolhido nas brincadeiras do quintal. Comecei a me dar conta de que, como professora, precisava sair em busca dos caminhos da exploração e da autonomia que encontrara na escola do meu QUINTAL, pois havia em mim um *inacabamento* curioso que impulsionava a procura por outros espaços de formação.

Como o poeta pantaneiro, com o privilégio de *não saber quase tudo e isso explicar todo o resto* (BARROS, 2013), fui aprovada no vestibular para o curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Chegar à Universidade, me impulsionou e alimentou o movimento de pensar a minha formação e suas implicações políticas, éticas e sociais nas práticas com crianças. No ajuntamento de práticas, dúvidas, trajetórias, fui construindo experiências formativas diárias e desafiadoras. Levava a escola para a Universidade e a Universidade para a escola.

³⁵ FREINET, C. As técnicas de Freinet da Escola Moderna. Trad. Silvia Letra. 4ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

Nas manhãs ensolaradas, os encontros eram diários com a FFP. Costurados pelas histórias cotidianas das escolas e reflexões com os estudos de Freire (1996), compreendome como ser dialógico e inacabado, adquiri meu livro de bolso *Pedagogia da Autonomia*, mas eu ainda não tinha a dimensão de quanto aquele livro dialogaria com as minhas perguntas durante a jornada no chão da escola. Freire (1996) me ofertou o desafio de não só citar seus pensamentos, mas também de vivê-los profundamente no cotidiano da escola.

Pela professora Haidê, uma das fundadoras do curso de pedagogia na FFP/UERJ, fui apresentada ao Sr. Bakhtin e iniciei a compreensão do dialogismo entre *o eu e o outro*. Do jovem Lev Vygotsky, adquiri outra relíquia: “O livrinho de capa verde”, como chamávamos eu e as colegas graduandas da Pedagogia. O que me impressionava naquele jovem, ao ler seus escritos, era a sua capacidade de relacionar o pensamento à linguagem. Os diálogos com Vygotsky foram fundamentais para a compressão da zona de desenvolvimento proximal e, a partir dela, pude perceber os processos de construção de conhecimento entre as crianças das turmas nas quais atuava. Marx e o capitalismo me deslocaram a outras percepções da sociedade, na qual a escola está inserida. Esses tantos outros diálogos, que tive na Universidade, me instigaram a (re)pensar a escola em seus diversos campos e concepções: currículo, práticas, crianças e, principalmente, sobre a formação da professora.

A Universidade me despontou para o que eu antes, ainda não percebia: havia teoria nas práticas narradas por nós professoras. Foi essa percepção que também me acompanhou como professora das infâncias e professora coordenadora, no trabalho com outras professoras e me trouxe de volta à vida acadêmica para o Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais e investigar a formação da professora da Educação Infantil, a partir das narrativas sobre o *saberfazerperguntardizernarrarescrever* docente e, desse modo, refletir, afirmar-se e formar-se professora das infâncias.

Após ter realizado o concurso para o município de Itaboraí, recebi a ligação de uma amiga vibrando do outro lado da linha, dizendo: saiu no jornal, fomos aprovadas no concurso! Após a notícia de Cleidi, minha companheira de trabalho, estudos e, hoje, irmã da vida, desliguei o telefone e corri para a banca. Lá chegando, comprei o jornal e encontrei o meu nome estampado como a confirmação do esforço dos dias de estudo, pelo trabalho acreditado, feito e aprendido com as pequenas crianças nas escolas em que trabalhei.

Pouco tempo depois, recebi o telegrama com a chamada para assumir a matrícula na Rede Pública Municipal de Ensino de Itaboraí.

Na escola em que iniciei, no município, com apenas três salas de aula e três sombrosas amendoeiras, trazia lembranças da primeira escola pública em que estudara. Lá, conheci Kelly

Zephiro, a professora da sala ao lado, que dividiu comigo os conflitos de sermos professoras alfabetizadoras no trabalho coletivo para romper a *solidão docente* (NÓVOA, 1996) que nos tomava ao chegar à escola e de não encontrar os braços abertos de quem já estava lá. Assumimos as turmas do primeiro ano com o compromisso de fazermos jus ao que tínhamos feito para chegar à escola pública. Foi preciso aprender, na luta, na parceria, na cumplicidade e na amorosidade, que nos aproximou. “Ô sorte” a minha de encontrar Kelly naquele *tempoespaço*. Posso dizer que não teria sido mais difícil continuar, se não fosse a Zephiro, como gostava de lhe chamar.

No ir e vir, no ônibus, e pelos caminhos até a escola, íamos compartilhando nossas narrativas dos encontros com as crianças. Pensávamos *táticas* para que, nos miúdos, das salas de aula, a escola fosse o *espaçotempo* de escrever outras histórias com as crianças.

Com a mudança da direção, fui convidada a fazer a assessoria pedagógica da escola e meus encontros passaram a ser, não só com Kelly, mas com todo o grupo de professoras. Encontros visitados por tensões, mas construídos no respeito e na reflexão sobre o *saberfazer docente*, de quem se põe a pensar a escola para as crianças das classes populares.

Alguns anos depois, já assessorando outra escola, vivi a gravidez da minha filha, que

como uma fada,
nasceu do amor,
vestida de alegria,
a felicidade lhe trouxe
para fazer nascer o dia.

(escritos na porta do quarto de Rara - maio de 2009)

Assim, com o feliz nascimento de Rara, após a licença maternidade, optei por trabalhar perto de casa e na visita da amiga Thais, que também já era mãe de Lara, com apenas dezoito dias de diferença do parto de Rara, optamos por permutarmos nossas matrículas. Com Thais, segui também caminhos de *amizadeformação* que guardei para narrar em outros escritos, mas saiba que ela já me acompanha nesses escritos e com ela, também me formei professora na escola.

Assim, eu fui para a Rede Municipal de Niterói e, depois de alguns anos aprendendo outras lições, atravessadas por outras experiências (LARROSA, 2002), tive o meu reencontro com a sala de aula e as crianças em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI).

Vivia os intensos momentos de uma recente maternidade em uma nova rede de ensino e com os conflitos que me acompanhavam diante de algumas práticas controversas, as quais eu já acreditava serem possíveis com as crianças. Para minha sorte, conheci uma professora que compartilhava de modo ímpar o seu trabalho com as crianças. E por um pequeno, porém intenso

período, tive a oportunidade de acompanhá-la na turma de crianças de quatro anos em desenvolvimento do projeto.

As crianças davam o tom do cotidiano à sala de aula. Elas organizavam os projetos e decidiam novas rotas e possibilidades. Percebi que os caminhos escolhidos por uma ousada professora, passavam pelo enfrentamento de ir na contramão do que chamaríamos de práticas excludentes e cerceadoras das infâncias.

Foi o tempo de reafirmação, no qual a nossa ousadia de professora com as crianças, na escola, teve um preço e esse, por muitas vezes fora o do isolamento. Esse isolamento não significava solidão, e sim um alerta a procurar novas e amorosas parcerias, as quais sempre aparecem quando buscamos os nossos pares na escola. Ainda bem que, com aquela turma e sua professora, pude ser parceira.

No ano de 2010, vivenciamos uma grande enchente em todo o estado do Rio de Janeiro, que ocasionou o desabamento do Morro do Bumba, em Niterói, afetando muitas áreas do município. Uma delas foi o terreno que ficava atrás da UME, na qual trabalhava. Interditada, a unidade precisou mudar de prédio, o que inviabilizou a minha continuidade na unidade escolar no ano seguinte. Assim, consegui outra professora para permutar com Thaís e desfizemos a nossa.

Fazendo jus ao hino da cidade de Itaboraí: *Quem vem de longe aprende a te amar*, tornei-me parte deste verso. Retornei à rede municipal de ensino e, por sugestão do meu marido, compramos uma casa na cidade. Rara, aos dois anos, teve sua matrícula da rede municipal e, na cidade em que fiz morada, assumi também a segunda matrícula, com o cargo de professora coordenadora pedagógica. Voltei ao desafio de pensar a formação com professoras da Educação Infantil, em um novo grupo. O que me aguardaria nessa nova função no *espaçotempo* da escola pública?

Figura 7 - Eu e a escola, a escola e eu – Por Jane Marchon



Fonte: A autora, 2022.

1.8 A casa das meninas das estrelas

Era uma vez uma casa que tinha sua graça. Muro baixo, teto com telhas de cerâmica³⁶ produzida na cidade, dois quartos, sala, cozinha e banheiro, uma varandinha na entrada e outra, construída como garagem no pequeno quintal com duas sombrosas árvores e um pequeno pé de acerola que, logo, teria seus frutos colhidos. A casa ficava próxima à pracinha, à padaria e ao mercadinho do bairro. Sua arquitetura era popular como muitas outras que formaram o bairro³⁷. A casa da esquina, atrás da padaria, poderia ser o cenário de uma história de amigas, que se encontravam para, juntas, tomar chá da tarde e colocar a conversa em dia.

- Mas, vou revelar agora um segredo:
- Nessa casa não morava ninguém.
- Estaria ela abandonada?
- Poderia eu nela entrar, já que procurava um lugar para pousar minha mala depois de uma longa jornada?

³⁶ As primeiras cerâmicas produzidas no município datam do século XVI. Uma das atividades mais antigas da cidade, o uso da argila para fabricação de utensílios domésticos iniciou-se com os povos originários que habitavam a região. Hoje, mesmo com muitas olarias desativadas, Itaboraí ainda mantém uma forte produção de telhas, tijolos, vasos, com distribuição na cidade e em municípios e estados vizinhos. A arte dos Oleiros da cidade foi reconhecida, em 2010, como patrimônio imaterial da humanidade.

³⁷ O bairro Outeiro das Pedras, foi fundado a partir de dois antigos conjuntos do Banco Nacional de Habitação (BNH).

Resolvi voltar outro dia.

Saltei do ônibus e segui. Logo, ao entrar mais uma vez na rua de paralelepípedos, avistei a casa, me aproximei e percebi um movimento. O clima já era outro, escutava vozes, choros risos e gritos de crianças. Era ali, na pequena casa que funcionava a creche³⁸ que procurava. O que não sabia ainda é que eu chegara, em uma semana atípica, pois todas as professoras, crianças e, principalmente, a diretora e as funcionárias de apoio estavam envolvidas nos preparativos para a inauguração do novo espaço que ampliaria o atendimento às crianças de dois e três anos. E em meio a tantos preparativos, mais uma vez, balões de perguntas saltaram da cabeça:

- O que faz uma professora coordenadora ao chegar a uma creche, onde não conhecia o grupo de trabalho, em meio à preparação de uma inauguração/festa?

- O que a minha presença naquele *espaçotempo* poderia gerar nas professoras com as quais trabalharia diretamente?

- O que eu esperava delas?

- O que elas esperavam de mim?

Em meio à euforia do grupo, lembro-me que do jeito como cheguei; tentava compreender o que meus olhos alcançavam. Coloquei minha bolsa no lugar disponibilizado pela diretora e, na varanda, parada fiquei. Nessa parada, curiosa por conhecer as mulheres e as crianças que ocupavam aquele espaço, conversei com Maria de Fátima, a Fatinha, uma senhora negra já idosa de voz mansa que a todo o tempo era solicitada pelas crianças que conversavam e riam com ela.

Na creche, Fatinha foi merendeira e quando lá cheguei, era a responsável pelo portão, mas, para as crianças, também era uma espécie de avó, daquelas que as defendem a todo o tempo. Maria de Fátima ensinou-me sobre o amor pelo lugar de trabalho, que cada uma tem um jeito de ser e que logo era identificado pela sabedoria infantil e que as histórias das mulheres que nos rodeiam nos diferentes espaços da escola, também, nos formam. Um jeito de aprender com as histórias que nos contam.

Na conversa com Fatinha, fui descobrindo um pouco da história da creche e o que significava a inauguração de uma nova “casa” para ampliar o atendimento na comunidade do entorno, da qual ela também fazia parte. Embora tal prática comum a várias gestões, com

³⁸ Referência ao atendimento às crianças de 0 a 3 anos. Em 2013, todas as unidades da rede pública municipal que atendessem crianças até 5 anos e 11 meses passaram a ser identificadas como Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI). O termo creche é usado ainda no texto, pois, além da unidade atender somente a crianças de 2 e 3 anos, à época, a nomenclatura no município ainda não havia sido alterada.

relação à locação de casas para funcionar como espaços (reduzidos) de atendimento às crianças me inquietasse, na escuta de Maria de Fátima, percebi o quanto o trabalho pedagógico, com as crianças, poderia contribuir para que a comunidade percebesse a potência da escola pública também na formação de crianças pequenas.

Eu não podia negar a minha ansiedade misturada com o medo de quem chega pela primeira vez a algum lugar. O misto de emoções do primeiro beijo, do primeiro dia de aula na escola, na graduação e no mestrado. A primeira apresentação na escola, a primeira aula prática, o primeiro encontro da professora iniciante com a sua turma.

Enquanto recortava e colava algumas tarefas solicitadas pela direção para auxiliá-la, procurei me apresentar a algumas pessoas da creche e, assim, fui conhecendo e escutando os personagens da história da qual eu começava a fazer parte. Um mar de mulheres, crianças, histórias coletivas construídas no *espaçotempo* da escola.

Com o nosso primeiro encontro marcado, ainda na semana da minha chegada, com caneta na mão e caderno para rascunhar, fui planejar uma pauta. As perguntas diante das incertezas de *o quê* fazer, resgatavam a professora que sempre me fizera companhia na infância, iniciando a carreira e na função de coordenadora, *ela*, de mim, não se afastaria.

- O que eu, Jane professora, gostaria de escutar de uma coordenadora que acabou de chegar na escola? Perguntava em voz alta para escutar minha própria voz.

A resposta que me veio à cabeça saltou da prática cotidiana com as crianças. Buscar escutar o que elas tinham a me dizer foi me ensinando o que fazer ao ser sua professora. E, com elas, procurei construir caminhos de liberdade, democracia e solidariedade aprendidos com o intelectual Paulo Freire nos tempos da graduação. Como professora coordenadora pedagógica, naquele meu encontro marcado, busquei não me afastar do que me ensinaram as crianças e o cotidiano. Saber escutar as professoras era continuar o exercício da docência de quem esperava *escutá-las para aprender a falar com elas* (FREIRE, 2019).

Para mim, o encontro coletivo teve gosto especial com expectativas de quem escolheu estar naquela roda, mas não as professoras. Elas esperaram os inúmeros informes, protocolos a seguir com as crianças. Acredito que as decepcionei, mas só por algum tempo, até começarem a falar. Suas vozes deslocavam-me a todo o tempo para as minhas experiências com as crianças na sala de aula. Esse, talvez, tenha sido o maior saber que levei para dividir com elas, a docência.

Marcamos nossos encontros para todas as quartas no horário de planejamento, mas ainda não era uma conversa de chá entre amigas. O (des)encontro ainda acompanhava as conversas entre professoras concursadas, professoras contratadas e auxiliares que resistiam a participar das rodas.

Com a creche também funcionando parte em outra casa, chegaram as professoras auxiliares que assumiram as novas turmas, até a chegada das professoras regentes a partir da chamada do concurso. As professoras auxiliares não se sentiam professoras das turmas, porque eram contratadas e tinham a função de auxiliares. Para muitas delas aquele fora o seu primeiro emprego; outras já tinham trabalhado em escolas de ensino fundamental e tinham outras concepções sobre ser professora de crianças da Educação Infantil. Assim, elas aguardavam “as professoras concursadas”.

O cotidiano nos disse que a espera era paralisante e cerceadora de novas possibilidades. Passei a ter conversas individuais com elas e, juntas, pensávamos as propostas com as crianças, a partir do que elas traziam do seu caderno de registro, com o qual as apresentei em uma das reuniões de planejamento. Nas participações das reuniões coletivas, trocavam entre si e com as outras professoras mais experientes. Roberta e Elaine tiveram papel fundamental naquele grupo, pois muito colaboravam sugerindo possibilidades de interação com as crianças.

Enfim, o tempo da burocracia e da vontade política, que não é o mesmo da escola, das crianças e das professoras, passou, e a chegada de Angélica, Bia, Bruna e Daianne, tão aguardada, se fez realidade. E o que vi foi a simbiose das parcerias acontecendo. É claro que algumas duplas precisaram ser repensadas com o tempo. E, sem que percebessem, cada uma foi encontrando o seu lugar nas parcerias e os seus olhares sobre as crianças eram complementares. Outras professoras foram chegando, Jane, Geiza, enquanto outras precisaram sair, mas sabiam que, no retorno, encontrariam abrigo. Assim, o grupo foi se constituindo.

Nas reuniões de quarta, eu procurava potencializar as conversas entre os grupos e começamos a fazer o registro dos encontros. Organizei um caderno de informes para não comprometer o curto tempo de encontro coletivo. Iniciava com textos para contribuir com as conversas: livros de literatura, poemas, textos de revistas, além dos documentos e legislações para o trabalho com crianças pequenas, necessários ao conhecimento de quem a elas se dedica.

As discussões ficavam muito no campo do que não conseguíamos ou não era possível de se fazer, afinal, trabalhávamos separadas por duas casas, de pouco espaço e infraestrutura comprometida. A pequena verba de manutenção que vinha era dividida pelos dois prédios, que insistiam em queimar suas bombas e lâmpadas na mesma época.

Com recursos escassos, o que nos restava era administrar, primorosamente, nossas ações para o uso dos materiais que atendessem às crianças. Eram duras as discussões sobre o caríssimo EVA, a necessidade do uso da xerox com crianças de dois e três anos, além de gastos exorbitantes com lembrancinhas comemorativas. Penso que essas discussões foram imprescindíveis para a nossa formação coletiva, pois, além de compreender o uso da verba

pública, percebemos que alguns materiais potencializavam práticas que, nem de longe, tinham as crianças e/ou professoras como autoras.

Mas, o que cada professora ainda não havia percebido era que a potência do *saberfazer* estava em seus próprios *saberesfazer*s. Foi, então, que passei a convidá-las para compartilhar com as outras professoras o que estavam realizando nos miúdos *com* os miúdos. Assim, Ana Paula, Renata, Leidi e Geisa, auxiliares das turmas que, embora com a devida formação inicial não se percebiam como professoras passaram, também, a trazer potentes contribuições. Assim, iniciamos um movimento formativo que era individual, mas também coletivo, que *apesar das* nossas complexidades, diferenças, divergências e dos espaços que nos cerceavam fisicamente, nos fez compreender que aquilo que fazíamos com as crianças era nossa força e potencializava nossas relações de admiração e respeito mútuo.

Em uma noite de lua cheia, enquanto lia um livro recém-comprado para Rara, fui ficando tão encantada com o texto que ela dormiu e eu continuei até finalizá-lo. O livro *Menina das Estrelas* com seu texto poesia despia as transformações de uma menina até ficar adulta. Talvez por este motivo, tenha me tocado tanto. Com a alusão ao conto *Alice no País das Maravilhas*, um dos trechos do livro me fez conectar com aquele coletivo de professoras que não viviam um conto de fadas na escola, mas como a menina poetizada por Ziraldo, tinham enorme coragem de se jogar por inteiro no poço do seu destino, para, ora serem pequeninas e, no mesmo instante, gigantes.

Levei o livro para ler com as meninas e dediquei aqueles versos a elas. Aquela fora a primeira vez que as chamei de *Meninas das Estrelas* e elas aceitaram o título que, até hoje, passados dez anos, elas ainda se denominam: *Meninas das Estrelas*, por onde brilham com sua coragem de professoras. Assumem que para ser uma delas, foi caro e que o título transcendeu à personagem do livro. Sim, as meninas professoras/professoras meninas, eram gigantes. Reconhecíamos-nos em nosso trabalho, que era também reconhecido por outras colegas professoras. Criamos uma espécie de constelação de professoras que se iluminavam mutuamente no trabalho com as crianças que, conosco, viveram boas aventuras.

Um dia, senti que o que havíamos construído, juntas, ultrapassava as relações de professora coordenadora e professoras. Era setembro de 2012, recebi o diagnóstico de um câncer de mama e, antes que minha família soubesse, dividi com elas a situação, com a praticidade que me era peculiar. Estava preocupada em como seria a vida e o trabalho. Não na perspectiva de morte ou de ser insubstituível, mas com relação ao que tínhamos planejado viver juntas com as crianças. Ao contar para elas, era como se seus olhares me dissessem: *tínhamos*

*um plano, você mudou a ideia*³⁹. Sabia que iria me tratar com a certeza pessoal de cura. Se pudesse, já iria com minha bolsa para a mesa da cirurgia. Mas, se há algo que aprendi com o câncer é que nossos planos podem ser replanejados e aguardados, com a paciência de quem passará por um longo período de tratamento.

Em meio a inúmeros exames e biópsias, compartilhávamos planejamentos, ideias e organizávamos o encerramento do projeto que construímos durante todo o ano com as crianças. Após a cirurgia, entrei de licença, mas dias depois, recebia lindas flores com um carinhoso bilhete, dizendo que me aguardavam para o encerramento. Com dia e hora marcados, fui com Helton e Rara, aluna do CEMEI, que gostava de avaliar o nosso trabalho de forma criteriosa e colaborar como as demais crianças na organização das propostas. Ao chegar, senti um orgulho danado daquelas meninas, que, juntas, organizaram tudo para que as crianças e suas famílias pudessem contemplar as suas produções, coletivamente.

Continuei meu tratamento e um dia deixei as Meninas das Estrelas. Embora tivesse ido por uma escolha, não foi fácil entender que elas, de algum jeito, seguiriam comigo. O tempo passou e compreendi que as meninas estão nas minhas memórias, nas histórias que relembro, no que aprendi sobre a docência, quando ouvia as músicas dos anos 80, que Roberta dançava com a sua turma, após ter feito uma deliciosa receita com ela, ou com a dança da chuva às 17h30min de Bia, com as crianças que ficaram depois da hora num dia chuvoso, mesmo que, depois, ainda fosse fazer a sua viagem diária para Madureira, subúrbio do estado. Dos olhos arregalados de Bruna, quando aconteciam os episódios de mordida e ela transformou a situação em projeto. Estas e muitas outras histórias acompanharam-me e me formaram. O que posso dizer até aqui é que, de alguma forma, as Meninas das Estrelas continuam brilhando em mim, ora pequeninas, ora gigantes.

Quando pequeninas, estão longe, pela distância que os *temposespaços* nos obrigam a viver. Porém, desse jeito, cabem todas em mim, nos guardados do coração. Mas, em um repente, vejo-as gigantes em seus processos formativos pelos caminhos da docência. Beatriz Reis, a doce Bia, foi trabalhar no município do Rio, após realizar um novo concurso. Perto de casa, Bia continua a sua militância pela Educação Infantil, com suas ações afirmativas antirracistas na escola e na vida, na constituição da sua identidade docente. Bruna, a menina dos olhos arregalados, é professora do Colégio Pedro II, Mestre em Educação pela FFP/UERJ, Doutora também em Educação pela UFF; hoje, descobre-se, na docência, como *professorapesquisadora*, no encontro com as crianças e na maternidade com Lucas, seu filho.

³⁹ Trecho da música *Sereníssima* de Renato Russo, do CD *Legião Urbana V.* (1991).

Geiza, a criança crescida que tinha medo de se sentir só, quando chegou à creche, foi abraçada pelo grupo de professoras, formou uma potente parceria com Bia. Enfim, terminou a graduação em LETRAS, que tanto se questionava se a concluiria ou não. Especializou-se em gestão da escola pública e diz que se aposentará na rede de Itaboraí, trabalhando na escola que, agora, escolheu para brilhar com as crianças nos projetos de pesquisa da turma.

Angélica, Elaine, Renata, como Roberta, também dividiram comigo as transgressões das práticas que só descaracterizavam as crianças com práticas escolarizantes que atropelavam os pequenos que nos diziam com seus corpos, gestos, atitudes cotidianas. O cotidiano e as crianças, mais uma vez, foram nos ensinando o fazer docente.

Com Roberta, desenvolvi laços de amizade mais aproximados, tendo Thiago, Clarisse e Rara também como elos. Mesmo em locais diferentes de atuação, o respeito, a admiração e a cumplicidade nos habitam. Roberta comigo conheceu a FFP; foi gigante ao entrar para o mestrado. Quis o tempo da vida e que os deuses da amizade que nos encontrássemos no mesmo grupo de pesquisa e sermos orientandas de Mairce. Assim, seguimos nossa *amizadeformação* em partilha também no ALMEFRE.

Se é que posso ousar defini-las: Meninas das Estrelas é um grupo de professoras que seguiram constituindo-se *professoraspesquisadoras* com outras professoras, com as crianças, a escola, e as suas narrativas como militância, formação e espaço de palavra. Eu até diria como a menina que, “dona do tempo,” interpelou Ziraldo:

-Tudo bem que de fato, meninos são dos planetas, mas meninas, anote: meninas são das estrelas.

Descanso essa história, complementando que as Meninas das Estrelas são professoras revolucionárias, como a menina do tempo, capazes de fazer, na escola, uma Revolução Menina como a defendida pelo professor Walter Kohan (2018), uma REVOLUÇÃO que "não apaga sua curiosidade, sua inquietação, seu gosto de perguntar, seu querer sonhar, seu desejo de crescer, criar, transformar".

Assim, seguem as MENINAS DAS ESTRELAS★, revolucionando com o seu brilho as escolas, nos seus encontros de *vidaformação* com as crianças.

Figura 8 - Isogravura- Menina das Estrelas



Legenda: Foto de Rara Marchon.
Fonte: A autora, 2022.

1.9 As perguntas mais simples são as mais complexas

Quando você é surpreendida por uma pergunta que te desdobra por dentro, ela é simples ou complexa? Se fossem alternativas a serem assinaladas com um X, eu marcaria: todas as respostas anteriores (X).

Bom, para você professora convidada, que ainda me acompanha nas leituras/conversas desta Dissertação Coleção, entender a minha escolha, vou lhe contar melhor essa história.

Ainda quando fazia a coordenação pedagógica das Meninas das Estrelas, recebi uma ligação convite para compor a equipe da Coordenação da Educação Infantil, na Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí (SEMED-Itaboraí). Vislumbrando ampliar olhares, aprendizagens e conhecimentos, passei a dividir a semana entre a Secretaria e o trabalho na creche. Um convite que, como uma luneta, ampliava o estar em formação com as professoras da pequena infância. A “grande roda”, agora, tinha muitos outros pares e, nos encontros

periódicos com as professoras, refletíamos as práticas que se entrelaçavam nos cotidianos dos *espaçostempos* da Educação Infantil. Falávamos das práticas e tecíamos *vidaformação* nos encontros que, à época, chamávamos de trocas de saberes e fazeres.

A cada encontro, as professoras percebiam que nem sempre o que fazemos com as crianças é eterno. Mas, o que fazer diante desse desafio?

Foi em um dos muitos encontros propostos pelas professoras da Coordenação de Educação Infantil da SEMED, que tendo como dispositivo metodológico cópias de atividades com diferentes concepções para provocar a discussão, que durante a roda, as professoras trouxeram, questões sobre o uso de folhas A4 e ainda xerocadas com pontilhados e cópias para “ensinar” as crianças, ou seja, uma concepção tecnicista que já incomodava visivelmente algumas delas e, de repente, uma pergunta direta ecoou pela sala:

- *Então, não cobre, não copia, faz o quê?*

Esse *faz o quê*, até poderia ter sido uma pergunta simples de ser respondida, mas, ao ampliar meu olhar com a lupa que trouxe para o mestrado, confabulei com Walter Kohan (2020), autor que já me convidava a filosofar com as infâncias em outros estudos, encontrei em suas palavras que *a complexidade de uma pergunta se dá quando começamos a pensar nela* (KOHAN. 2020), ou seja, eu já pensava naquela pergunta da professora e por isso, ela já se fazia complexa para mim. Boaventura de Souza Santos (1999) também me acompanhou, para pensar na simplicidade das perguntas, quando, em seus escritos, diz que é necessário voltar às *coisas* simples, as perguntas que, como Einstein costumava dizer, *só uma criança pode fazer, mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade* (SANTOS, 1999, p. 6), logo a sua simplicidade. Penso que não erraria a questão apresentada no início dessa história, assinalando (X) em todas as respostas anteriores. Perguntas simples como as feitas pelas crianças e complexas, ao começar a pensar nelas.

Percebi que o “não cobre, não copia, faz o quê?” inquietou-me nem tanto pela expectativa da professora por uma resposta pronta, a qual poderia, talvez, ser encontrada em um manual, mas, pela aparente falta de alternativas que emergia em seu questionamento. Não desejei que aquela pergunta fosse um verso a mais do poema de Cecília Meirelles “Ou isso ou aquilo!” A pergunta atravessou-me e incomodou meu pensamento de maneira que, instigada por Paulo Freire, não poderia castrá-la da curiosidade que estava em sua base (1998).

A denúncia feita por Freire (1998), de que as perguntas andam afastadas da escola, porque deram lugar às respostas na formação dos sujeitos que nela habitam, me moveram a seguir nesta pesquisa em diálogo com as perguntas, durante o alinhavo de cada palavra tecida

nesta Dissertação Coleção, a qual, embora escrita em primeira pessoa do singular, tem o NÓS, como pronome, que desfaz os

NÓS que impedem a
NÓS professoras
da escola pública
de termos nossos
direitos garantidos;

NÓS afrouxados por
NÓS professoras
no cotidiano
da escola básica;

NÓS tecidos por
NÓS companheiras
de luta e militância
pelo direito à formação;

NÓS destecidos por
NÓS que trabalhamos
pelo direito das
crianças à
Educação Infantil;

NÓS feitos e desfeitos por
NÓS do Grupo ALMEFRE,
ao compartilhamos as angústias
e a satisfação de
cada palavra
escrita, como direito
à palavra e ao dizer⁴⁰
de nós professoras.

NÓS que NÓS *mulheresmãesprofessorastrabalhadoras* rompemos ao
chegar à Universidade, saber que quando uma chega,
chegamos todas **NÓS**

Bom, professora companheira de *leituraconversa*⁴¹, por agora preciso colocar agulha e linha para descansar no retrós, pois ainda não é hora de arremates. Os alinhavos, bordados, tramas e costuras continuam no próximo volume, no qual a Dissertação Coleção será ampliada com outras histórias narradas ao desempacotar esta pesquisa.

⁴⁰ Araújo, Morais, 2014.

⁴¹ A *leituraconversa* acontece a partir de um estilo de escrita que dialoga de modo mais aproximado, íntimo com a leitora, levando-a ao status de professora companheira.

2 SEGUNDO VOLUME

Figura 9 - Florescer



**Mairce,
receba essa foto tirada no florescer paciente da mudinha que
ganhei da minha mãe. Essa florada me ensinou que sol e
chuva não são oponentes. Eles se complementam e fazem bem
na medida certa. Que cuidado e paciência são ingredientes
imprescindíveis para florir**

Fonte: A autora, 2022.

2.1 Carta para Mairce

Itaboraí, 27 de fevereiro, 2021.

Querida Mairce,

Mais uma vez, escrevo para dividir com você minhas danças, costuras, bordados na composição da pesquisa. Contar que por mais que o tempo insista em ser Chronos, tento viver o tempo presente inspirada em Kairós na companhia de Aión, tempo criançado, brincante, para seguir *co[m] Fiandó*⁴².

Após a conversa com nosso grupo⁴⁰ de pesquisa, tentei dar continuidade ao texto inicial avançando no segundo volume; mas, confesso não ter conseguido continuar. Precisei retomar o Primeiro Volume, ponderar as observações feitas e abrir-me aos fios que cabiam no texto, o que deixaria passar por agora, os fios que me escapavam, o que eu não queria colecionar ao reafirmar o que temos construído de conteúdo e forma na pesquisa. Também tive um encontro com as queridas Danusa e Roberta para dividir o que já estava pensando, após o encontro com o ALMEFRE, e elas me ajudaram a ver o que antes eu ainda não tinha visto, durante as conversas tecidas, me ajudaram a pegar novas linhas e seguir essa pesquisa.

Querida, sei que nessa ousadia, você é minha parceira, também sei do compromisso que temos em fazer um trabalho potente, transgressor, não por ser contrário, mas porque, como a Arte, se faz na criação, enxerga possibilidades, congrega linguagens, transporta para outros lugares, toca, atravessa, desafia a *pensarfazer* de modos outros.

Fica aqui a certeza do seu olhar que traz o saber da experiência, de professora orientadora para *versentir* se o Primeiro Volume da Coleção, já pode ser exposto (se não perdeu com os ajustes, sua forma e conteúdo). Sigo desejosa pelo abraço guardado, pela vacina⁴³ e por uma breve comemoração pela primeira conquista da pesquisa: a qualificação.

Beijo grande, Jane

⁴² Na escrita do Segundo Volume, reafirmo a opção por trazer, ao texto, algumas palavras grafadas na transgressão das normas, com recursos literários em um aproximado diálogo com a.o leitora.or.

⁴³ O desejo pela vacina refere-se ao contexto no qual a carta foi escrita. Na pandemia mundial declarada em março de 2020, que ainda permanece em 2021, devido ao Coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença Covid-19, reveladora de um cenário de desigualdade de saúde e de precarização da vida". GOES, Emanuelle - Universidade Federal da Bahia -Cidacs/Fiocruz.

Em noite calorosa na Pedra bonita⁴⁴

2.2 Dividindo segredos

Professora companheira⁴⁵,

Deixo, aqui, alguns segredos divididos com você, na composição da pesquisa, composta por histórias colecionadas-narradas com a força da palavra. Palavras sentidas, tecidas, bordadas, costuradas, dançadas no papel. Palavras de professora para/com professoras na constituição do ser *professorapesquisadoranarradora* de suas práticas.

2.2.1 A carta

A carta que compartilhei com você anteriormente é um dos segredos que quero dividir contigo, pois, antes de tirar do carretel, agulha e linha, e continuar a costura *miúda* do texto, precisei voltar às *cartasconversa* trocadas com Mairce, pois esse foi um jeito meu de reinventar a conversa com ela, de me achar nas palavras e nos meus sentimentos de mestranda, *ziguezagueando* no ir e vir da pesquisa, ao escrever cada volume para compor a Coleção.

2.2.2 A coleção

Eu continuo com minha coleção de histórias narradas, escritas em modo arteiro, ao propor modo outro de escrita acadêmica, no processo de seleção, composição, criação, construção da pesquisa. A cada escolha que fiz ao *pesquisarcoleccionar* as histórias, selecionei-

⁴⁴ Itaboraí - “Itaborahy”, que, em tupi, guarani significa “Pedra Bonita escondida na água”. Palavrada herança os povos originários do Brasil, mais especificamente, a dos Tamoios, pois o município guarda fortes heranças indígenas e da escravidão (Portal da cidade de Itaboraí).

⁴⁵ Professora, que aceitou o convite feito a ela, nas primeiras palavras deste texto, para seguir comigo dividindo palavras e segredos de professora, que se constitui *professorapesquisadonarradora*.

as a partir da memória da experiência e da narração (ACHILLES, GONDAR, 2016). Fui me encontrando nos escritos de Walter Benjamin (1987), em que ao fugir da rigidez do positivismo tradicional e ao historicismo linear, como apontado por Achille e Gondar (2016), escreveu seus fragmentos, suas ruínas, seus cacos, suas colagens como peças que compunham seu mosaico (coleção).

Com jeito benjaminiano de colecionar, construo uma *pesquisacoleção* composta por histórias (fragmentos), em oposição à lógica linear-cartesiana⁴⁶ e do cânone científico dos trabalhos acadêmicos. Histórias fragmentadas, peças de um mosaico-coleção, conquistadas uma a uma, as quais *expressam um modo de viver, escrever e guardar a história, e compõem um mosaico de memórias e esquecimentos, do tempo vivido como afirmaram* Araújo, Faria, Celestino e Sousa (2021).

Nas conversas com Walter Benjamim (1987), percebo que elas, as histórias, que estão dentro de mim, ao serem narradas, me convidam a novos encontros. Vou construindo na arte de colecionar, uma *pesquisacoleçãonarrativa* das experiências do vivido (GERALDI, 2015). Retiro de cada história narrada, as lições, conselhos e, assim, posso aprender com elas. Essa metodologia, trouxe contribuições significativas para as pesquisas em educação. Mas, conversaremos sobre isso mais adiante. Nesta *pesquisacoleçãonarrativa*, as histórias revelam, desde a perseguição até sua conquista, a dor e o frescor de uma pesquisa feita na pesquisa.⁶

2.2.3 A receita

Vou dividir com você também uma receitinha, não daquelas infalíveis da vovó, pois para o feito à mão de uma pesquisa narrativa, não há receita pronta, mas você pode ir criando a sua. Eu fui fazendo a minha com a opção de substituir ingredientes, mudar as quantidades, acrescentar novos temperos e alterar temperaturas. Usei vários recipientes, fui provando, mexendo, acrescentando, tentando chegar ao ponto. Confesso que dar uma provinha da primeira receita é sempre uma tensão, mas necessário para chegar ao ponto ideal, e, por fim, saborear de olhos fechados. Por ora, para essa mistura, eu precisei de:

- ✓ Pitadas de **provocações** para fortalecer as escolhas e opções de pesquisa;
- ✓ Porções de **ousadia** para a escrita arteira, pois ela é meu gatilho para escrever.

⁴⁶ Utilizada para as práticas da vida mecânica, rotineiras puramente racionais, a lógica linear cartesiana é oposta a ações que envolvam sentimentos e emoções; ela segue em busca do padrão, da forma, da verdade, da razão.

- ✓ Um punhado de **perguntas, curiosidades acumuladas** para continuar a *saberfazerperguntardizernarrarescrever* na pesquisa;
- ✓ E doses de **coragem** para revisitar a prática, inventariando os achados da pesquisa.
- ✓ Misturei tudo e, por vezes, deixei descansar, mas foi preciso ir colocando aos poucos, tudo em um recipiente, para compartilhá-la em generosas porções.

2.2.4 O abraço

Com abraço de tatuar a alma, sigo desejosa que nesse reencontro com você, a escrita *arteira* continue a encontrar nas histórias narradas, os fios para a costura do *textotecido*.

Perguntas, curiosidades acumuladas foram desenroladas no abrir de caixas, armários e gavetas. Dos guar-dados⁴⁷, fui extraindo meus achados para fazer um inventário, que, mais adiante lhe direi o que é, e por que fiz a opção por ele como um modo de.

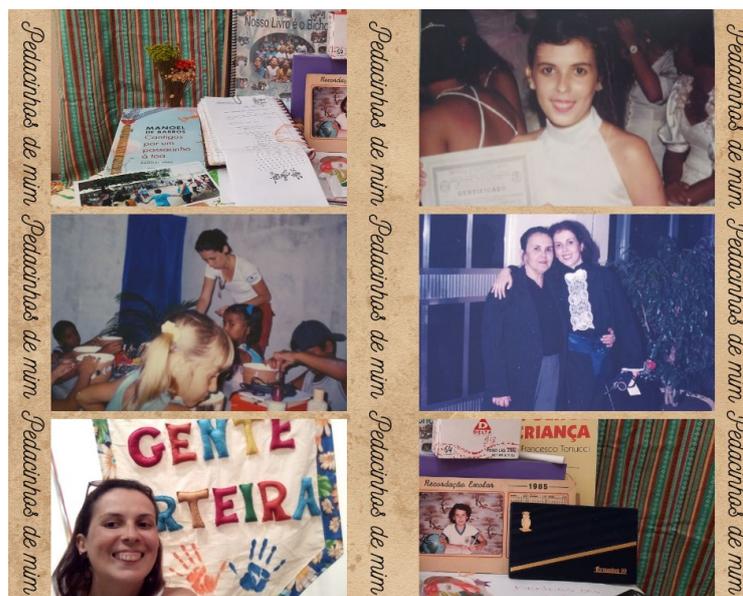
Ao inventariar os achados retirados dos guar-dados, encontrei na Arte e na loucura um modo de inventariá-los, trazendo os fios para tecer os pedacinhos de mim, dispostos em uma caixa de madeira como guar-dados de uma *pesquisacoleçãonarrativa*.

Com admiração e gratidão por me acompanhar nessa *leituraconversa*⁴⁵.

Jane Marchon
Março - Outono de 2021

⁴⁷ A Professora Corinta Geraldi (1993) utiliza o termo guar-dados em sua tese de doutorado, ao defender que os guardados empoeirados, amarelados com o tempo guardam dados de pesquisa.

Figura 10 - Coleção – Pedacinhos de mim



Legenda: Composição: Rara Marchon.
Fonte: A autora, 2022.

2.3 Entre arte e loucura: a invenção de um inventário

Bastou um convite para que nos colocássemos como namoradeiras⁴⁸ na janela à espera de alguém. Aguardávamos o professor Guilherme Prado- UNICAMP⁴⁹ para uma conversa com o ALMEFRE. O convite surgiu pela proximidade das pesquisas, produzidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Universidade de Campinas (GEPEC/UNICAMP), coordenado pelo professor e o grupo ALMEFRE. Das nossas janelas virtuais, todas e todos tínhamos perguntas para fazer, tentando afrouxar os nós de *NOS*sas pesquisas. Eu estava ainda tão confusa com os caminhos da pesquisa, que nem me lembro o que perguntei. Durante a conversa, Guilherme falou dos processos vividos por suas orientandas

⁴⁸ Namoradeira é um tipo de artesanato popular, em geral, produzida de cerâmica, originária do estado brasileiro de Minas Gerais. Trata-se de uma jovem negra com acessórios no cabelo e roupas coloridas de chita, com um dos braços apoiado na zona horizontal e o outro, levando a mão ao rosto. Quase sempre são vistas ornamentando sacadas e janelas.

⁴⁹ Universidade Estadual de Campinas.

do GEPEC, que produzem o inventário⁵⁰ como possibilidade de organizar os dados da pesquisa e disse aconselhar, às vezes, insistir em tal prática a todos e todas que orienta durante o processo de pesquisa.

Da sua janela, Mairce já me provocando, disparou:

- Viu, Jane?!

Quieta fiquei. Fiquei estática. Aquele instante em que você finge que não foi com você.

Mas, ela insistia:

- Ouviu o que disse o Guilherme?

Em pensamento, respondi:

Sim, eu ouvi o que disse o Guilherme, ao mesmo instante, em que me perguntava:

- Por que ela insiste nisso? Por que teria que fazer o inventário?

- Como vou fazer um inventário?

- O que tanto teria eu para fazer um inventário?

Em uma fração de segundos, uma infinidade de (im)possibilidades passaram pela minha cabeça.

Continuei acompanhando a conversa e ouvi nosso convidado falar da experiência da Prof.^a Dr.^a Jacqueline Moraes no doutorado, que orientada por ele, por vezes, negou-se a possibilidade de inventariar seus achados. Ufa, eu não estava só! Diante das narrativas de Mairce e Guilherme, posso bem imaginar as cenas com a Jacqueline e pensava como seria fazer um inventário dos meus achados.

Eu precisei buscar na menina dona do tempo, que, ao mesmo tempo em que está **pequenina** por sua coragem, logo vira um **GIGANTE** para ler o texto de Jacqueline Moraes e Guilherme Prado (2011), na tentativa de compreender o que era um inventário e como seria fazer um. Nas leituras do texto, me aproximei de alguns dos sentimentos de Jacqueline ao narrar sobre sua experiência na produção do inventário, feito após os conselhos do seu orientador e os/as participantes do GEPEC:

Mar de coisas espalhadas pela cama. O que fazer com esse monte de coisas. Como isso se transformaria em dados para a pesquisa? Escreveu Jaqueline Moraes em sua tese de doutorado (2006)

⁵⁰ As práticas de produção do inventário passaram a ser propostas e compreendidas pelo GEPEC, a partir da tese da professora e pesquisadora Corinta M. G. Geraldi, denominada “Produção do Ensino e Pesquisa na Educação: estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia”, defendida em 1993, com orientação do Prof. Dr. Milton José de Almeida.

Prestes a aceitar o inventário como procedimento metodológico que me convidava a revisitar minha prática enquanto delineava a pesquisa narrativa, o que realmente não deixava de pensar era que eu não sabia fazer um inventário.

Nas leituras dos textos produzido pelas (os) componentes do GEPEC/UNICAMP para construir um inventário, me reaproximava da pergunta guia da pesquisa feita pela professora: *Então, não cobre, não copia, faz o quê?* Diante da (im)possibilidade de fazer um inventário e considerar não saber fazê-lo, eu também me perguntava: o que fazer? Logo, percebi que o fato de ser provocada a fazer o inventário já me ensinava a me abrir a novas perguntas. O que faz uma professora, quando não sabe o que fazer? O que sabe fazer quem diz não *saberfazer*? Era a *respostaconvite* para revisitar os guardados e inventar um inventário.

Alguns dias olhando para os armários, aceitei os conselhos e o desafio de escarafunchar gavetas, pastas, caixas, álbuns de fotografias, arquivos digitais, todos os cantos da casa e de outras casas. Perseguir nos guardados (GERALDI, 1993) de professora, achados de colecionar. Aqueles que um dia, como nos versos do cantor Nando Reis⁵¹, guardei, (...) *por não saber como fazer, para ter um jeito meu de me mostrar*, estavam ali, como achados de uma pesquisa narrativa.

Coisas, **coisinhas** e **COISONAS**, pessoais, afetivas, produções do trabalho, que eram relíquias para mim, mas que permaneciam em descanso nos armários e prateleiras.

Por dias, me debrucei como uma bisbilhoteira, sobre cada guardado com olhar criancero, curioso, inquieto, explorador da menina, que ainda preservo e me acompanha desde as brincadeiras no **QUINTAL**.

É claro que alguns não guardados ficaram pelos caminhos de quem começou a colecionar ainda na infância, guardados e histórias da docência. Era possível inventariar o que não encontrei nas caixas, mas achei nos porões da memória? O primeiro caderno de plano, com os vistos de (re)aprovação da coordenadora pedagógica. Minha pasta de Efemérides produzida arduamente como trabalho final da disciplina de práticas pedagógicas e tantos outros que foram (des)guardados. Seria possível materializá-los no **InVENTARio**

Com lupa na mão, por dias, segui desvendando guardados, tipo detetive buscando indícios formativos a cada achado, ali mesmo, sentada, começava a rememorar e a trazer as experiências guardadas em cada achado. Pensava conseguir, ali, já selecionar o que ficaria para inventariar, mas a cada achado, redimensionavam-se as pistas. Passei, então, a listar o que encontrava. Ufa! Uma lista e tanto, que fiz com o auxílio de Rara, minha filha e parceira de

⁵¹ Música *Pra você guardei o amor*, de 2009.

aventuras de *vidaformação*, que, com seus modos outros de ver, ser e estar no mundo, me ensinou/ensina sobre a vida, a maternidade, a docência e a ser mestranda.

Como em um espelho, em Rara me percebo quando a vejo. Não como um reflexo por ser minha filha, mas como o espelho que me desloca a olhar para mim mesma. Um excedente de visão⁵², como propõe Bakhtin (2006), que revela aquilo que, de onde me encontro, ainda não poderia enxergar.

Em *Transgressões divergentes*, os autores FICHTNER, GERALDI, BENITES (2006), defendem que os processos de alteridade são constitutivos do nosso olhar, da nossa representação de nós mesmos. *Olhamo-nos com os olhos do outro* (2006, p.191), que possuem sobre nós um excedente de visão que faz do outro, o único lugar possível para que eu possa ter uma visão mais completa sobre mim.

Seguindo com o inventário, com lista pronta deixada no chão da sala, na noite seguinte, comecei a selecionar o que ficaria para ser inventariado. E não é que os achados passaram a caber em uma caixa de madeira! daquelas, tipo baú, que guardam tesouros. Confesso ainda não ter conseguido compreender os sentidos das escolhas para escrever aqui, mas busco o que guardam os achados, para dizer dos sentidos de estarem ali.

A caixa, deixei-a em cima do *rack* da sala. Passou a fazer parte da *decoração*. Tinha por ela ainda certa des-confiança. Abria, mexia, rememorava coisas, fechava a caixa. Ela ficava lá e parecia me convidar, a todo o tempo, para bisbilhotá-la. Nela estavam o que selecionei das relíquias de vinte e nove anos de trabalho na Educação, atuando como professora, coordenadora pedagógica, professora formadora na Secretaria de Educação, envolvendo, prioritariamente, a formação das professoras da Educação Infantil.

Não era mais possível flertar com meus tesouros, vivendo o tempo *Aión* com os guardados da caixa. *Chrónos*, o tempo do relógio, me batia à porta. Era preciso dar ordem à desordem dos materiais, como me sugeriu o artigo de Prado e Moraes (2013). Juntos, na caixa, eles - os cacós, retalhos, fragmentos, pedaços de mim - ainda escondiam minha desordem diante dos achados.

⁵² Dialogando com o conceito bakhtiniano de “excedente de visão”, somos convidadas à seguinte reflexão: “se aplicarmos o conceito de excedente de visão ao mundo da vida, conscientizamo-nos da experiência prática e contínua de todos nós: estamos sempre expostos. Que nos vê cada um de nós com um “fundo”, que varia a todo deslocamento nosso ou dele. Mas nós mesmos não dominamos o fundo que se vê de “paisagem” à visão do outro. Nesse sentido, ele é um “excedente de visão”. Ele tem, portanto, uma experiência de mim, que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele” (FICHTNER, GERALDI, BENITES, 2006, p.191).

Passei a inventariar os guar(dados) da caixa, como o processo minucioso de dar bainha em fina costura e o brincar das crianças, enquanto organizam silenciosamente, sua coleção de pedrinhas retiradas do quintal. **INVENTAR**iar, como brincou com a palavra, a professora Jacqueline Morais (2011), em sua tese de doutorado, é processo arteiro, inventivo, criador, desses inspirados na canção do Charlie Brow Jr.⁵³, só os loucos sabem. Sim, pode parecer loucura, fazer um inventário de formação, mas a loucura também nos permite olhar as coisas de outro jeito, em outras perspectivas, ressignificar, e, como a Arte, nos permite transgredir. E com Morin (2005) reafirmo: *A loucura humana é fonte de ódio, crueldade, barbárie, cegueira. Mas sem as desordens da afetividade e as irrupções do imaginário, e sem a loucura do impossível, não haveria élan, criação, invenção, amor, poesia.* (2005, p. 7):

A Arte e a loucura como dispositivos de transgressão, eu as conheci a partir da história de Arthur Bispo do Rosário, ao organizar um trabalho para o curso de Especialização em Arteterapia. O que sabia sobre o Bispo, como o conhecia, era que nominava uma rua no Centro Histórico do Rio de Janeiro. Mas, quem fora o Bispo? Como era conhecido?

Arthur Bispo do Rosário, em sua primeira internação, após um surto, foi diagnosticado como esquizofrênico-paranóico⁵⁴. Sua ficha de identificação ao ser internado na Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá - Rio de Janeiro, dizia: negro, sem documento, indigente. Assim, a internação colocava-o no submundo da condição humana.

Já com identificação de ex-pugilista, trabalhador da Marinha Mercante, encontrou na Arte um modo de romper com o instituído. Uma ousada desconstrução do poder do hospício. Aprendeu a controlar seus surtos e aos padrões dos tratamentos psiquiátricos da época. Nesse reencontro com o Bispo na construção do inventário, rodopiei pensamentos sobre o lugar daqueles e daquelas que diferem dos padrões. Quem são? Onde (não)estão? Qual o lugar das suas vozes na história? Onde estão os seus registros? Na Arte? Na Ciência? Na Literatura? Grande parte inviabilizados e/ ou subalternizados?

O Bispo, como era conhecido, inventou jeitos para compor sua narrativa e dizê-la ao mundo. Produziu com suas obras, uma espécie de Inventário, uma forma de ordenar a desordem de si mesmo e do seu cotidiano de delírios e realidade. Em seu **inventárioarte**, fez à mão, nomes, orações, escritos, bordados, costurados, fiados com as linhas retiradas das roupas e

⁵³ Música *Só os loucos sabem* de 2009.

⁵⁴ A esquizofrenia paranoide é o subtipo da esquizofrenia mais comum, em que predominam os delírios de perseguição ou de aparecimento de outras pessoas, o que torna, muitas vezes, a pessoa desconfiada, agressiva e violenta. - cdd.org.br

uniformes que usava na Colônia, pois dizia precisar daquelas palavras escritas. Suas obras eram compostas com os achados do seu cotidiano.

Foi assim que Arthur compôs uma de suas peças mais conhecidas, o Manto Sagrado⁵⁵. Ele dizia que toda sua composição era feita a partir da voz que dizia ouvir, fruto dos delírios da esquizofrenia paranoica. Assim, com *loucurarte*, o Bispo inventariou seus achados, construiu sua narrativa, escreveu sua história. Suas obras tatuaram suas marcas do tempo vivido na Colônia Juliano Moreira por cinquenta anos (FIGUEIREDO, 2010).

A história do Bispo do Rosário, de algum modo, sempre me atravessa ao rememará-la. Nesta reescrita, encontrei nas palavras do professor Valter Filé (2021), durante um dos encontros do Curso Memória e Narração⁵⁶, que as obras do Bispo *são formas originais de passagem pelo mundo*. Fiquei com essas palavras me inquietando. Quais seriam as formas originais de passagem pelo mundo de uma *professorapesquisadoranarradora*?

Na loucura, diante daquele monte de coisas dentro da caixa, meus Achadouros de Memórias, foi preciso escutar minha própria voz para ver cada achado de outro modo. Os retalhos- pedacinhos de mim, objetos da pesquisa (PRADO, MORAIS, 2011), juntos, bordados, costurados, fiados de modo arteiro, como quem compõe um Manto de passagem, um inventário para visitar a prática, visitar a própria vida.

Na loucura de fazer um *inventário de pesquisa*, termo utilizado pelo GEPEC/UNICAMP para nomear o inventário dos achados da pesquisa, compreendi que a Arte me aproximou da pesquisa narrativa, para tecê-la com escrita arteira, na transgressão e criação de modos outros de *pesquisarescrevernarrar*, ao compor uma coleção de histórias narradas em palavras, como um desenho, uma pintura, um bordado. Costurar o *textotecido*. Essa compressão será mais bem narrada em outras histórias colecionadas ainda neste segundo volume.

Foi preciso entregar-me à loucura de olhar as coisas de outro jeito. Era como se escutasse o CHAPELEIRO MALUCO⁵⁷ dizer: *Minha querida, não é possível mudar o passado. Mas é possível aprender com ele*. Era isso! Visitar a prática ao inventariar os achados, me ajudou a

⁵⁵ Arthur Bispo do Rosário registrava no Manto, um balanço de sua produção, de sua vida.

⁵⁶ Disciplina que participei como ouvinte, oferecida pela Universidade Federal Fluminense (UFF), ministrada pelo professor Walter Filé (UFF), professora Carmen Pérez e teve como Professora convidada minha orientadora Mairce Araújo – FFP/UERJ.

⁵⁷ O Chapeleiro maluco é um dos personagens marcantes do conto Alice no País das Maravilhas de Lewis Carol.

⁵⁸ A versão mais conhecida de Cinderela, é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado La gatta cenerentola ("A gata borralheira"). O conto foi adaptado em livros e no cinema, encantando crianças e adultos por seu apelo dramático

compreender melhor na história da minha pesquisa o porquê do meu tema de investigação e as opções que venho fazendo ao *pesquisarcoleccionarrar*.

Figura 11 - Inventário Achadouros de memórias- Foto Rara Marchon



Fonte: A autora, 2022.

2.4 A chegada

Inventariando meus guardados, rememoro minha chegada ao município de Itaboraí-RJ, após a aprovação em concurso público, quando tornei-me professora da escola pública e fui compreendendo, depois de ter sido aluna, o que é SER professora das crianças das classes populares. Na primeira escola, escolhi ser professora do primeiro ano do ensino fundamental; queria levar a infância adiante, pois não compreendia que, ao ingressar ao ensino fundamental, as crianças tinham de deixar a infância, descrita por Walter Kohan (2003), do tempo oportuno - Kairós no portão, para viver o tempo cronológico da produção - Chrónos. Para mim, aquele *tempoespaço* também poderia ser vivido de forma plena, brincante, curiosa.

Essa inquietante experiência, me deslocou a escrever uma narrativa, tecida e apresentada no Curso de Extensão: A Escrita de Narrativas Docentes, realizado em 2015, em que narrei as dores e delícias de uma professora recém aprovada em concurso público, sua chegada à escola, seus reencontros com as memórias de infância e seu desejo de que as práticas com as crianças fizessem sentido para ela e para as crianças. Lá, surgiram os primeiros embates, confrontos da prática, dos muitos (cadernos, notas, livros) oferecidos, pela escola, para as crianças, que nem

sabiam por que, eu era a nova professora da turma. Nesse sentido, ousou dizer que todos aqueles materiais faziam tão pouco sentido naquele momento, sendo até mesmo desnecessários.

A seguir, compartilho a peça relíquia conquistada desde 2015, e que passou a compor essa *pesquisacoleção*.

2.4.1 Para além de um telhado azul

Saiu no jornal! Disse uma amiga. Comprei o jornal e lá estava: Jane Marchon Cordeiro – APROVADA. Ali mesmo, na banca de jornal, tomei as palavras da Cinderela⁵⁸ e gritei: É como um sonho que se realiza! Tinha esperado muito por aquele resultado. Enfim, minha matrícula e a possibilidade de retornar à escola pública, onde estudei grande parte da vida escolar.

Recebi o telegrama! Chegou o dia da escolha e lá fui eu com uma “listinha” de escolas, feita com o auxílio de amigas e com alguns critérios: escola mais próxima, perto da pista, “fácil acesso”

Quando chegaram o dia e o horário marcados para a escolha da escola, encontrei muitas professoras, todas com o mesmo objetivo que o meu. Pareciam ter xerocado a minha lista. Para minha desilusão e das outras professoras, nenhuma escola da lista estava relacionada para escolha. Sou a próxima. Chamaram meu nome. Sentei-me e logo veio a pergunta: “Vai pra onde?” A pergunta parecia ter me empurrado para o mesmo buraco que Alice⁵⁹ caíra em sua história.

- Não sei! Respondi.

A funcionária me apresentou uma lista, que não passava nem perto da que idealizeara.

- Você mora onde?

- Para você, as ideais são essas.

⁵⁸ A versão mais conhecida de Cinderela, é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado *La gatta cenerentola* ("A gata borralheira"). O conto foi adaptado em livros e no cinema, encantando crianças e adultos por seu apelo dramático.

⁵⁹ No conto de Lewis Carroll, Alice que cai numa toca de coelho que a transporta para um lugar fantástico povoado por criaturas peculiares e antropomórficas, revelando uma lógica do absurdo, característica dos sonhos.

- Onde ficam essas escolas? Indaguei. Em minutos, precisava fazer a escolha. Pelas referências que me deram, optei pela escola que ficava atrás da criação de avestruz⁶⁰. Esse lugar, eu conhecia, pois quem passava pela estrada, não tinha como não avistar as belas e exóticas aves. “É só saltar em frente”, diziam as informantes.

Enfim, peguei o memorando. -É para lá que eu vou! Volto para casa e planejo a minha ida para conhecer a escola no outro dia, pois como era período de férias, a escola funcionava em meio período.

No dia seguinte, ao saltar no ponto da “criação de avestruz”⁵⁵, comecei a procurar pela escola, que “diziam” ficar logo atrás... muito atrás. Mas, isso, eu só descobri ao caminhar “pela estrada afora”⁶¹. Ao caminhar, percebi que subia uma colina, lugar com poucas casas, alguns sítios, mas nada de escola, da escola de telhado azul. Perguntei a uma pequena menina, que viria a ser minha aluna, onde havia uma escola naquela rua. Ela, simplesmente, apontou e disse:

- Ali! Olhei e logo percebi que a escola não tinha telhado azul, como as que tinha como referência. Não ficava perto da pista, pois andei mais de trinta minutos para chegar; mas, subo mais um pouco e, do alto da colina, me deparei com uma das mais belas paisagens que já vira, além de ser informada pela pequena menina, que me acompanhou até a escola, que aquele lugar se chamava Bela Vista. Entendi o recado.

Respirei fundo, bati ao portão e logo veio Dona Ana, senhora de andar miúdo, voz sussurrada que atendia na secretaria. Quando entrei, era como se estivesse entrando na escola da Tia Nastácia, uma escola municipal do bairro onde morava, mas conhecida por esse nome por Tia Nastácia ser a diretora há muitos anos.

Na escola da Tia Nastácia, vivi bons momentos e conheci uma incrível professora, Maria Luiza, que me proporcionou a construção de novos olhares. Um deles era a valorização da escola pública. Como era coerente a sua fala! Como acreditava em nós, seus alunos! Ela fez a diferença naquele lugar. Com ela, aprendemos a trabalhar no coletivo, a reconhecer a escola como espaço de ações que pudessem, por nós, ser praticadas. Éramos parte da escola. Ali começaram as nossas relações de pertencimento.

⁶⁰ A avestruz é considerada a maior das aves. Mede até 2,4 metros e pesa cerca de 150 kg. Seu corpo tem aspecto desengonçado, com pernas e pescoço longos e cabeça pequena, e ainda, dois grandes dedos em cada pata. A avestruz não possui a capacidade de voar que é compensada pela sua habilidade de correr, que pode atingir uma velocidade de 45 km/h e passos com mais de 3,5 metros. Esta ave alimenta-se de gramas, sementes, insetos e pequenos animais e vive em média 50 anos, e pode atingir até 60 anos de idade. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/avestruz.htm>>.

⁶¹ Cantoria feita pela personagem Chapeuzinho Vermelho (personagem do conto dos Irmãos Grimm) em seu caminho pela floresta até chegar a casa da sua vovó.

Na escola que, para nós, já não era mais da Tia Nastácia, e sim, nossa, havia três frondosas amendoeiras, daquelas de montar um balanço, brincar à sua sobra e quebrar amêndoas em busca de coquinhos. E, nesse episódio, em Bela Vista, reencontrei as amendoeiras, na pequena escola da colina, que não tinha telhado azul, mas, nela, havia muitas marcas, que me faziam recordar a minha infância.

Além das amendoeiras, na escola, havia dependências muito simples e bem pequenas. Conheci o espaço físico com Dona Ana e, enfim, entreguei-lhe o memorando.

Ao conversarmos um pouco, ela me relatou sobre a turma de 1ª série complementar de vinte e oito alunos⁶². Com uma apresentação nada estimulante, a partir do seu olhar, poderia já sair dali e não mais voltar, porém, eis que depois, ela ainda me trouxe os diários com as notas das crianças. Era a confirmação documentada e, em cores, do que ela já havia me contado. Praticamente era a maçã da Branca de Neve ⁶³de tão vermelho!

Voltei para casa, e agora era preciso aguardar o retorno das aulas. Mediante tudo o que ouvi, muitos questionamentos vieram durante aqueles dias, afinal, estava optando por sair da escola que trabalhara por doze anos, como professora de Educação Infantil, e, depois, como Coordenadora Pedagógica. Era o porto seguro! Aceitei aquela nova experiência desafiadora; sabia ou imaginava os desafios que encontraria. Mas, eu queria! Mesmo com os relatos de D. Ana e o rubro diário, eu escolhi voltar. Com dia e hora marcados, fui eu ao encontro das crianças que me aguardavam na escola. Aguardavam?

Peguei dois ônibus, saltei no ponto da avestruz, andei meia hora, subi a ladeira, entrei pelo portão e, ao chegar, encontrei, no refeitório, as mães dos alunos me aguardando com a diretora. Afinal, eu era a nova professora da turma. Que momento! Me apresentei às mães, falei de onde eu vinha, que bagagens trazia em minha mala, e que propostas pretendia trazer para a turma. Apresentações feitas, fui conhecer as crianças.

Finalmente, entrei na sala, dei “boa tarde” e, antes que arriasse minha bolsa, instaurou-se o inquérito:

- Cadê a tia?

- Ela é a tiaaa!

- Ela é a tia? E a outra?

⁶² Alunos? Sim, eu escrevi alunos, no texto original. Ao revisitar minha narrativa, deparei-me com concepções do processo *aprendizagem* *em* *sino* que não acreditava morarem em mim, mas estavam lá! Será que, de fato, naquele momento (da experiência revisitada ou da experiência narrada?), eu olhava para crianças pequenas como alunos? Quais as diferenças e implicações dessas perspectivas? Quantas outras lições as narrativas podem nos trazer?

⁶³ No conto A Branca de neve, a personagem é enfeitiçada por uma maçã muito vermelha e acaba caindo em um sono profundo.

- Foi “expulsada”!

Em meio a tantas perguntas, percebi que as crianças não sabiam que a mudança aconteceria após o recesso. Deixei minha bolsa na mesa e fomos conversar sobre a situação. Nos apresentamos e ali tivemos a primeira de muitas outras conversas.

Dando continuidade ao nosso encontro, propus às crianças fazermos o registro da agenda do dia. Expliquei a proposta da agenda, porque a faríamos diariamente... Logo, começou a confusão!

- Tia, que caderno?

- Caderno de quê?

Querendo resolver a situação, disse com a voz sobressaltada, diante da confusão:

- Peguem o de Português!

E escuto:

- Hoje era matemática! (os alunos tinham um horário das disciplinas). Mas nem todos também trouxeram o caderno de Matemática.

Respirei e disse:

- Perfeito! Hoje é o dia de usar o caderno que quiserem.

- Qualquer um? Perguntaram desconfiados.

- Sim, o que mais gostarem! Respondi.

Acalmada a situação dos cadernos, começamos, enfim, a organizar a agenda do dia. Durante aquela, que poderia ser para muitos uma atividade simples de registro, observei que as crianças tinham cinco cadernos, apresentavam dificuldades em se organizar com eles durante o registro.

O meu primeiro encontro com aqueles pequenos revelava como o “muito” pode ser tão “pouco” diante das pistas dadas por eles; tinham tantos cadernos, livros, horários de aula... e precisavam muito mais do que escolher o caderno de que mais gostavam.

Nossa rota de trabalho precisava ser apontada para outro destino, que fizesse mais sentido a todos. Eu não tinha a receita, mas sabia que a escola de Bela Vista¹, como a da minha infância, escondia uma potência muito além das notas registradas nos diários de classe, das pilhas de cadernos... e de um telhado azul (CELESTINO, 2017).

Ao revisitar o *textotecido* em 2017, compreendi melhor o alerta das professoras Inês Bragança e Jacqueline Morais (2017), quando escreveram na apresentação do livro *Escrita de Narrativas docentes* (2017), *viver e escrever é um negócio perigoso!* inspiradas na obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*. Ao reler o texto, percebi que me expondo ao perigo de viver e escrever na folha em branco, fui me dando conta dos meus ainda não saberes no

enfrentamento dos desafios do cotidiano. Desafios que a mim se apresentaram na narrativa do texto, vividos antes mesmo do primeiro dia da chegada à escola.

Sim, eu corria perigo! Mas o perigo também anunciava desejo e coragem de dar-se a ver. Com coragem de professora em compreender os sentidos dos fios da palavra narrada. Escrevi! Encarei o curso e aquela folha em branco distribuída pela Professora Jacqueline com a pergunta: “Como cheguei até aqui”? Em tom de humor, respondi a mim mesma - de carro. Mas era preciso mais do que bom humor para pensar o *saberfazerperguntardizernarrarescrever* naquele momento.

Voltar à narrativa, nesta pesquisa, revelou-me que a sua escrita me reaproximou de uma forma de dizer por escrito o que ainda considerava não servir para os estudos acadêmicos. Despontou a *professoranarradora* das suas experiências. uma escrita da professora, com meu jeito de ser professora.

Ao reler o escrito, percebi a potência das narrativas do vivido para a compreensão dos caminhos da prática como ação formativa. Nesse revisitado, compreendi que escrever minhas histórias narrativamente, nesta *pesquisacoleção*, é reafirmar-me como *praticantepensante* (ALVES, 2015), que, ao narrar minhas histórias, interessa mais o que eu digo do que aquilo que gostaria de dizer, assim, extraio delas, lições a partir da experiência vivida, ressignificando-as.

Sigo a contrapelo da ordem do esperado, da linearidade dos padrões pré-estabelecidos pelo paradigma dominante da ciência moderna (SANTOS, 2006). Daqueles que insistem na dicotomização e hierarquização entre homem e natureza, teoria e prática, razão e emoção, sujeito e objeto.

Nesse viés, ao narrar minhas histórias e as lições delas extraídas, oponho-me ao campo da formação de professoras.es, que desconsideram os saberes produzidos nos cotidianos escolares, julgando-os sobre a égide do paradigma dominante, ao entender que o conhecimento parte do simples para o complexo, do pouco para o muito. Desconsideram os saberes da experiência docente, por entendê-los menores e propõem que as práticas cotidianas com as crianças sejam embasadas em manuais e cartilhas a serem seguidos fielmente nas escolas. Uma lógica de formação que não reconhece os saberes produzidos pelas.os docentes a partir do seu próprio *saberfazer*, ao desver professoras.es como produtoras.es de conhecimento. Como um horizonte de possibilidades⁶⁴ no processo formativo das professoras, percebo, ao narrar o

⁶⁴ “Do ponto de vista bakhtiniano, no mundo da vida “calculamos” a todo instante, com base na memória do futuro desejado, as possibilidades de ação do presente...Somos movidos pela memória do futuro que nos fornece assim os critérios de seleção de um ato no horizonte dos atos possíveis. E nesse vir-a-ser, nesse objetivo a ser alcançado, nunca somos acabados, prontos, fixados: somos história e histórias. (GERALDI, W.J. FICHTNER, B. BENITES, M., 2006p. 188).

encontro com o inesperado, como os *pop-ups*⁶⁵ dos livros infantis, que saltam aos olhos ao manuseá-los. No ir e vir da escrita sobre a prática, compreendo como Prado e Rodrigues (2017) a docência que emerge na e da narrativa do vivido no/do cotidiano escolar durante escrita da professora que dialogando com os conhecimentos acadêmicos, produz conhecimentos científicos, afirmando-se assim, como intelectuais públicos com já enfatizava a professora Regina Leite Garcia em suas pesquisas nos anos de 1990.

Ao militar no campo das pesquisas narrativas, por compreender seu potencial formativo, busquei conhecer melhor como essas vieram se constituindo no Brasil. Encontrei nos escritos da Professora Inês Bragança (2008), uma historização das pesquisas narrativas em Educação no Brasil. Em seu texto, a professora aponta que, há quase três décadas, recebemos as contribuições do professor português Antônio Nóvoa, que apresentou, em terras brasileiras, as pesquisas narrativas (auto)biográficas - 1988 e sobre as histórias de vida de professores, nos anos de 1991/1992 (2008).

Também chegaram ao Brasil as pesquisas canadenses do autor Michael Conelly e da autora Jean Clandinin (1988), que partem do pressuposto de que os seres humanos são contadores/as de histórias ao defender a tese de que *la educacion es la construcción y la -reconstrucción de histórias personales e sociales; tanto los profesores como los alunos son contadores de histórias y también personajes em las histórias de los demás y em las suas propias* (CONNELLY e CLANDININ, 2008, p12), argumentam que o estudo das narrativas é o estudo das formas como os seres humanos experimentam o mundo.

Os autores/as estrangeiros adensaram as pesquisas em educação no Brasil, que já eram presentes por aqui, nas narrativas do Professor Mestre Paulo Freire. Já se buscavam, no país, outros caminhos de pesquisa, *sem renunciar à rigorosidade metódica, da consistência* (BRAGANÇA, 2008). A autora aponta ainda que, nesse campo potente de pesquisa, os processos formativos de professoras/es trazem as vozes dos sujeitos em suas histórias dos cotidianos *formativos escolares e não escolares, reinventando modos de viver/narrar/pesquisar/formar* (BRAGANÇA, 2008). Penso ser esse o motivo de me aproximar do campo narrativo para ancorar esta pesquisa.

Desejosa por *experimentar o mundo*, aceito o convite de Connelly, Clandinin (2008), assumo nesta investigação narrativa, a partir dos estudos de Geraldi, Lima, Geraldi, (2015) a narrativa de experiências do vivido, ou narrativas de experiências educativas, compreendendo-a como caminho metodológico que possibilita compreender o vivido na profissão, a partir da

⁶⁵ Ilustrações tridimensionais feitas com recortes do papel, que realizam movimentos ao abrir e fechar dos livros, costumam ser utilizados para chamar atenção da/o leitora/or.

reflexão da narrativa em diálogo com estudos teóricos, transformando-se, assim, em conhecimento científico. Ao narrar as experiências do vivido, extraem-se delas lições, conselhos, no sentido *benjaminiano* (1985), que possibilita aprender a partir da sua própria prática como ação formadora.

Nas conversas com o autor Walter Benjamin, percebo que as experiências têm ficado cada vez mais longe também da formação da.o professora.o, guardadas nas histórias não narradas, nos escritos não feitos, nem tão pouco compartilhadas com outras.os professoras.es, como uma negação aos modos de *intercambiar experiências* (BENJAMIN,1993).

Experiências do vivido pelas professoras e escolas andam em declínio, em nome das inúmeras informações, consequentes da modernidade, retirando, delas, a autoria e a capacidade de narrar, como, como já nos alertava Benjamin (1985). Os saberes produzidos a partir das experiências na profissão são deixados de lado, considerando-os como saberes menores ou, por vezes, um não saber.

No diálogo com a professora Carmem Pérez (2003), quando inspirada em Santos (2000), provoca-nos a fazer *ações rebeldes*. Ações que possibilitem compreender os sentidos da transformação pessoal e profissional de uma professora. Seria o ato de narrar uma *ação rebelde* de pesquisar?

O desejo de pesquisar *com* as professoras e *com* a escola, me aproximou desse campo já iniciado por Paulo Freire em suas andarilhagens e encontros com professoras e professores no Brasil e no mundo, mas ainda um campo recente, por seguir buscante por modos outros de transgredir, criar pesquisa em Educação. Assim, fortaleço minhas escolhas *teoricometodológicas*, seguindo na contramão das investigações que se dedicam a dizer *sobre* a escola, *sobre* as professoras; que apagam os sujeitos e suas narrativas produzidas nos cotidianos escolares (GERALDI, 2013) somando-me às pesquisas que não desistem de falar *com* a escola e seus sujeitos.

De que lugares falam as pesquisas sobre a escola e sobre as professoras? A parcialidade do sobre, que atravessa as pesquisas sobre a escola e sobre o saberfazer docente, coloca a professora como objeto de investigação, reforçando o *hi-a-to*, da ciência moderna, entre quem pesquisa e quem é pesquisado, entre a professora, a escola e a pesquisadora. Um *hi-a-to* que se esconde por trás da frieza dos dados, dos gráficos e tabelas para apontar o fracasso da escola pública e responsabilizar professoras e professores por tais resultados.

Os estudos da professora Corinta Geraldi (1993), me auxiliaram a compreender que as *pesquisas narrativas de cunho qualitativo procuram narrar fatos do cotidiano escolar pelo*

propósito de deslocar/mexer com o cânone da divisão do trabalho pedagógico entre os/as que pensam e os/as que fazem; os/as que elaboram e os/as que executam. E complementa ainda que as pesquisas narrativas assumem fazer caminhos que convidam à criação, à invenção, à transgressão (GERALDI, 1993). Um **VIVA** para a professora Corinta e seus estudos transgressores.

Penso serem esses alguns dos motivos que me aproximaram desse campo de pesquisa. Uma pesquisa errante, na qual viver seus processos, seja como esculpir uma obra de arte, não basta saber, é preciso viver e aprender a vivê-la, aceitar correr riscos, como quem ousa saltar de uma tirolesa e, mesmo planejando o salto, não pode prever como será o voo, a não ser que salte. Eu resolvi saltar!

2.5 Sobre chover palavras no papel

Mais um dia amanhece,
o sol, dizendo ser hora de parar e descansar,
dispara seus raios pela janela,
os pensamentos me parecem ter visitado as nuvens, procuro chover palavras no papel.

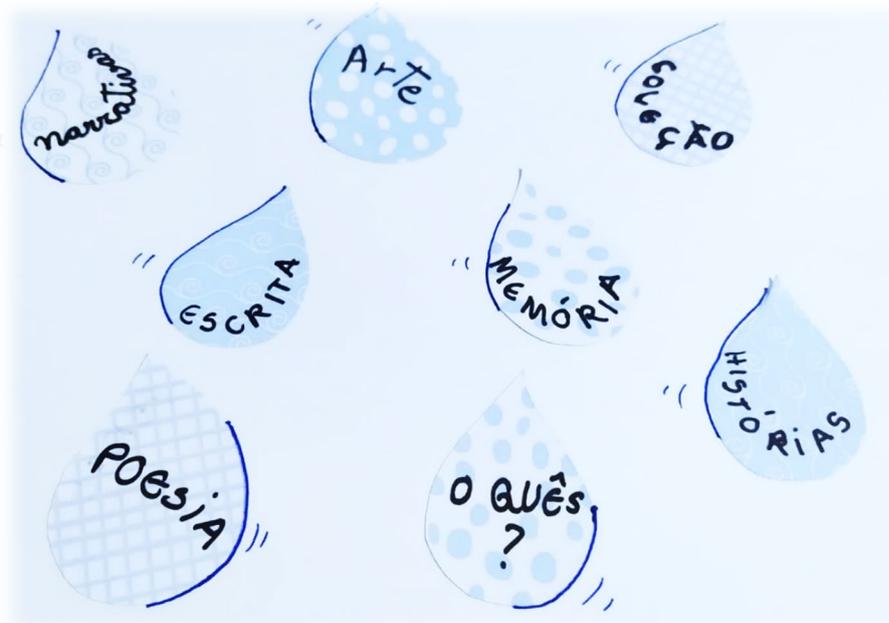
Quero chuva com *palavrasgotas*,
que não sejam as *fatigadas de informar*,
desgostadas pelo poeta.
Quero fazer chover palavras simples, tipo poesia, para não se gastar.
Palavra que vem da professora no encontro *com* outras palavras professoras.

Aqui, falo da palavra narrada em palavra escrita, me permitindo viver a pesquisa *na* pesquisa. É nela que tomei consciência do quanto sabia e nem sabia que sabia e do quanto ainda não sei, mas posso com certeza aprender. Uma *professorapesquisadoranarradora*, constituída ao pesquisar a própria prática. Nesse movimento, com a contribuição de Prado e Soligo (2015), construí *conhecimento sobre a prática com perspectivas de compreensão e mudança* (PRADO, SOLIGO, 2015).

Em modo arteiro de escrita como gatilho de escrever, como me leu Regina Trindade, amiga do grupo ALMEFRE em um de nossos encontros, com o tom carinhoso e respeitoso, que

lhe é peculiar, quando fala das pesquisas realizadas pelos companheiros.as do ALMEFRE. Regina percebeu que a ousadia da escrita arteira é o que me faz escrever...um gatilho. Sim, professora companheira, eu busco, na escrita arteira, outros jeitos, outros modos de escrita acadêmica, que dê a outras professoras a vontade de escrever e assim, compreender seus *o quês*, na autonomia das suas práticas, ao perceberem-se autoras dos seus textos, suas narrativas.

Figura 12 - Palavras gotas – Por Jane Marchon



Fonte: A autora, 2022.

2.6 “Então, não cobre, não copia, faz o quê?”

Como professora coordenadora, na segunda matrícula também no município de Itaboraí, passei a me reencontrar com a professora da Educação Infantil guardada em mim, no encontro com as *Meninas das Estrelas*⁶⁶, passei a olhar de outros modos o que, antes, eu ainda não percebia no encontro com as crianças na sala de aula. Que saberes tem a professora da Educação Infantil? Que conhecimentos produz em sua prática?

O convite para compor a equipe da Coordenação de Educação Infantil chegou em 2012 e passei a exercer função na Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Lugar de muitas tensões, disputas, mas também de oportunidades para militar pelas infâncias e a formação das

⁶⁶ Professoras do CEMEI, Maria das Dores Pereira Bezerra apresentadas nos escritos do Primeiro Volume.

professoras da Educação Infantil, tecendo diálogos potentes com a escola, professoras e crianças.

Meus diálogos com as professoras dos vinte e três Centros Municipais de Educação Infantil e das quarenta e oito escolas, com turmas dessa primeira etapa da Educação Básica, aconteceram a partir das frequentes visitas às/aos escolas/CEMEI, localizadas(os) nos sete distritos do município de Itaboraí, mesclados entre bairros rurais e urbanos, com uma diversidade de *espaçostempos* que já demonstravam que os fazeres das professoras jamais seriam da mesma forma, ao incorporar as subjetividades das crianças, famílias e das próprias professoras que configuram seus grupos de trabalho. Outros encontros aconteceram nas formações continuadas oferecidas pela referida rede municipal de ensino.

Desde 2009, as formações continuadas oferecidas pela SEMED configuravam-se como *espaçotempo* de encontro entre as professoras da Educação Infantil. Sua potência destacava-se, quando professoras e professoras formadoras percebiam-se em formação cúmplice, a qual não se dá de forma simples. Se de um lado, professoras sedentas por saber o que fazer, chegavam às formações munidas de perguntas, desejosas de levar, na volta para as escolas todas as respostas, do outro, tínhamos professoras pedagogas que como formadoras, recebiam a batuta para, como maestras orquestrarmos o trabalho pedagógico de toda uma rede. Como pensar a formação das professoras em uma rede que trazia, em sua diversidade, pistas para compreender que só os encontros (mensais, bimestrais) não dariam a ambas, as respostas que gostariam de receber ou responder durante as formações?

Na compreensão do ser professora da Educação Infantil, me fiz formadora. E na busca pela formadora, me encontrei na professora. A cada encontro, a professora formadora se formava e transformava com/entre outras professoras, provocada por suas narrativas, inquietações e curiosidades acumuladas sobre seus fazeres com as crianças da Educação Infantil, em um profícuo diálogo, que nos move ao *pensarfazer* as práticas cotidianas com as crianças pequenas nos/dos cotidianos tão singulares das escolas e dos CEMEIs.

Lembro-me com carinho das manhãs de sexta-feira, na Pedra bonita, dessas bem ensolaradas. Chegava à escola, onde fora marcado o encontro com as professoras naquele dia. Vejo Roberta Teixeira, minha parceira da coordenação, que assim como eu, também, descarregava seu carro. Nossos carros, como diziam as colegas: era carro de professora, chegava sempre abarrotado de caixas, sacolas, caixas de som, *notebook*. Tudo bem semelhante ao que fazíamos com as nossas turmas nas escolas, porque também compreendíamos aquele *espaçotempo* como potência estética, política e de formação. Mesmo com apenas três integrantes na época, para atender a um grupo de trezentas e noventa professoras, não faltava o

carinhoso lanchinho, preparado com toalha, flores e uma boa garrafa de café, como forma de respeito e afeto às companheiras. Também tínhamos lanches partilhados. Esses eram uma explosão de cores e sabores.

Com tudo já organizado para o encontro, o grupo de professoras da Educação Infantil reunia-se em uma grande roda de formação. Dispostas ao centro, atividades estereotipadas em folha A4, ainda muito comuns nos cotidianos escolares, eram convite para puxar a conversa naquela manhã. As professoras, depois de selecionarem uma das atividades, discutiam em pequenos grupos sobre os por quês de suas escolhas.

De volta à grande roda, cirandava a conversa, quando as vozes iam até o centro, se cumprimentavam, rodopiavam e não voltavam aos seus lugares do mesmo jeito que haviam saído. Na dança das vozes, de repente uma ecoOU pela sala em forma de pergunta. Era como tivesse perdido o compasso: *Então, não cobre, não copia, faz o quê?* A pergunta parecia ter sido direta para mim, uma das duas professoras formadoras naquela manhã. Logo, desdobrada por dentro, me calei de qualquer possível resposta direta. Era preciso mais que uma resposta pronta, eu intuía, pois não desejava dizer à professora simplesmente *o quê* fazer como um manual acessado. Não posso negar que na hora, aquela falta de opção que a pergunta da professora trouxe foi o que me atravessou naquela experiência. Poderia discorrer sobre uma série de *os quês* para ela, mas isso destoava do que vínhamos aprendendo a fazer, não hierarquizar saberes. Como Joseph Jacotot, o Mestre Ignorante, narrado por Rancière (2013), tentávamos, quase que engatinhando ainda, *a igualdade como princípio e a emancipação como método* (2013). Considerando que todas aprendemos com todas, nós ensaiávamos alguns caminhos de **cirandar** as vozes durante os encontros de formação.

As conversas com Jorge Larrossa (2002) me auxiliaram a compreender que sendo a experiência aquilo que *nos atravessa, que nos toca, que nos passa* (2002), ao ser interpelada pela pergunta da professora, precisei mais que uma resposta para dizer o que fazer, ou de um manual de instrução para reprodução de modelos a serem seguidos. *Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece* (LARROSA, 2002), naquele acontecimento, a professora e eu tivemos experiências diferentes, pois o acontecimento foi comum a nós duas, mas, nele, a experiência foi singular a cada uma.

Aquele *faz o quê?* ecoado na sala, penso ter se juntado às perguntas da menina professora da escola do quintal, da professora adulta, nos/dos cotidianos escolares, em que encontrava com as crianças e com outras professoras, da professora coordenadora e formadora.

Dos *entrelugares* de professora, professora coordenadora, formadora e *professorapesquisadoranarradora*, trouxe a pergunta que me desdobrou por dentro para a pesquisa do mestrado, não para respondê-la simplesmente, mas para pensar a partir dela o *saberfazer docente* aprendendo em função da pergunta⁶⁷ da colega professora a fazer novas perguntas curiosas.

Figura 13 - Ciranda de vozes docentes – Por Jane Marchon



Fonte: A autora, 2022.

2.7 Curiosidade acumulada

Outro dia, lembrei-me de uma menina chamada Glorinha. Eu a conheci nas páginas de um livro⁶⁸ que costumava levar para os encontros de formação entre professoras como dispositivo para pensarmos as propostas de projetos de pesquisa com turmas de crianças, organizando os percursos de pesquisa a partir de suas perguntas curiosas.

⁶⁷ A pergunta feita pela professora que participava do encontro de formação, enquanto o grupo de professoras discutia sobre as práticas de uso de folhas xerocada em folha A4 com crianças da Educação Infantil: Não cobre, não copia faz o quê?

⁶⁸ Livro- A curiosidade Premiada – 2015

No livro, a menina Glorinha de tanto fazer perguntas e deixar seus pais atordoados, foi levada por eles até a casa de Dona Domingas, uma professora “velhota”, que com seus saberes da experiência, dava conselhos a todos e a todas que a procuravam.

Os pais da Glorinha queriam saber por que a menina fazia tantas perguntas e dona Domingas disparou:

- *Ela sofre de curiosidade acumulada! Não é nada grave, desde que respondam a ela suas perguntas.*

Como não sabiam como responder a tantas perguntas da menina, seus pais passaram a buscar as respostas junto com Glorinha e aprenderam a fazer perguntas sobre o que também ainda não sabiam. No reencontro com Glorinha - a menina perguntadeira, percebi o quanto as perguntas nos dão pistas para construirmos conhecimento e assim, construir formas outras de *saberfazer*.

Na perseguição da pergunta que me desdobrou por dentro, no encontro com outras professoras, continuei a fazer outras perguntas sobre o que eu também ainda não sabia fazer. Passei, então, a *saberfazerperguntardizernarrarescrever*, colecionando histórias, rememoradas no ir e vir do lembrar. Encontrei nas perguntas curiosas daquela menina, que indagava ainda pequena sobre os exercícios repetitivos de cobrir e copiar na escola, da menina professora ao ser advertida por suas peraltagens no quintal na subversão das regras e realizar uma pintura na parede de sua casa, e da professora iniciante, da professora experiente, que, no encontro, com as crianças, por vezes, se perguntava: o que fazer?

Nos guardados de memória vindos à tona durante o *memorial de formação* (PRADO, SOLIGO, 2005), ao inventariar os guardados de professora, encontrei, nas experiências dos percursos formativos, pistas que me levaram a investigar o campo da formação de professoras a partir do *saberfazer docente*. Os caminhos metodológicos da investigação revelaram-se ao perguntar: Por que teria que fazer um inventário dos guardados de professora? O que encontraria em suas desimportâncias, que se apresentassem como pistas para seguir bisbilhotando, xeretando com lupa para olhos bem grandões, perseguindo achados de colecionar.

No aceite de fazer um inventário, segui os conselhos de Prado e Morais (2005) ao organizar os achados de pesquisa e percebi minha formação atravessada por tantas outras professoras e por isso, desejei o encontro com algumas delas que caminharam comigo nos percursos formativos para Oficinas escritas de narrativas docentes, como modo de *intercambiar experiências* e a partir delas, perseguir, nos detalhes das suas histórias, os indícios formativos como achados de colecionar que contribuíssem com modos outros de *saberfazer* pesquisa.

Juntas nas escolas, no tecer a rede pública a qual pertencíamos, nos encontros de formação desde nossa chegada para trabalhar no município de Itaboraí, nos encontros cotidianos, das conversas ao pé do ouvido, entre um turno e outro de trabalho ou nas apresentações da Jornada pedagógica da Educação Infantil (JOPEI). Rimos, choramos, desabafamos, nos indignamos, lutamos, nos fortalecemos. Caminhamos acompanhadas, enquanto elas estavam na escola com as crianças e eu na Secretaria de Educação, compondo a equipe da Coordenação de Educação Infantil. Um espaço desafiador, tensionador e formativo, que me proporcionou olhar o trabalho e a formação docente na rede, como possibilidade poética *de ser outros, de caçar jeitos como água que corre entre as pedras, caçando liberdade*, como o poeta Manoel de Barros (2014).

Tal caminho escolhido pela água, levava à disputa e tensão de acirradas discussões, principalmente sobre a formação de professoras que atuavam na Educação Infantil, fomentadas por meus frequentes encontros com a escola, professoras e crianças. Foi com elas e muitas outras que me formava e me constituía também professora, professora coordenadora pedagógica e *professorapesquisadoranarradora*.

Nessa busca por aCHADos de colecionar, para a criação de novas peças, formalizei o convite à nove professoras que, já, em 2020, haviam participado da Comissão de Reformulação do Referencial curricular da Rede Pública de Ensino do município de Itaboraí⁶⁹ entre os anos de 2019/2020 na representação das escolas⁷⁰ dos sete distritos em sua diversidade de constituição e funcionamento.

Digo formalizei, pois elas já diziam desejar participar da pesquisa, por um movimento de sororidade, porque compreendiam que, quando uma chega à Universidade, outras chegam também. E que, se queremos tecer uma rede de professores que desejam aprender no *entre*, precisamos caminhar acompanhadas, como nos ensinou a Professora Jaqueline Morais (*in memorian*). E sobre aprender e caminhar acompanhada, escrevi a narrativa a seguir a partir

⁶⁹ Referencial Curricular da Rede Pública Municipal de Itaboraí. Disponível em: <<https://www.itaborai.rj.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/2-Referencial-Curricular-da-Rede-P%C3%BAblica-Municipal-de-Ensino-de-Itabora%C3%AD-para-a-Ed.-Infantil-e-o-Ensino-Fundamental-FINAL.pdf>>.

⁷⁰ Escolas de Ensino Fundamental 1 com turmas de Educação Infantil; Escolas com turmas de Educação Infantil a Educação de Jovens e Adultos; Escolas de Tempo Integral- Ensino Fundamental I e Educação Infantil. Centros Municipais de Educação Infantil – CEMEI, que atendem exclusivamente crianças de 2 a 5 anos e 11 meses.

dos quatro encontros⁷¹: A rede na rede⁷², realizados em 2020, ainda na pandemia da COVID-19.

2.8 A Rede na rede

Uma trama que tem a palavra como fio, que tece a conversa entre professoras da Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ensino de Itaboraí. Nós, professoras que, como Manoel de Barros poetizou, *temos o privilégio de não saber quase tudo e isso explica o resto*. Explica estarmos aqui para nos encontrarmos mensalmente também pelo *meet*, mesmo em tempos difíceis de pandemia.

- Vou entrar!

- Estou no celular!

- Na minha casa a internet é ruim, não pega bem!

- Estou no quintal, porque minha vizinha roteou o sinal! - Ela caiu, já voltou! - Travou, fala pelo *chat*!

_ - Voltei. Estou aqui!

Sim, também temos problemas com a *internet*, com o computador, celular, para nos comunicar com as crianças da turma, para diminuir a distância e acolhê-las. Mas, já há algum tempo, descobrimos a importância de estarmos juntas, como as tramas bem entrelaçadas de uma rede que pode até balançar, mas não nos deixa cair. Somos uma rede colorida por professoras que narram suas experiências, porque acreditamos aprender umas com as outras, por isso, como o escritor uruguaio Eduardo Galeano, *contamos tudo o que merece ser disseminado*, fortalecendo a formação em partilha como ato político e porque também aprendemos com Paulo Freire e sua pedagogia da autonomia (1996), que o conhecimento só existe na invenção, reinvenção, na busca inquieta, permanente que fazemos no mundo, com o mundo e com os outros. E, no balançar da rede, olhamos para o céu e percebemos que os fios de nossa palavra precisam continuar sendo tecidos, fio a fio.

Setembro, quase primavera de 2020.

Na trama, tecida em palavras, fio a fio em palavras, estavam os motivos que alimentaram o desejo de oficinas de escritas de narrativas docentes entre professoras. Assim, formalizei os convites para as nove professoras que desejavam participar da oficina e aguardei a confirmação,

⁷¹ Transmissões da Rede na rede feitas pelo *Facebook* da coordenacaodaeducacaoinfantil@gmail.com.

⁷² ⁶⁷A rede na rede- foram encontros formativos pelo *meet* e pelo *Facebook* para dialogarmos sobre temas emergentes e urgentes do cotidiano escolar da Educação Infantil, convidando professoras de outras redes para ampliar o debate.

enquanto preparava o *Canva*⁷³, os mimos para a banca de qualificação, ensaiava na frente do espelho e me apresentava para as.os colegas.os do ALMEFRE rumo à qualificação, marcada para a tarde daquele 18 de maio de 2021. Sobre esse dia, colecionei uma peça que comporá o próximo volume da Dissertação Coleção.

⁷³ Lançado em 2013, o *Canva* é uma ferramenta *on-line* que tem a missão de garantir que qualquer pessoa no mundo possa criar qualquer design para publicar em qualquer lugar. Informações retiradas da plataforma *Canva*, disponível em: <https://www.canva.com/pt_br/about/>.

3 TERCEIRO VOLUME

Figura 14 - Achadouro de memória



Fonte: A autora, 2022.

3.1 Itaboraí, um dia desses de 2021

Olá, professora companheira,

Vamos continuar nossa *leituraconversa* nesse terceiro volume?

Eu ainda estava impactada pelos ecos da qualificação, por isso iniciei as histórias deste volume, com o narrar das experiências que me tocaram, ao ouvir em cada palavra da banca, e suas contribuições significativas para a pesquisa, sentir cada abraço expressado em sorriso, ou

no não dito, por estar ainda guardado nas *entrelinhas* de suas perguntas/contribuições, precisando, por mim, ainda serem desveladas.

Sobre o dia da qualificação, escrevi para compartilhar com você, que *lêconversando* comigo nas costuras da escrita reveladas em histórias narradas como peças de coleção, que, uma a uma, revelam o que delas extraí como conselhos/lições ao me constituir *professoranarradorapesquisadoracolecionadora*.

Figura 15 - Convite da Qualificação



Fonte: A autora, 2022.

Era dia 18 de maio, o relógio do computador registrava poucos minutos para as catorze horas. Eu precisava entrar na sala do *meet*, preparada para aquele encontro⁷⁴. E mesmo com a boca seca, borboletas no estômago, era a hora de abrir a janela, evitando qualquer desencontro para um dia aguardado, talvez, por um tempo nem imaginado.

Eu sabia o que tínhamos construído até ali, (eu, Mairce, o ALMEFRE e as professoras que em mim habitam) e sabia também disso dizer, mas a tensão se dava à importância do momento vivido durante a pesquisa e se tornava único, pelo compromisso ético, político entre orientanda e orientadora, com o grupo ALMEFRE, o qual representava e de devolver à

⁷⁴ Embora desejássemos os encontros presenciais, estes ainda não puderam acontecer durante a oficina, devido aos cuidados necessários para a proteção contra a COVID-19.

sociedade um trabalho que contribuísse com a escola, com o *saberfazer* docente e que fomentasse o desejo em outras professoras de também tornarem-se *professoraspesquisadorasnarradoras* num profícuo diálogo entre universidade e escola básica (ARAÚJO, 2018).

Ainda na semana que antecedia à primeira ex-posição da Dissertação Coleção, Mairce me dizia do sentido da qualificação como um momento para aprender. E como aprendi. Eu estava lá. E, por vinte minutos, falei da pesquisa que se fazia ao *pesquisarnarrarcolecionar*. Ouvi nas palavras da banca a confirmação de alguns fios escolhidos para continuar tecendo a *pesquisacoleçonarrativa*. Também recebi outros fios para continuar a costura do texto. A qualificação foi um movimento reflexivo, formativo e autoritário para o processo da investigação.

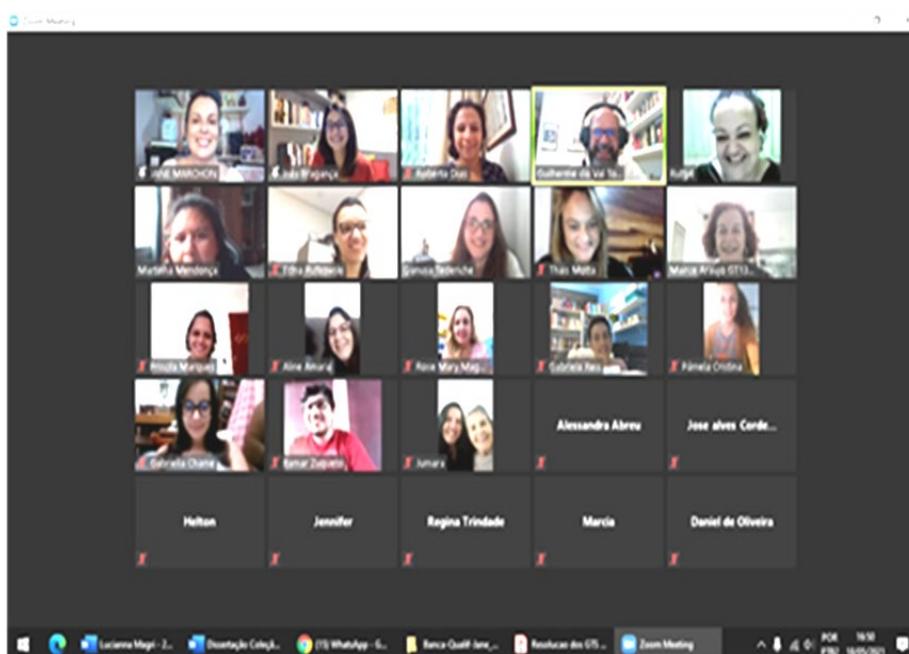
Em êxtase, fazia anotações, tentando registrar o que ouvia, mas preferi ficar com o que sentia ao viver aquele momento em plenitude. Claro que depois, precisei assistir por vezes à gravação e ler as orientações da banca, dialogar com minha *orientadorabaiana*⁷⁵ para seguir os caminhos da investigação. E juntas, eu e Mairce, minha orientadora e com as contribuições dos.das parceiros.as do ALMEFRE, fizemos uma seleção do que seria oportuno agregar ao texto, o que precisava ser revisto, ampliado, reescrito para fluência da escrita e seguir.

Mesmo à distância, senti cada um.a que me acolheu com a sua presença. Ao meu lado, na tela, via Mairce, minha *orientadorefúgio* que, mesmo virtualmente, sempre caminhou ao meu lado. Inês, a professora que sempre me oportunizou suspirar e aprender ao seu lado. Guilherme, o professor que me fala com gestos, palavras e emoção. Ane, a professora que recebi de presente e que, em suas contribuições, tatuou em mim suas perguntas. A elas e a ele, um monte de “brigados” por seus SINS.

Das janelinhas, também pude ver os olhares das.os companheiras.os do ALMEFRE, do Grupo Polifonia, da turma do mestrado, as amigas professoras de longa data e minha família, sempre porto seguro nos momentos de fragilidade. Cada um.a de vocês faz parte das histórias que me constituem, são as *gentes que moram dentro* de mim, como brincou com as palavras o autor Jonas Ribeiro em seu livro: *Gente que mora dentro da gente* (2004), compartilhado tantas vezes nos encontros formativos entre professoras.

⁷⁵ Mairce é professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e integrante desde 2014 da Ala das Baianas da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. E nesses *estrelugares* acadêmicos, me orientou nesta pesquisa no ritmo do samba e no girar de sua saia.

Figura 16 - Captura de tela na qualificação



Fonte: A autora, 2022.

3.2 Achados de colecionar

Para esse terceiro volume da Dissertação Coleção, a *escritacostura* das histórias narradas foi elaborada como um colecionar de miniaturas, uma arte sofisticada e reconhecida por seus detalhes de feitura, que tornam as peças únicas e raras. Peças feitas à mão, como as que prezo na coleção desta pesquisarte narrativa, com seus *indícios* (GINSBURG, 2007), encontrados nos detalhes fiados em cada peça/narrativa, despertaram, em mim, o desejo de colecioná-las para apreciá-las na inteireza de seus minúsculos detalhes e neles buscar, os Achados de *coleccionar*.

As peças histórias narradas neste terceiro volume, foram colecionadas a partir da oficina ACHADOuroS de **Memórias**: uma coleção de escritas de narrativas docentes, vivida com cinco colegas, professoras da Educação Infantil, na acolhida ao conselho benjaminiano ao ato de narrar de que *a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores* (BENJAMIM, 1993, p. 198), propus a criação de peças/ narrativas feitas

em modo artesanal, no oficiar de textos/bordados com fios das experiências docentes rememoradas a partir dos achados de professora.

No oficiar, o “feito à mão” revelou a potência de cada texto narrado pelas professoras participantes, como um *textobordado* que customizou as peças da composição deste terceiro volume da Dissertação Coleção.

O Oficiar de peças/narrativas subjetivas e singulares, com ferramentas da memória docente ampliando os referenciais formativos e o repertório narrativo, ao fiar com outras professoras fiandeiras, estimulou o clima necessário para o compartilhamento generoso das experiências do vivido, pois o fiar coletivo criou o clima de horizontalidade, necessário para a elaboração dos *textosbordados*.

3.3 Entre encontros e desencontros

A vida é arte do encontro
Embora haja tanto desencontro pela vida.
Vinícius de Moraes e Baden Power

Nos versos dos poetas na composição do Samba da bênção, busquei as referências para a compreensão dos movimentos da pesquisa, pois se a vida é a arte do encontro e desencontro, em uma *pesquisarte*, também encontros e desencontros acontecerão.

Dos nove convites enviados por aplicativos de mensagens, cinco professoras confirmaram a participação na oficina, enquanto quatro professoras não puderam participar e justificaram seus impedimentos, respondendo às mensagens no grupo criado para conversas e informes sobre a Oficina.

Sobre as justificativas para os desencontros ocorridos: as chamadas dos concursos das Prefeituras do Rio e de Niterói fizeram com que Luicília, cursista da minha primeira turma, quando iniciava como professora formadora na rede de Itaboraí e Roberta Teixeira, companheira de militância pela garantia dos direitos das infâncias, dos encontros na escola para o trabalho na Secretaria de Educação, declinassem do convite para participar das oficinas. Enquanto Aline, professora das conquistas diárias, assumiu a direção de uma das escolas na Rede de Itaboraí e preferiu dedicar-se à nova e desafiadora função, e Fabiane, a professora que

vaijou o mundo nos projetos de pesquisa com as crianças, por questões de saúde também justificou que não poderia participar.

Contudo, é preciso dizer também que encontros e desencontros nem sempre se excluem um ao outro. O cotidiano está aí para nos mostrar que muitos encontros pela vida, provocam desencontros, às vezes, conosco mesmo, nossos princípios, crenças, verdades, às vezes, e/ou com outras pessoas, por outro lado, muitos desencontros redundam em preciosos encontros.

Na Educação, testemunhamos preciosos encontros entre crianças e crianças, adultos e crianças e adultos e adultos, ou seja, confirmamos a aposta do autor Silvio Gallo que para se ter um encontro, *é preciso que haja pelo menos duas singularidades em contato* (GALLO, 2008). Desse modo, ao pensar os encontros que acontecem entre professoras, sejam no cotidiano da lida docente, ou nos que ocorrem a partir das reflexões com a escola, (pesquisas, formações, seminários, jornadas e oficinas), trouxe, para o centro da discussão, a oficina Achadouros de memórias, apresentada nesse terceiro volume, como uma proposição de escritas de narrativas docentes. Um contexto formativo, que se fez tanto para quem propôs os encontros, como para quem participou do oficiar de peças/narrativas.

Foi com os estudos de Silvio Gallo (2008), que trilhei nessa reflexão sobre os encontros com cinco professoras para oficiar a escrita de narrativas docentes, a partir dos seus achados de memórias, encontrados em seus guardados de professora. Ao considerar a importância do encontro em educação como sendo necessariamente um *empreendimento coletivo*, o pesquisador fortalece a ideia de que, para educar-se, precisamos do outro.

Continuei a caminhada acompanhada por uma reflexão muito pertinente para a arte do encontro e o que aprendemos com ela, apresentada por Paulo Freire ao dizer que: ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1996) e em suas singularidades. Entendo que o encontro que Paulo Freire chama de educar-se entre si, Gallo (2008) apresenta na perspectiva filosófica que Espinosa, como sendo os bons encontros, que aumentam a potência de pensar e agir – *ALEGRIA* – ou ainda os maus encontros, que diminuem a potência de pensar e agir – a que o filósofo chama de *TRISTEZA*. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. Assim, percebi que com Luicília, Roberta, Aline e Fabiana na vida e na lida docente, tivemos/teremos sempre encontros.

Com cinco professoras confirmadas, passei a preparar os encontros da oficina. Confeccionei os Achadouros de memórias - Uma caixa, onde coloquei tecidos, papéis, fitas, linhas, agulhas e botões, como convite ao desenho, ao bordado, a costura, ao feito à mão - na escrita de narrativas docentes.

Mas, por que uma *caixaachadouro*?

Diz uma lenda que, na China, as pessoas costumam dar caixas vazias de presente, como um simbolismo de que a caixa como a vida precisa ser preenchida. A *caixaachadouro* era assim um *presenteconvite* a ser preenchido com o que cada professora encontrasse em seus guardados e considerasse um Achadouro de sua memória.

Acompanharam o Achadouro de memórias uma carta convite ao ofcinar, uma caneta e um Caderno Coleção, que aguardavam testemunhar as narrativas que passariam a guardar. *Guardar para melhor serem vistas*, como propõe o poema de Antônio Cícero - Guardar:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que de um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

GUARDAR, Antônio Cícero

Por isso, o lance do caderno, para *escrevernarrar* as coisas que se quer guardar, colecionar para olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado (Cícero, 2006).

Na constituição do ser *professorapesquisadoranarradorcolecionadora*, o caderno sempre esteve presente. Às vezes, amado, outras nem tanto. Ao caderno, um dos artefatos marcantes da experiência escolar, vamos atribuindo alguns significados durante nossa *vidaformação*. Nesta coleção, é classificado como:

CADERNO, caderninho CADERNÃO

De aula,

de casa,

de caligrafia,

de bilhetes.

Sem capa, com capa.

Com erro,

recebia o rubro da caneta vermelha, para destacar.

Com letra feia,

a folha logo era arrancada.

E o som que eliminava o “mal feito”, de imediato, trazia o choro, por vezes, incompreendido por quem, do caderno, arrancou todo o feito da menina.

No caderno da escola, a errância freiriana não era companheira da menina professora da escola do QUINTAL, por isso seu apreço se dava pelos cadernos de costura de sua mãe, neles, a escrita tinha sentido: registrar o nome das *freguesas* de costura e outras anotações, enquanto sua mãe tirava as medidas para a feitura dos modelitos escolhidos.

Na adolescência, um caderno de perguntas, para colecionar respostas. De músicas, para cantar com as/os amigas/os no recreio.

Na docência, cadernos de plano, de registro, das crianças. Para as professoras, cadernos preparados como um mimo. Cadernos feitos de tantos jeitos, tamanhos e cores. Cadernos apresentados pelas crianças à professora iniciante, recém-chegada na turma que tomada pela tensão pedagógica que a remeteu aos cadernos da infância, pensou: O que fazer com aquilo que fizeram de mim? A professora seguiu sua jornada e encontrou outros tantos cadernos. Em cada caderno, uma história foi guardada, mas não em cofre ou baú, como disse o poeta Cícero, foram guardados como peça de coleção.

Na pesquisa, cadernos para escrever, fiar, bordar, costurar os pensamentos em rodopios de uma *professorapesquisadora que se descobre colecionadoranarradora* das suas práticas, no encontro com outras professoras, desdobrada por perguntas curiosas durante a lida, a vida e a pesquisa.

Na Oficina Achadouro de Memórias: uma coleção de escrita de narrativas docentes. A proposta deu-se como fio de uma *pesquisaformação*, defendida pelas professoras Thais Motta e Inês Bragança como “[...] o processo de compreensão dos sentidos formativos, plasmados em cada história narrada, não acontece apenas para quem academicamente pesquisa. Acontece, também, para quem, reflexivamente, narra” (MOTTA; BRAGANÇA, 2019, p. 104). Assim, pesquisei ao me formar e me formei ao pesquisar.

3.4 Entregas e encontros

Domingo de sol.

Convidei Helton e Rara para um passeio em família: fazer as entregas desejadas dos Achadouros de Memórias às professoras que participariam da oficina. Com o roteiro definido, endereços de cada professora recebido a partir do aplicativo de mensagem, mapa na mão, pegamos a estrada.

A viagem para entregar as *caixasachadouros* também representava, para nós, uma oportunidade de olhar outras cores, formas e texturas marcadas pela paisagem vista pela janela do carro, pois, com o isolamento social ainda se fazendo necessário, foi uma das poucas saídas que nos aventuramos a fazer durante o ano.

Seguimos para o primeiro destino: bairro da Jacuba em Rio Bonito-RJ, município vizinho a Itaboraí. Com máscara, álcool gel e uma ajudinha do *Google*, chegamos à casa de Priscila, localizada no pé da serra que já pronunciava a mudança do clima.

Por motivos já conhecidos, sorrimos no olhar ao nos vermos. Conversa rápida no portão, como registro uma foto para nela guardar memórias daquele dia. Entreguei a *caixachadouro* e seguimos para o centro da cidade, ainda no mesmo município. As nuvens já encobriam totalmente o sol.

Comunicávamo-nos pelo grupo de *WhatsApp* e, nele, avisei que estava indo para a segunda entrega. Na casa de Daliane, não sabia se entregava a *caixaachadouro* ou conversávamos, tentando roubar do tempo a saudade. A chuva apertava, precisava seguir. E mais um ritual de entrega cumprido e registrado em foto.

Para chegar à casa de Ingrid, que divide morada entre os municípios de Itaboraí e Rio bonito, foi preciso retornar à estrada, rumo ao bairro Basílio, ainda em Rio Bonito. Nosso encontro foi marcado pela volta do sol que insistia em iluminar aquele dia em que fotografamos o céu e a alegria/encontros.

A última parada daquele dia me levava de volta para Itaboraí, mas, antes, foi preciso passar pela tradicional Parada das coxinhas⁷⁶, afinal estávamos em família.

Pelo roteiro daquela manhã, avisei no grupo que logo faria a entrega da *caixachadouro* na casa de Fernanda, que abriu o portão e os braços para o abraço impedido, mas a oportunidade solar do encontro possível minimizou a falta do abraço.

Choveu na Pedra Bonita, mas ainda faltava entregar mais um Achadouro de Memórias, na cidade de Niterói. Deixei para fazê-la no dia seguinte, mas, com o retorno das aulas

⁷⁶ A Parada das coxinhas está localizada em um posto de gasolina situado na BR101, no município de Tanguá e tornou-se tradicional de parada para caminhoneiros e viajantes que vão para a região dos lagos – RJ, pelas deliciosas coxinhas de recheios variados.

presenciais⁷⁷ nas escolas da Rede, Roberta que já viria para o trabalho em Itaboraí, fez o movimento contrário, veio até a minha casa, me presenteou com sua chegada e levou com ela sua *caixachadouro*.

Figura 167 - Entregas



Fonte: A autora, 2022.

Com *caixachadouros*, cartas convite e o Caderno Coleção entregues em mão, marcamos nossas ALEGRIAS semanais para as terças-feiras do mês de julho, no horário das dezoito às vinte horas. Horário doação, pois significava o esforço de chegarmos do trabalho ainda a tempo de entrar na sala do *meet*, para, depois, ainda atender as demandas da casa, das crianças e do trabalho, que não deixou de acontecer remotamente durante a pandemia⁷⁸ e nem com o retorno parcialmente presencial a partir de junho de 2021, na Rede Pública Municipal de Itaboraí.

⁷⁷ O retorno presencial das aulas na Educação Infantil nos municípios de Itaboraí iniciou como a maioria dos municípios do estado do Rio de Janeiro. Voltaram na primeira semana as crianças de 4 e 5 anos e duas semanas depois, as da faixa etária de 2 e 3 anos. O retorno aconteceu com porcentagem reduzida de crianças, em sistema de rodízio, mediante a autorização das famílias.

⁷⁸ A pandemia mundial causada pelo Coronavírus, propagado pelo contato físico significava arriscar a vida humana, haja vista tratar-se do causador de uma doença denominada Covid-19 que, em muitos, casos levou à morte. Tal (re)configuração mundial levou a sociedade a repensar seus modos de *pensar-fazer* (Alves; Garcia, 2012) a vida, os hábitos, as relações com o meio e com o outro. O chamado novo normal nos tem despertado cotidianamente a exercer o movimento de auto-heteroecoformação (Pineau, 2003), buscando nossas sensibilidades para compreender o próprio processo formativo em nossas relações com os outros, as coisas, com o mundo* (FARIAS, TRINDADE, SOUSA, CELESTINO, 2021)
Reflexões feitas durante a pandemia, com as companheiras Danusa Tederiche, Regina Trindade e Roberta Sousa para o E-book *Temporalidades da mulher na pandemia*, publicado pela Editora Ayu em 2021.

3.5 Desencontros

Em todo o país, professoras e professores passaram a acumular funções em casa, na escola e com a escola. Ao mesmo tempo, em que se sentiram, inúmeras vezes, desrespeitadas.os por governantes⁷⁹ e pela própria sociedade que declaravam, publicamente, que os/as docentes não trabalhavam durante a pandemia.

Ora, algo que a escola **NÃO** fez foi parar, pois ela ainda é a forma mais concreta da presença do Estado nas comunidades. A escola não se furtou à busca para não perder o vínculo com famílias e crianças, realizou entrega de cestas básicas, acolheu famílias enlutadas pela COVID-19. Professoras e professores reinventavam-se na lida docente imersas.os no caos instaurado por um vírus mortal que assolou o mundo. No Brasil, a omissão governamental sobre os dados de infectados da covid, a negligência com as classes populares e o negacionismo da ciência com declarações infundadas, além dos atrasos na compra das vacinas, agudizou ainda mais a crise sanitária e política no país. *Situações-limites*⁸⁰ (FREIRE, 2011, p.125) deflagradas pela pandemia, assolando todo o planeta. Um cenário pandêmico e porque não dizer *apocalíptico, que contribuiu para desvelar e fazer ver* (LAZZARATO, 2019), a falta de recursos básicos das populações e a brusca confirmação das desigualdades sociais no mundo.

No Brasil, com essas *situações-limites* ainda mais agravadas pelas questões expostas anteriormente, levaram docentes a denunciar a ampliação sub-humana da carga horária e a falta de condições de trabalho, enquanto ainda precisaram lutar pelo direito de serem vacinadas.os como grupo prioritário e recebiam, diariamente, notícias de perdas defamiliares e colegas de trabalho, registrados nos números de óbitos no país. Mas, anunciar também era preciso. Professoras e professores, por todo o país, também anunciaram seus *inéditos-viáveis*, inventaram e reinventaram modos outros de *saberfazer*, de chegar até as crianças, principalmente, as das classes populares, pois a essas foi negado o acesso pleno aos artefatos tecnológicos e à conexão de rede de *internet*. Foi preciso voltar ao princípio e aprender com

⁷⁹ Uma das infundadas declarações foi do então deputado Ricardo Barros quando declarou em entrevista à CNN: "É absurdo a forma como estamos permitindo que os professores causem tantos danos às nossas crianças na continuidade da sua formação. O professor não quer se modernizar, não quer se atualizar. Já passou no concurso, está esperando se aposentar, não quer aprender mais nada" Tal declaração foi endossada por Jair Bolsonaro em sua *live* complementando o ataque: "Para eles tá bom ficar em casa".

⁸⁰ Freire aponta "que as "situações-limites" se apresentam ao homem como se fossem determinantes históricos, esmagadoras em face as quais não lhes cabe outra alternativa, senão adaptar-se", porém, se os homens chegarem a transcender a "situações-limites", é possível "descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o "inédito-viável" (FREIRE, 2005, p 110).

outras culturas. Com os povos originários, aprendemos, nas palavras de Ailton Krenak, que ao sentir que o céu está caindo, empurre-o pra cima (KRENAK, 2019). É cara professora companheira de *leituraconversa*, ainda teremos por longos anos a urgência de empurrar o céu pra cima, e reexistir a tempos sombrios de perdas e descaso do poder público na falta de ações consistentes para garantir os direitos básicos, dispostos na Constituição Nacional (BRASIL, 1988), com SAÚDE, HABITAÇÃO, EMPREGO E EDUCAÇÃO. Temos hoje um país empobrecido e adoecido à procura de *ideias para adiar o fim do mundo* como escreveu e difunde o líder ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia dos Krenak, Ailton Krenak (2019).

Tentando empurrar o céu pra cima, encontrei na *playlist* que me acompanhava na escrita da Dissertação, uma ponta de esperança⁸¹ que dizia:

Enquanto isso, não nos custa insistir
 Na questão do desejo, não deixar se extinguir
 Desafiando de vez a noção
 Na qual se crê que o inferno é aqui
 Existirá, em todo porto tremulará
 A velha bandeira da vida
 Acenderá, todo farol iluminará
 Uma ponta de esperança
 E se virá, será quando menos se esperar
 Da onde ninguém imagina
 Demolirá toda certeza vã
 Não sobrará pedra sobre pedra
 Existirá
 E toda raça então experimentará
 Para todo mal, a cura.
 Lulu Santos (1988)

...Cantemos- existemos-iluminemos-eperancemos-curemo-nos...

3.6 Encontros para empurrar o céu para cima

Seis professoras- Priscila, Fernanda, Roberta, Daliane, Fernanda e eu - decidiram, como o povo Krenak, a empurrar o céu para cima, nos reunimos nas terças do inverno de 2021, para narrar suas histórias em um bordado do vivido. A cada encontro, nos distanciávamos da neblina fria da informação e da (re)produtividade de respostas.

⁸¹ A cura foi composta por Lulu Santos em 1988.

Percebi, nesse ir e vir da pesquisa como acontecimento (GERALDI, 2015), na resposta que **não** dei à professora ao ser perguntada: Se não cobre, não copia, faz o quê? uma forma de buscar romper com respostas que reproduzem verdades únicas, que levam professoras.es a descreditarem no *saberfazerperguntardizernarrareescrever* produzido cotidianamente *com* as crianças na escola e o vivido, na docência, como espaço de produção de conhecimento.

Durante a oficina, os ecos da possibilidade de aprender a partir do que se diz, com o que perguntamos e narramos, foram reverberados na escrita, sem julgamentos sobre o *saberfazer*, pois, para o meu gosto como a do poeta Manoel, a palavra não precisa significar – é só entoar (BARROS, 2014). Penso ter pelos versos do poeta, mais uma vez, encontrado os sentidos da pesquisa e da proposição do oficiar com professoras escritas de narrativas docentes, não por ser um gesto de significar palavras, mas de entoá-las.

As palavras entoadas em cada encontro, foram costuradas no texto, como a aplicação de um bordado, produzindo assim, novas peças para a coleção. Costurei os atravessamentos do que ouvi, vi, senti, bordei, escrevi, transcrevi. O desejo de estarmos juntas, as palavras de afeto, mas também de indignação, os conflitos revelados ao escrever, a coragem docente para arriscar-se e permitir-se andar por outros caminhos durante o percurso formativo.

Cada peça/narrativa elaborada bordada e oferecida por uma professora durante o encontro trazia indícios, sinais, pistas, pequenos detalhes do *saberdizerfazer* por nós procurados. Seguindo o paradigma indiciário de Ginzburg (2016): Que achados da *pesquisacoleção tais* indícios poderiam trazer? Aos detalhes e minúcias percebidas a partir do diálogo com Ginzburg (2016), acrescentei as *desimportâncias* ofertadas pela poesia de Manoel (2006), que me recomendava prezar mais *insetos do que aviões*⁸². Os miúdos detalhes, que por sua importância⁸³ não seriam medidos por fita métrica, mas pelo encantamento que cada peça/narrada produziria em mim (BARROS, 2006), alimentavam o sentimento de colecionadora, e a inclusão das peças/narrativas na Dissertação Coleção.

Pela generosidade e companheirismo docente, recebi a doação/autorização de cada professora e acrescentei em minha *pesquisacoleção* uma das peças/narrativas escritas de seu caderno coleção. Assim, trouxe de cada oficiar uma peça/narrada para *fitá-las, mirá-las (...)* *iluminá-las e por elas ser iluminada, como* Antônio Cícero em seu poema (2019).

⁸² Manoel de Barros - Apanhador de desperdícios.

Referência à poesia do poeta Manoel de Barros em Memórias Inventadas.

“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (2006).

⁸³ Manoel de Barros. BARROS, M. Memórias Inventadas: A Segunda Infância. São Paulo: Planeta, 2008.

3.6.1 Narre o ofcinar com elas

Narre o ofcinar com elas.
Ane Ribetto

Tomada pelas palavras da professora Ane Ribetto, em uma de suas provocAÇÕES ao texto apresentado para a qualificação, narrarei nas próximas páginas deste terceiro volume, o ofcinar *com ELAS*:

Priscila de Freitas – professora da Educação Infantil na Rede Pública Municipal de Itaboraí, há dez anos – trabalha com crianças do grupo etário de 2 anos em um Centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI.

Ingrid da Costa - professora da Educação Infantil nas Redes Públicas dos Municípios de Niterói e Itaboraí - Há dez anos trabalha na rede itaboraiense com crianças dos grupos etários de 3 a 4 anos em um Centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI.

Fernanda Sá – professora da Educação Infantil, na Rede Pública Municipal de Itaboraí, há nove anos trabalha com crianças do grupo etário de 2 a 5 anos em um Centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI.

Roberta Dias - professora da Educação Infantil nas Redes Públicas dos Municípios de Niterói e Itaboraí - Há dezesseis anos, trabalha na rede itaboraiense com crianças dos grupos etários de 3 a 5 anos em um Centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI. -

Daliane Alves - professora da Educação Infantil, na Rede Pública Municipal de Itaboraí, há quinze anos trabalha em dois turnos com crianças do grupo etário de 5 anos em uma escola de Ensino Fundamental I e II, com turmas de Educação Infantil no município de Itaboraí.

3.7 Primeiro oficina - vamos tomar um chá?

Figura 178 - Convite para um chá



Fonte: A autora, 2022.

Venha se acheque,

Vamos tomar um chá!?

Em uma noite fria de inverno para aquecer o coração, depois de um dia de trabalho, convidei as professoras para tomar um chá quentinho. Desse jeito, como se estivéssemos aquecidas em volta de uma lareira ou, quem sabe, de uma fogueira ou um fogão à lenha, nos aquecermos pelas telas do computador, e por lá fizemos o primeiro encontro da oficina.

Enquanto entravam na sala do *meet*, ouvia as vozes que me diziam dos preparativos do chá:

- Estou aquecendo minha água!
- O meu já está esfriando.
- Eu fiz de capim limão.

A cada colega professora que entrava na sala do *meet*, meu coração disparava, enquanto pensava: elas vieram! Esse sentimento me tomou ainda nos outros encontros. Pois, ainda que vivendo tempos tão adversos, encontrava um grupo de professoras desejoso de estar junto no exercício do verbo que Paulo Freire tantas vezes nos ensinou a conjugar: **ESPERANÇAR**. O esperar de quem se levanta, vai atrás, esperar que constrói, que não desiste. *Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo* (FREIRE, 1996).

Esperançando, tomamos um chá como o ritual que se faz com outras.os. Rememoramos cheiros, sabores da infância do capim limão, da erva cidreira, boldo, hortelã e alecrim. Nas palavras de Priscila, professora participante da oficina: *o chá é um ritual de cuidado e carinho em sua família, desde a escolha da erva, no aquecer da água, no coar e servir*. Um processo que requer tempo, paciência e a dedicação do artesanal.

Para os ingleses, japoneses, chineses, povos originários do Brasil e em tantos outros países, o chá é um ritual tradicional que revela a cultura, a religiosidade e a ancestralidade de um povo. Na Literatura, o famoso chá da Alice do conto Alice no país das maravilhas, oferecido pelo Chapeleiro Maluco. Na tradição popular, o chá das curandeiras e os chás das avós, que se diga de passagem, são também um pouco curandeiras, bruxas, feiticeiras.

Sobre chás e avós, Daliane rememorou:

- Quando pequena, sempre fui muito alérgica, tinha uma bronquite forte e minha bisa Rosa, plantava bastante hortelã para fazer chá com mel. Segundo ela, ajudava a acalmar os pulmões. Todo fim de tarde tomávamos, ela e eu, nosso chazinho de hortelã. Hoje, moro numa casa sem quintal, não tenho pés de hortelã, mas sempre que estou em um hortifruti aquele cheirinho de hortelã me arrebatava e posso quase sentir o gostinho do chá com mel.

Na rememoração de Daliane uma receita daquelas de curar qualquer “agouro”⁸⁴, como dizia a minha avó Luiza, mulher nordestina que nasceu, cresceu, criou quatro filhos e uma dezenas de netos e bisnetos no sertão da Paraíba, onde viveu até fazer sua passagem aos noventa e seis anos. Com ela, convivi muito pouco, mas guardo o meu bem querer a ela, nas histórias contadas por meu pai, seu filho Doda, que, ao narrá-las, não deixou extinguir as histórias da minha ancestralidade.

Estando em casa, foi impossível, naquele momento, não ser tomada pela vontade de compartilhar no grupo uma poesia do livro Colo de avó da poeta Roseana Murray e passaria a noite recitando suas poesias, mas, para aquele momento...

Arrumação

Hoje é dia de limpar gaveta,
armários, estantes, terras
distantes,
jogar fora o que não serve:
corações estragados,
guarda-chuvas furado,
bilhetes apagados,

⁸⁴ Receitas, que de acordo com culturas ancestrais, poderiam reverter doenças, desejos ruins, indisposição e outras coisas indesejáveis.

viagens esquecidas.

A avó limpa a tralha,
escova, passa a flanela
(a neta ajuda)
e então, com a alma em festa,
feito flor amarela,
começa outra coleção.
Rosana Murray

Entre suspiros e respiros, paramos para colocar uma meia, porque era preciso esquentar os pés e repor o chá, pois o frio se intensificou. Para continuar tecendo palavras, propus o exercício brincante de bordar em folhas naturais. Um fazer artesanal para desacelerar o tempo, aguçar o olhar e perceber na desimportância de uma folha possibilidades de ressignificar seus sentidos ao bordá-la.

A arte de bordar em folha destacou-se nos últimos anos como forma de ampliar o olhar sobre a natureza e a simplicidade do que lhe é essencial. Nas peças bordadas pela artista Clarisse Borian⁸⁵ percebe-se a busca por uma identidade autoral em cada peça. A partir do interesse por esse *saberfazer*, participei de uma oficina proposta pelo grupo Fiar⁸⁶ - UFF em 2020, coordenado pela professora Luciana Ostetto.

Na experiência de bordar em folhas, eu reconheci um movimento epistemológico de perceber nos detalhes as nuances do *saberfazer*. Nesse feito à mão, percebi sua aproximação com o artesanato da palavra – a escrita narrativa. E, enquanto selecionava os materiais da oficina, coloquei agulha e linha com intenções de propor bordados de narrar.

Assim, para acompanhar o chá, a proposta da oficina naquele dia era bordar em folhas naturais. Um modo de fazer, com a linha e agulha, nesse elemento natural, o que se pode fazer com a caneta no papel.

Para bordar em folha...

Durante a semana, reforcei o pedido já feito no convite para o chá. Pedi às professoras que, com antecedência, selecionassem folha(s) naturais de árvores, arbustos ou plantas menores.

⁸⁵ Clarisse, estudou Antropologia e administração, atua também como designer e conceitualizadora de produtos, ideias e projetos que buscam uma identidade autoral (retirado do site da artista). Disponível em: <<https://www.clariceborian.com/>>. <<https://www.instagram.com/clariceborian/>>.

⁸⁶ O FIAR / UFF – Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte investiga processos formativos e práticas pedagógicas no âmbito da Educação Básica, especialmente na Educação Infantil. Em diálogo com a arte, entrelaça formação de professores e infância em ações de ensino, pesquisa extensão. Disponível em: <<http://fiar.sites.uff.br/>>.

- Esse foi o primeiro desafio! Diziam elas. Encontrar a folha. Desejaram saber: Onde encontrar? Qual escolher? O que faremos com ela? Deixei aguçar a curiosidade, ainda não revelando o que faríamos com a folha.

Daliane, que estava ainda sob o efeito de uma medicação para bronquite⁸⁷, confessou:

- Eu não tinha ainda a folha, esqueci de separar.

- Meu filho, coitado, saiu correndo para buscar.

Fernanda, rememorando os encontros presenciais na escola ou nas formações, impedidos de ocorrerem ainda pela pandemia da COVID-19, para evitar a disseminação da doença, disparou:

- Se fosse presencial, a gente emprestava para as amigas que estão sem folhas! Eu tinha saco de folhas na escola, que levei para propor uma atividade com as crianças e sobrou (risos).

Nos materiais entregues às professoras junto à *caixachadouro* para o ofcinar, coloquei linhas de costura, bordado e crochê, além de agulhas de espessuras e tamanhos variados, apostando, assim, que bastava escolher a linha e agulha para o feito artesanal. Sim, eu intuía, mas, com os materiais em mão, apresentou-se o segundo desafio: Colocar a linha na agulha. Era o cotidiano e sua imprevisibilidade (GARCIA, 2003) me lembrando que, mesmo com um passador de linha⁸⁸, não poderia prever que todas as professoras conseguiriam colocar a linha na agulha.

E logo um lampejo me trouxe à memória aquelas perguntas de Regina Leite Garcia, desconcertantes de pensamento (FERRAÇO, 2016): mas o que fazer com o que foge ao nosso controle? (GARCIA, 2003).

Daliane, ao narrar sobre a experiência de bordar na folha, declarou:

- Eu tive bastante dificuldade, porque eu não estou com uma coordenação muito apurada, não (devido à medicação). Eu fiquei com pena da coitada da folha, porque conforme eu tremia a linha rasgava a folha.

- Mas, eu fiz!

- Fiz o meu bordado, um caminho, embora, aos percalços.

Confesso que ofcinar remotamente não foi o sonhado, trouxe desafios outros para nós *professorapesquisadoraoficineiras*, que decidimos nos arriscar nessa aventura. Antecipei materiais para que a falta desses não dificultasse a participação das professoras nos encontros.

⁸⁷ A bronquite consiste na **inflamação dos brônquios**: canais que conduzem o ar da traqueia até os alvéolos pulmonares. Fonte: Ministério da Saúde- 2010.

⁸⁸ Uma pequena ferramenta feita em fina camada de alumínio, com um extensor de delicado arame, para facilitar a passagem de fios na agulha, ampliando seu espaço para receber a linha.

Mas como ajudar a colega a colocar a linha na agulha e a usar o passador de linhas, pela janela do computador, eu ainda não sabia. Das palavras de Daliane, um fio de *saberfazer* em mim foi tecido, pois na insistência em *saberfazer* o bordado, mesmo diante dos percalços, Daliane fez, do seu bordado, um caminho.

Sobre encontrar caminhos para o que foge ao nosso controle - a Arte nos ensinando a *saberfazer* caminhos outros diante do imprevisível. O filme Vida de Inseto, produzido pela PIXAR filmes em 1998, apresenta, em uma de suas cenas, uma trilha de formigas, na qual todas seguiam organizadamente uma atrás da outra. De repente, o imprevisível aconteceu. Uma folha cai da árvore e para no meio da trilha. As formigas entraram em pânico e, logo, uma das formigas diz: Se conseguirmos contornar a folha, é só seguir em frente. Passado o susto, algumas formigas “comentam”: - Era só uma folha! O que foge ao controle pode ser só uma folha. Assim, contornamos, refazemos rotas e trilhas, abrindo outros caminhos de *saberfazer - bordarnarrarescrever*.

Por isso professoras se encontram, por isso professoras conversam (ALVES, 2008), por isso professoras narram sobre o que ainda não *sabemfazer*, mas também sobre o que *sabemfazer* em um movimento de reflexão sobre a prática. Para aprender a aprender, para aprender com outras colegas professoras a atravessar para além da folha. Sobre a imprevisibilidade cotidiana, Garcia (2013) nos alerta de que é preciso estarmos atentas às brechas, pois, por ela, podemos passar nossas linhas e tecer novos bordados. Assim, passamos a linha na agulha e, naquela noite de inverno, acompanhadas pela trilha sonora de Roberta Campos, *bordamosnarramosescrevemos*. e mostramos os avessos dos nossos bordados.

Figura 19 - Captura de tela do primeiro encontro



Fonte: A autora, 2022.

Nos detalhes dos bordados, compartilhados pela tela, o singular e o plural, o simples e o complexo do feito *à mão* davam a ver o estilo de cada professora bordadeira e o jeito curioso, autoral, buscante do *saberfazer* singular. O rasgo da folha, a linha embolada, a textura e a cor da linha escolhida, a palavra que não foi bordada... testemunhavam um encontro que ia ficando tatuado em corações e mentes. Enquanto falávamos de nossos *guardadosbordados*, produzíamos outros ACHADOuroS de Memórias. Envolvidas, ainda, pelo feito *à mão* do bordado, conversamos sobre o que guardamos da lida docente.

Ingrid que, a partir do seu bordado de borboleta, rememorou o projeto que realizara com as crianças na escola, percebendo que aquele vivido foi a sua metamorfose. - Saí do casulo e passei a voar. Eu percebi que poderia aprender com as crianças e que também poderia fazer perguntas sobre o que não sabia, mesmo sendo professora.

Naquele encontro, Daliane, ainda aguardava ansiosa por poder ir à escola para reencontrar seu armário, pois a partir da proposta de procurar seus guardados de professora, percebeu que eles ficavam todos na escola. Pois lá trabalhava em dois turnos há dezesseis anos. E, em suas narrativas, sempre retomava o desejo pelo tal armário.

O armário de Daliane passou a ser como o Guarda-roupas do Filme As crônicas de Nárnia⁸⁹ – O leão, a feiticeira e o Guarda-roupa, lançado no Brasil no ano de 2005. No filme, quando os personagens entravam no Guarda-roupas eram transportados para um reino mágico e distante. Que histórias guardariam o armário de Daliane? Haveria nelas achados de colecionar?

Entre chá e bordado tecemos conversas, confissões. Escrevemos em nossos cadernos e circulamos a palavra, abrindo para leituras, desejosas de compartilhar peças/narrativas, escritas no caderno coleção. Das narrativas compartilhadas naquele encontro, trouxe a escrita da professora Ingrid, após receber dela a autorização/doação da sua peça/narrativa para compor esta Dissertação Coleção,

Ingrid, professora da Educação Infantil, após bordar na folha uma borboleta em seu voo, como um simbólico da sua metamorfose docente, narrou em seu caderno coleção.

⁸⁹ O primeiro filme da série, baseada nos sete romances escritos pelo autor irlandês C. S. Lewis.

3.7.1 Um carimbo de mão

Com a proposta de participar da oficina Achadouro de Memórias, revirando guardados, encontrei alguns portfólios antigos. Neles, os registros das andanças, os caminhos percorridos. O seguir, o retornar para aquilo que eu tinha segurança em fazer.

Encontrei um carimbo feito com as mãos das crianças, que se transformou em uma galinha d'angola, ilustrando a poesia "A galinha d'angola"⁹⁰.

Para que um carimbo de mão?

Para mim, era belo e para mostrar as famílias o que estávamos produzindo.

E, para as famílias? Era lindo ver tanto capricho, um carimbo da mãozinha sem borrar, pintinhas brancas perfeitas, um bico de triangulo cortados (por mim).

- Perfeitos!

- *Que lindos trabalhinhos!*

Figura 20 - Galinha D'Angola - Atividade realizada na turma da professora Ingrid



Fonte: Acervo professora Ingrid Costa.

Eu pintava a mão... Eu pintava, por que se a criança pintasse, sujaria sua mão e me daria muito trabalho, pois eu ainda tinha mais dez crianças para pintar suas mãos e carimbá-las perfeitamente na folha.

À época, eu ainda não me perguntava por que fazia aquelas propostas com as crianças.

⁹⁰ A arca de Noé/Vinícius de Moraes; ilustrações de Nelson Cruz. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

Hoje, percebo que carimbar as mãos das crianças era apenas uma reprodução das práticas que me davam segurança em realizar. Essa segurança tirava de mim a oportunidade de aprender com elas e, delas, a possibilidade de experimentar explorar e criar.

Um dia, uma colega de trabalho me perguntou:

- Por que você faz assim?

- Porque *sempre foi assim!* Eu pensei.

Porque foi assim que eu aprendi ainda criança, na adolescência e no ensino médio.

Uma inquietude tomou conta de mim. Comecei também a me fazer perguntas. Um processo de ser perguntadeira de mim mesma. Aprendi a ser perguntadeira também com as crianças, num desejo constante de pesquisar com elas. Nunca mais *sempre foi assim*.

(narrativa do caderno coleção de Ingrid Costa– Professora da Educação Infantil)

Impactadas pela última narrativa lida por Ingrid, percebemos que já era hora de guardarmos as xícaras, colocarmos a agulha e linhas de volta na caixa, fechamos nossos cadernos e saímos aquecidas e emaranhadas pelos fios das palavras bordadas entre nós.

3.7.2 Nunca mais sempre foi assim!

Após o término dos encontros, passei a me dedicar às transcrições dos encontros e, algum tempo depois, recebi um empréstimo generoso dos Cadernos Coleção das professoras companheiras de oficina. Saí do trabalho com o pacote de cadernos ainda envolto por um plástico, para que nada pudesse molhar ou manchar os cadernos deixados por elas. Na calma da casa, apenas apreciei caderno por caderno e pude *versentir* os bordados em folhas. Nos dias seguintes, voltei aos cadernos e percebi, em seus detalhes, que as peças/narrativas das professoras bordadeiras não seriam apenas mais uma peça que se juntaria, solitária, no meio da coleção. Compreendi que seus bordados/narrativas seriam aplicados em minhas peças – histórias, como uma customização das costuras dos pedacinhos de mim, tecidas durante a pesquisa.

De cada encontro, uma peça/narrativa veio compor a Dissertação Coleção, como uma autorização/doação feita pelas professoras participantes. E, em resposta/agradecimento, escrevi

uma carta⁹¹ a cada professora bordadeira, investindo “numa relação de mais proximidade e amorosidade” (FARIAS, 2020), para contar os indícios formativos que encontrei em cada detalhe das suas narrativas, como um Achado de colecionar.

Danusa Tederiche, companheira do grupo ALMEFRE, em sua Dissertação de mestrado, aponta a escrita de cartas, como processo formativo e de enriquecimento de aprendizagens. Assim, após ouvirmos a narrativa de Ingrid na oficina, um silêncio se fez no grupo e, depois, ao lê-la em seu Caderno Coleção, não tinha dúvidas que a primeira carta seria para ela.

Itaboraí, 29 de dezembro de 2021.

Querida Ingrid,

Início essa carta a você, professora perguntadeira com perguntas da poesia de Manoel de Barros:

Será que dentro da gente também somos flor e borboleta?

Será que podemos voar montados nas palavras, nas linhas onde se escreve um bordado?

Até onde um fio que se desdobra em outro pode nos levar?

Ingrid querida, os fios de sua peça/narrativa se desdobraram e chegam até mim por elementos que atravessam a nossa história de *vidaformação*: a borboleta, o fio e o bordado, um **entrenós** que me desdobrou ao ouvir sua narrativa durante a oficina e depois ao poder relê-la no caderno coleção. A felicidade tomou conta de mim, ao ver tantas outras escritas de narrativas reverberadas a partir da oficina, de seus guardados de professora e da narrativa de outras professoras.

Na apreciação de sua peça/narrativa, fui tomada pelo vivido refletido na escrita, mostrando a força da narrativa que Benjamim (1994) nos apresenta como espaço de diálogo e rememoração.

Sabe Ingrid, nesse aprender a pesquisar, pesquisando, fui percebendo a importância de nossa escrita como registro da palavra como fonte de dados (PRADO; SOLIGO, 2015, para marcar o nosso tempo e a história da docência. Com sua narrativa em mãos,

⁹¹ A professora Rosaura Soligo, aponta “o trabalho com cartas na formação de professores, por ser um gênero democrático, flexível, que admite contravenções e pode abrigar qualquer tipo de conteúdo” (SOLIGO, 2020). Nessa esteira, assumi o gênero carta para dialogar com as narrativas das professoras companheiras de oficina.

pude observar melhor os indícios já quando você, generosamente, a leu no grupo, logo no primeiro encontro.

Um carimbo de mão! Essa ainda é uma cara discussão para nós professoras da Educação Infantil. Não é? Principalmente após aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil⁹² - DCNEI (2009) que estabeleceu em seu artigo 4º, os princípios éticos, políticos e estéticos das práticas pedagógicas da Educação Infantil que demarcam as concepções que norteiam um *saberfazer* que traz as crianças para a centralidade do currículo; a criança como *sujeito de direitos que, nas interações de brincadeiras, constroem conhecimentos.* (DCNEI, 2009)

Mas, hoje, escrevo para dizer dos detalhes que me apresentaram indícios (GINZBURG, 2016) formativos importantes sobre a formação de professoras.es e me transportaram para os anos iniciais de formação em que se devia fazer uma pasta de Efemérides⁹³ como trabalho final da disciplina de práticas pedagógicas. Que práticas aprendi? Não me ensinaram que aquelas figuras em pouco tempo não seriam mais replicadas para as crianças e nem que elas poderiam ousar a fazer seus próprios desenhos. E nem que em poucos anos, eu perceberia que a tal pasta nem faria parte dos meus guardados de professora. Desse modo, Ingrid, destaco nossos encontros como modo de formação em partilha, onde afirmamos uma formação a partir do ser professora da Educação Infantil dos *saberesfazeres* revisitados e refletidos como potente ação formativa.

O professor Paulo Freire (1996), colabora com nossa aposta em propor uma formação a partir do *saberfazerperguntardizernarrarescrever*, desse modo, Freire nos ensina que ao pensar criticamente em suas práticas de ontem é

⁹² A Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação.

⁹³ Em sua pesquisa de mestrado, a professora Marta Maia apresenta um estudo feito ainda para a sua dissertação que, em uma das escolas analisadas/investigadas havia uma extensa e variada lista composta por 63 datas comemorativas que podem ser divididas em religiosas, cívicas e morais e de conhecimentos gerais.

que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE,1996). E ainda assim, é preciso a compreensão do alerta que fazem as professoras Regina Leite Garcia e Nilda Alves (2002) que a prática pedagógica *é um espaço de teoria em movimento e a teoria, o resultado da reflexão sobre a prática.* Um entrelaçamento entre *prácticateoriaprática* (GARCIA, ALVES, 2012), o que Freire chamou de ação-reflexão (2001) e Nóvoa, de ação-reflexão-ação (2011)

Sua narrativa, Ingrid, também me ensinou a busca por *ser outros*, como na poesia de Manoel de Barros (2008), nosso autor companheiro, para pensar as infâncias. No seu processo de lançar-se aos riscos, vi possibilidades de romper processos escolarizantes tão marcados em nossa formação: o produtivismo; a reprodução de modelos; o olhar propedêutico para a criança como devir e que desse modo não é considerada como um sujeito de direito, (DCNEI, 2009), no mundo e com o mundo (FREIRE, 2016), o olhar adultocêntrico para as produções infantis que transforma o tempo brincante (aión) das crianças em tempo da obrigação, o tempo do relógio, tempo de chrónos.

Das inquietudes que somos tomadas indagamos, perguntamos. Acho que isso de ser perguntadeira aprendemos com as crianças que fomos e as que nos atravessam cotidianamente. Assim, pelos fios de sua narrativa, mais uma vez sou laçada:

Comecei também a me fazer perguntas. Um processo de ser perguntadeira de mim mesma. Aprendi a ser perguntadeira também com as crianças, num desejo constante de pesquisar com elas. Nunca mais *sempre foi assim*.

Encerro esta carta com um trecho de sua narrativa para dizer que, enquanto nossas respostas nos levarem a novas perguntas, nunca mais terá espaço para o *sempre foi assim!!*

Assim deixo um até breve, um monte de "brigados" por sua companhia nesse *pesquisarnarrarescrevercoleccionarbordar*

Com abraços aguardados

Jane Marchon

Encerrei a carta para Ingrid, desejosa de que, ao recebê-la, pudéssemos já estar vivendo dias melhores no Brasil e no mundo.

Esperancemos!!

3.7.3 Pequenas alegrias da vida adulta

Nos primeiros movimentos de narrar o oficiar, no ir e vir de pensamentos e escritas, ainda cheia de dúvidas e incertezas, uma fina intuição começou a dizer que poderia seguir por essa trilha à procura de indícios. Enviei o texto para Mairce que me disse: ficou ótimo, o caminho é por aí sim... Conte a Thais Motta, com quem divido a *vidaformação* em conversas cotidianas, que o retorno de Mairce juntava-se às “pequenas alegrias da vida adulta” como cantou o rapper Emicida. Depois de longos dias buscando cientificamente o que dizer, como dizer, porque dizer - EUREKA!! Um achado de pesquisa se deu!! Uma investigação como acontecimento (GERALDI, 2015) que se dá no cotidiano do estudo, nos modos de *viverpesquisarnarrarescrever* como defendem as/os componentes do grupo Interinstitucional Polifonia FFP/UERJ/UNICAMP, coordenado pela querida professora Inês Bragança.

A partir dos bordados tecidos no primeiro encontro, comecei a puxar os fios do próximo oficiar, com o desafio de não fazer muitas amarrações ou pautas fechadas, mas com a intencionalidade de transbordar a escrita de narrativas docentes. Nas proposições, algumas referências iniciais e as tessituras se davam a partir dos Achados selecionados pelas professoras em seus guardados, compartilhados durante a oficina.

3.8 Segundo oficiar - *TÁ* COMBINADO!

“Oiê! Tudo bem com vocês?
Passando para confirmar nosso encontro de hoje às 18h?
Tudo certo?
Aguardo vocês e seus achados!
Beijos,
Jane”

Terça feira, 13 de julho. Mais um dia de encontro com as colegas professoras. E mesmo em dias tensos no trabalho, sempre vinha para casa animada para encontrá-las. Entro na garagem de casa. Ufa, cheguei! Do carro, saí direto para o banho. Pedi a Rara para colocar uma “aguinha” para fazer um café, porque, naquele dia, eu precisava.

À tarde, eu e as professoras nos falamos brevemente pelo grupo de aplicativo de mensagem, confirmando o encontro e lembrando o combinado para a proposição da oficina daquele dia, em que continuaríamos a compartilhar os Achadouros de Memórias, selecionados, a partir dos guardados das professoras participantes.

Banho tomado, café coado, abro a sala, ainda movida pelos rituais do encontro passado, em que as linhas dos bordados de professora foram colocadas para descansar. Recomeçamos com:

Pontos,
alinhavos,
pespontos
direito e avesso,
nunca existe um final,
apenas é sempre recomeço.
Roseana Murray (2020)

Com a costura delicada da poesia de Roseana Murray, recomeçou o officinar em uma terça calorosa de inverno com Roberta, Ingrid, Priscila e Daliane, pois, um pouco antes de iniciarmos, Fernanda escreveu no grupo:

-Tive um dia muito cansativo hoje. Não sei se consigo entrar.

Fernanda, ao chegar a casa, reconheceu que desejava se acolher e ficar com Daniel seu filho.

- Queridas, não vou encontrar vocês hoje. Quero ficar com Daniel e descansar. Bom encontro “pra” vocês!

A mensagem de Fernanda sinalizou uma questão muito importante que discutíamos nos encontros. O tempo de cuidar de si e dos nossos (pai, mãe, filhas, filhos, maridos, pets...) em tempos que o trabalho parece invadir-nos o dia e a noite, às vezes, madrugada afora. Daliane confirmou:

- Realmente, tem dias que é possível sentir as forças se esvaindo, pois não tem sido fácil na escola e nem fora dela.

Fernanda, ao justificar sua falta no grupo, marcou sua presença no encontro naquele dia. Puxou o fio para um primeiro alinhavo. A escassez do tempo, diante das inúmeras informações e funções exercidas cotidianamente, tem afetado, pontualmente, as mulheres, que, cultural e

socialmente, ainda carregam a figura do feminino com funções reservadas ao gênero. Nessa luta diária, de rever nossos papéis na sociedade, ainda sofremos com o patriarcado tão fortemente arraigado que insiste em reproduzir suas marcas diariamente. Fernanda, ao dizer de si, levou ao transbordamento as palavras afirmativas e acolhedoras de Daliane:

- Há um esforço interno ao dizermos, não dá para mim, hoje, ou não posso, não consigo, eu não quero...

Na transcrição do encontro, as palavras de Daliane dialogaram com o *textopresente* que recebi como sugestão de Rara, minha filha de doze anos, que, após realizar a sua leitura, me disse: Mãe, esse livro⁹⁴ não é só de adolescente; ele é para todas as mulheres. Me sugerindo que eu também deveria ler. De certo modo, Rara encontrou um jeito de me dizer: Mãe, você não precisa dar conta de tudo de uma vez.

Embora eu saiba que você consegue,
você não precisa dar conta
de tudo de uma vez.

seja gentil
consigo mesma.

tire a armadura.
deixe a espada do lado.
deponha as flechas.

eu prometo
que tudo pode esperar até amanhã.

é hora de descansar.

Amanda Lovelacer

As professoras, Rara, a literatura, a *pesquisavida*, me ensinaram/ensinam que eu não precisava e *não daria* conta de tudo de uma vez. Os afazeres do trabalho junto às escolas, de mestranda, mãe, “marida”, filha... ainda em meio a uma pandemia. Tudo junto, misturado, ao mesmo tempo e agora, não me faziam perceber as pausas de que precisava. Desacelerar foi e ainda é um grande exercício, pois tudo envolvia e ainda envolve uma agenda de cumprimento

⁹⁴ Faça sua coroa de gelo brilhar Amanda Lovelacer.

de prazos, entregas, horários do trabalho e do mestrado. Temia ser mais uma estatística⁹⁵ entre as/os alunas/os da pós-graduação ou reviver a síndrome de Burnout⁹⁶ (COSTA e NEBEL, 2018), que já me afastara temporariamente do trabalho.

Diante do escasso tempo, reativei o processo já aberto em 2020 para a solicitação de licença especial, nunca tirada na Rede, já que, no município de Itaboraí, não temos um plano de cargos e salários que nos garantam licença de afastamento para estudos. Durante uma reunião, descobro pelo próprio secretário municipal que:

- A licença especial é uma concessão e não um direito. E de que não assinaria nenhuma licença para “estudo”.

Pois, tomando sua própria experiência, em uma rede privada disse:

- Eu estudava no tempo que tinha. A pessoa tem que estudar no tempo que tem.

Em mim, aquelas palavras ressoaram como um - Desista! Era o que os meus ouvidos escutaram sintetizado naquela voz.

Após tão desmotivadoras palavras, precisei, como a Menina das Estrelas de Ziraldo (2014) e as do CEMEI, virar um GIGANTE, ao me perguntar:

- Qual o tempo que tem uma professora, depois de um dia de trabalho, que, por vezes, lhe acompanha até em casa?

E, em resposta desafiadora aos meus indignados pensamentos, respondi: O tempo da pergunta, o tempo da palavra, o tempo da pesquisa. Esses foram os tempos que precisei buscar em mim. Procurei ser seletiva com o que realmente precisava me envolver. Mas, não estava tudo bem. Por isso a indignação diante do fato de não poder tirar uma licença especial, nunca gozada em todos os anos de trabalho nas duas matrículas (professora e professora coordenadora pedagógica) e essa, necessariamente, para o pleno envolvimento com o mestrado. Segui brigando com o tempo e comigo mesma. Fui aprendendo ao pesquisar que eu já não era/sou/serei mais a mesma depois do mestrado e essa era uma prioridade no momento, mas que não poderia descuidar de mim. Assim, precisei guardar o tempo em uma caixinha e usá-lo com sabedoria. Pois as noites ainda me eram companheiras e o esgotamento, por vezes, batia à porta.

⁹⁵ A pressão na formação pode ser vista na graduação e na pós-graduação. Muitos diagnósticos de transtornos mentais têm se estabelecido nos últimos anos nesses estudantes. Especificamente na pós-graduação, estudos realizados em diversos locais do mundo apresentam altas taxas de adoecimento, como depressão, ansiedade, crise do pânico, distúrbios do sono e risco de suicídio (COSTA e NEBEL, 2018).

⁹⁶ Síndrome de Burnout ou síndrome do esgotamento profissional, um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico.

Segui perguntando: Por que professoras/professores da Educação Infantil não têm tempo para estudar, refletir, construir práticas que subvertam a ordem de manuais e roteiros? Porque se não refletem, reproduzem. Se reproduzem, não precisam de formação e, sim, de FÔRMAÇÃO. O “Não ter tempo” abre precedentes para compras e uso de programas e pacotes elaborados por editoras/empresas, que prometem “facilitar o trabalho docente”, basta seguir os manuais, ou seja, mercantilizam as práticas docentes, fortalecendo a reprodutividade e a padronização do conhecimento como sendo único, imutável, com verdades absolutas.

Com todas essas questões dentro de nós, seguimos tentando burlar o tempo afinado, como fazem as costureiras, bordadeiras, fiandeiras, tecelãs. Mulheres que se reúnem para o trabalho artesanal, do feito à mão.

No segundo encontro, nos reunimos para costurar uma colcha de retalhos fotográficos. Naquela noite, os achadinhos compartilhados por Priscila, Roberta foram as fotos do início da docência, acompanhadas por Ingrid e seu HD externo⁹⁷ e *one drive*⁹⁸. Daliane, que ainda desejava abrir o armário da escola, narrou os acontecimentos rememorados a partir da sugestão de sua mãe, ao dizer que ela deveria lembrar do que tinha na “garagem” de sua casa interior sem ter que mexer nos guardados materializados, pois, como Daliane estava com crise alérgica, sua mãe pretendia preservá-la. E assim fez sua filha. Rememorou o que estava em sua memória, materializando-o em sua narrativa.

Um retalho fotográfico de Priscila, compartilhado na tela, mostrava a foto da sua primeira turma, o registro da sua chegada ao município de Itaboraí. A foto trouxe a Priscila, lembranças da jovem professora, recém-chegada à escola, tentando compreender-se em uma mistura de sentimentos diante das outras professoras.

- Não sei bem o que sentia, mas o medo de não saber o que fazer, me levou a acatar o que diziam a diretora e as outras professoras. Achava que elas sabiam mais do que eu.

- Será, Priscila? Indaguei-a.

- O que *sabefazer* quem pensa não *saberfazer*? Deixei a pergunta visitar nossos pensamentos, expressos em silêncio, naquele momento em que a narrativa de Priscila trouxe

⁹⁷ Um HD externo pode facilitar quem busca uma forma segura de armazenamento de arquivos. Funciona como um pen drive, porém com uma capacidade de armazenamento infinitamente maior. Prático e eficiente, pode ser levado para qualquer lugar e conectado via USB a outros equipamentos. Uma opção para fazer backup da sua máquina uma boa dica para quem quer aumentar o espaço de memória do seu notebook sem mexer na configuração.

⁹⁸ *One Drive* é um aplicativo de armazenamento de arquivos da Microsoft para Android e iPhone (iOS). O programa se propõe a salvar documentos de forma segura sem gastar a memória do celular. Os documentos do app ficam na nuvem e é possível compartilhá-los pelo celular ou acessá-los em outras plataformas, como pelo navegador ou PC.

lampejos de memórias à Roberta, que, também, nos contou da sua chegada ao município, já como professora concursada em sua primeira escola, logo após ter concluído a graduação em pedagogia, mas não ter cursado a Formação de Professores no ensino médio.

- Eu cheguei à rede com as referências que trouxe da graduação. A diretora da minha primeira escola era a mãe da professora que atuava como contratada na turma para que fui designada a assumir.

- Não sei se, por esse motivo, mas ela não mediu esforços para demonstrar minha incompetência, talvez, por ainda ser uma nova professora. Nesse dia, a diretora me entregou um caderno de plano acompanhado da frase: “Eu nem deveria estar fazendo isso, a maioria das pessoas não faz”.

Durante a conversa, Roberta nos esclareceu que a diretora estava falando sobre o caderno de plano da professora anterior, entregue a ela para que pudesse começar seu primeiro encontro com as crianças dando continuidade ao que fora planejado e (ensinado?) pela professora anterior. Roberta relatou que a professora que a antecedeu estava ensinando um círculo amarelo.

- O que era tão óbvio para a diretora: dar continuidade à “apresentação” das formas geométricas; para mim, não estava tão óbvio assim. Me entregou, junto aos cadernos, um quadrado azul, um triângulo verde e eu realmente não sabia fazer aquilo. Me faltavam referências da obviedade do que, para a diretora, era só dar continuidade ao trabalho iniciado pela professora anterior. E eu, perdida naquele espaço entre formas geométricas, cores, optei por seguir minha intuição de experimentar, com as crianças, propostas com desenhos danças e brincadeiras.

No intuir deixar de lado as formas geométricas como uma obviedade a ser seguida, Roberta subverteu o seu não *saberfazer*, ao abrir-se à criação e experimentação (OSTETTO, 2011) com as crianças, propondo desenhos, danças e brincadeiras, construindo, com elas, novas interações. Desconstruiu a obviedade da reprodução, da informação e da aplicação de algo pensado, planejado por outra pessoa.

Em um fio de memória, Daliane trouxe para o diálogo as lembranças da sua primeira turma em outro município, ao receber “a pior da escola”.

- Uma super-receptividade (em tom que contrariava o dito)! E, lá, me deixaram seguir. O que queriam era se livrar do problema. A turma que estava sem professora. Tive que encontrar um jeito.

Daliane teve que encontrar jeitos próprios, assim como Roberta, Priscila, Ingrid, eu, e tantas outras colegas professoras que se aproximam das nossas histórias docentes, pois não são

poucas as experiências que temos sobre o início da docência. Experiências que reverberavam durante o encontro, mobilizando tantas outras lembranças... Poderíamos ficar noite adentro narrando os acontecimentos que nos atravessaram como professoras iniciantes.

Quando narramos reflexivamente nossas experiências, estas se apresentam como possibilidade de vê-las de outro modo de não só aprender com elas, mas também ensinar a outras professoras com as nossas histórias. Daí a importância de narrarmos as experiências a partir da escrita, para guardá-las, documentá-las, compreendendo que, quando escrevemos, *fazemos história* (PRADO, SOLIGO, 2015), e podemos contribuir nos percursos formativos de outras professoras.

Nessa costura de retalhos fotográficos selecionados dos guardados das professoras participantes, as peças/narrativas transbordadas, a partir desses Achadours, compuseram-se como uma colcha com cheiro de memórias e marcas das experiências do vivido. Cada retalho/fotografia apresentava-se como o registro de um passado, aparentemente, congelado numa imagem, contudo, a narrativa da imagem mostrava *um passado como território movimento* (TAVARES, 2008, p.22) que se movimentava a cada novo narrar, reafirmando o que disse Mairce Araújo, durante a disciplina Pesquisa Narrativa⁹⁴: a experiência de contar uma história outra vez é sempre única (ARAÚJO, 2021).

Já movida pelas tessituras anteriores, Ingrid nos interpelou dizendo:

- Fui procurar umas fotos da JOPEI que Jane tinha me pedido e acabei revisitando o HD externo do meu computador, já adquirido para aumentar a memória para guardar mais fotos, e percebi a importância dos registros, dos guardados como uma memória do que já se fez na profissão. Antes não se fotografava muito, né? Hoje, eu já guardo minhas fotos no *one drive*.

Ao buscar as fotos por um pedido meu que organizava um vídeo para a Jornada Pedagógica da Educação Infantil da SEMED-Itaboraí – JOPEI/SEMED-Itaboraí, Ingrid, nesse escarafunchar, percebeu que as fotos traziam marcas do seu *saberfazer* e narrou: - Guardamos coisas para, quando reencontrá-las, pensar sobre o que fizemos anteriormente.

Nas palavras de Ingrid, a riqueza de ser uma professora colecionadora. Muitas são as vezes que amigas e familiares, mesmo em tom de brincadeira, nos chamam de acumuladoras. Mas, uma *professorapesquisadoranarradoracolecionadora* que compreende o guardar como algo a ser visitado, não esquecido, lembrado, que marca a história da docência, não guarda uma coisa qualquer, não guarda por guardar. Colecionamos o que nos atravessou, o que marcou um acontecimento, uma experiência do vivido, o que tem sentido para ser guardado. E, ao registrarmos as histórias que envolvem cada peça em palavras escritas, documentamos a

história marcada em cada peça para uma coleção de narrativas que realçam a experiência histórica da docência.

Das escritas narrativas tecidas no segundo ofcinar, recebi de Priscila a doação/autorização da sua peça/narrativa registrada em seu Caderno coleção para compor esta Dissertação Coleção.

3.8.1 Escrever tem sido um jeito de aprender a me escutar

Quando Jane me convidou para participar da oficina, recebi o convite com muita alegria, gratidão, medo, mas também esperança.

Alegria em poder estar com tanta gente boa;

Gratidão por ter sido lembrada;

Medo por não saber ao certo o que ela queria, esperava de mim;

Esperança por saber que não estamos sozinhas, nessa jornada/luta chamada educação.

Aceitei e tem sido maravilhoso participar.

Quando recebi a *Caixachadouro* e a carta com a proposta da oficina, fui logo procurar minhas fotos. Não são muitas as reveladas. Hoje, com a tecnologia, temos muito mais fotos. Revirei o que tinha e encontrei a foto da minha primeira turma de Educação Infantil em Itaboraí. Olhando para ela, vejo que não sou mais aquela professora. E que bom!

Aqui, na oficina, e mexendo nos guardados, tenho percebido, nos caminhos percorridos, quantos erros e inseguranças, mas que me ensinaram a questionar por que tenho que fazer algo determinado por alguém que não sabe de mim e nem do grupo de crianças que me acompanha e por que não vou propor às crianças determinadas práticas.

Fui deixando o medo que me fazia pensar que a diretora da escola e as outras professoras sabiam mais do que eu. E reforcei minha percepção sobre isso ao escrever essa narrativa e a pergunta de Jane, quando contei dos sentimentos na minha chegada, recém concursada na escola, e Jane me perguntou: Será Priscila? O que *sabefazer* quem pensa não *saberfazer*?

Também refleti no quanto o grupo de professora com as quais trabalhamos é importante para fortalecer nossos posicionarmos. Estou no mesmo CEMEI desde que cheguei ao município, e vi que o grupo de professoras também foi mudando, revendo suas práticas com as crianças. Acho que o que mais aprendi nesses anos foi a escutar as crianças, as parceiras, as

famílias. E, durante a oficina, tenho percebido que escrever tem sido um jeito de aprender a me escutar.

(Narrativa retirada do Caderno Coleção de Priscila Professora de bebês)

A peça/narrativa de Priscila, reverberada a partir do seu retalho fotográfico apresentada como achado de professora, foi costurada durante o oficiar a outros retalhos fotográficos, apresentados pelas colegas participantes. Costuramos artesanalmente uma colcha costurada com fios da memória e das experiências docentes, para não deixar “cair no esquecimento” (ACHILES e GONDAR, 2016) o que *sabemfazer* as professoras da Educação Infantil como ato de resistência ao documentar o vivido.

Ao transcrever o encontro, iniciei a carta/agradecimento a Priscila e compartilho essa escrita com você, professora leitora desta Dissertação Coleção.

Itaboraí, um dia desses de 2022.

Querida Priscila,

Quando esta carta chegar até você, espero que minhas palavras expressem o quanto foi especial encontrá-la durante a Oficina Achadouros de Memórias e partilharmos histórias de *vidaformação*, em que pude rememorar acontecimentos que entrelaçaram nossos percursos formativos na rede pública municipal de Itaboraí.

A alegria de nossos encontros minimizaram o sentimento de solidão, vividos ainda pela imposição da pandemia da COVID-19, que nos obrigou a ficar longe fisicamente e a enfrentar, no desafio semanal de driblar a tela e a conexão da internet, para o oficiar escritas de narrativas docentes.

Por isso, escrevo para agradecer seu aceite em compartilhar suas histórias durante a Oficina e a doação/autorização de sua peça/narrativa escrita a partir de sua *foto ACHADOUROS*.

Ao ouvir sua narrativa no segundo encontro e lê-la em seu Caderno Coleção, voltei no tempo ao rememorar uma jovem professora, entrando no auditório da escola em que nos encontrávamos para as formações continuadas com professoras de Educação Infantil da rede. Seu olhar apreensivo, por vezes,

assustado diante do grupo, não escondiam o desejo freireano do Ser mais. Um olhar buscante que oscilava entre medo e curiosidade.

Sabe, Priscila, com sentimentos aproximados ao seu, no mesmo ano em que você chegava à rede de ensino de Itaboraí, eu também iniciava na função de professora - coordenadora- formadora, com o inacabamento compreendido a partir de Freire (1996), desde a época da graduação na FFP. Busquei compreender meu lugar diante do grupo de professoras da Educação Infantil que participavam das formações oferecidas pela SEMED.

Os encontros e desencontros da *vidarte*, foram me ensinando que eu poderia aprender *com*, arriscando-me do mesmo modo que me arriscava com as crianças e professoras na escola. Essa percepção me abriu possibilidades de outras escutas e outros olhares quanto à formação de professoras. E intuí que, ao pensar formar as professoras da Educação Infantil que participavam dos encontros formativos, era eu que me formava.

Assim, quando cheguei ao mestrado, reafirmei minha intuição formativa ao optar por investigar os saberes docentes entre professoras da Educação Infantil, sendo também sujeito da pesquisa.

Sua narrativa, Priscila, reforça a alteridade docente quando nos deixamos atravessar pela palavra do outro. Nossa *vidaformação* foi atravessada uma pela outra a partir de nossos encontros. Seu processo formativo na rede e suas peraltagens com as crianças construíram-se também no caminhar acompanhada ao perceber que duas ou mais professoras, juntas, podem mais.

Ao narrar suas experiências do vivido, percebi nelas detalhes em forma de relíquias formativas, que entrelaçaram sua história à minha e a de tantas outras professoras como Achados de colecionar: o medo diante do novo desafio, que, por vezes, também nos fragiliza, fortalecido pela falta de apoio das equipes pedagógicas ao chegarmos à escola, nos lançando ao desconhecido, como um "teste" ao nosso *saberfazer*, como narrou Roberta durante

a oficina, revelando que ao ser posta à prova na chegada ao CEMEI com um caderno que em suas entrelinhas me pareceram dizer: cumpra-se. Ou na recepção gentil a Daliane que era aguardada para assumir uma turma considerada "difícil", a qual ela seria a terceira professora a se apresentar, como mais uma aposta da gestão da escola para "resolver o problema" da turma.

Outra pista de sua peça/narrativa, que me levaram a novos Achados de colecionar, revelou-se ao narrar:

- Hoje já não sou mais a mesma professora. E que bom!

Sim, querida, em doze anos de lida docente, desses, dez dedicados ao trabalho com bebês, sua narrativa revelou em seus detalhes que você não é mais a mesma jovem professora de olhos tensos nos encontros de formação. Em seus encontros com as crianças passou a fazer perguntas sobre o que ainda não *sabiafazer*. Nesse perguntar-se o que fazer diante das surpresas cotidianas, procurou parceiras de trabalhos que lhe fortaleceram a enfrentar o medo inicial e, durante o Oficinar a escrita de narrativas docentes, moveu-se a escutar-se ao escrever reflexivamente, buscando compreender o que *sabefazer* e o que ainda não *sabefazer*.

Priscila, sua narrativa me moveu a reafirmar o que o mestre Paulo Freire já narrara em seus escritos em *Pedagogia da Autonomia* (1996: *Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática* (1996). A partir dessa Pílula freireana costume, e você já deve ter me ouvido dizer isso: não somos tartarugas que já nascem prontas e que, mesmo elas, precisam de coragem para encontrar modos outros para sobreviver em alto mar, logo ao nascerem.

Ler a sua corajosa narrativa, me moveu ao diálogo com as palavras do Professor Antônio Nóvoa, (1995, 25), compreendendo que nossa formação não é construída por uma acumulação de cursos técnicos de treinamento e capacitação. Nos formamos ao refletir

criticamente sobre nossa prática, sobre o que *sabemosfazer* ou o que ainda não *sabemosfazer*. Deste modo (re)construímos permanentemente uma identidade pessoal (NÓVOA, 1995).

Suas palavras escritas, expressas em modo narrativo, me moveram a pensar que você até poderia não *saberfazer* o que queriam que você fizesse, mas sabia das referências que trazia e as experiências do vivido até então. Seus medos, querida me diziam da coragem guardada, pronta para ir à luta e seguir adiante.

Por aqui vou encerrando minha carta/agradecimento à parceria, à confiança e à coragem. E como mais um achado de colecionar, levo sua percepção sobre a escuta e a escrita ao dizer que:

- Escrever tem sido um jeito de aprender a me escutar.

Escreva, escute-se e, quando se sentir só, insegura ou com medo, deixo em forma de abraço esse texto de Eduardo Galeano, um poeta uruguaio que dizem ter sido emprestado pela América Latina ao mundo que, em O livro dos abraços, contou uma história que ouviu na aldeia de Neguá no Uruguai.

O Mundo é isso, um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo⁹⁹.

Que possamos incendiar a vida!

Abraço apertado, desejados em um até breve!

Jane

⁹⁹ Trecho da poesia "O mundo" de Eduardo Galeano.

3.8.2 Artesanato da palavra

Como um mar de fogueirinhas, as escritas de narrativas incendiaram com seu fogo a oficina. A cada narrativa, dividíamos segredos da docência, entre risos tensos e professoras emocionadas, seguíamos:

O que *sabemosfazer*?

O que ainda não *sabemosfazer*?

Certo?

Errado?

Esta *pesquisacoleçãonarrativa* aposta freireanamente em caminhos, percursos, processos, autoria e autonomia docente. Em palavras que dizem do seguir buscante na ruptura de concepções e paradigmas de uma formação reprodutora, na defesa de uma formação humanitária, que compreende o inacabamento docente na busca pelo SER MAIS, no encontro dialógico com outras colegas professoras (FREIRE, 1997), participantes da oficina

Os Achadouros de Memórias, moviam a rememorações dos acontecimentos que nos atravessaram durante a escrita em linguagem de narrar. Por vezes, o silêncio nos fez companhia, quando nos faltavam palavras para narrar o *saberfazer* docente em uma ação reflexiva, afirmativa e formativa.

A oficina foi marcada pelo trasbordamento, a intimidade e a cumplicidade diante das peças/doação elaboradas uma a uma pelas professoras no Caderno Coleção para customizar histórias narradas/coleccionadas na composição deste terceiro volume da Dissertação coleção.

E, entre achados, memórias, experiências e narrativas a cada oficina, a escrita transbordava durante o ato de narrar como um artesanato da palavra que, nas desimportâncias prezadas pelo poeta, traziam os indícios (Ginzburg, 2013) necessários para se entrelaçar à Dissertação Coleção, como um achado de colecionar.

3.9 Terceiro oficiar: professoras bordadeiras, andarilhas, artesãs da palavra

Terça-feira, 27 de julho de 2021

Como andarilhas, costureiras, bordadeiras, fiandeiras, artesãs da palavra, continuamos a buscar, entre os guardados de professora, fios de memórias docentes, selecionados como ACHADOS, para tecer as escritas de narrativas docentes em mais um ofcinar, desejando materializar a memória por meio da escrita: sinuosa, controversa, contraditória, singular, subjetiva, íntima... na percepção de que um bordado nunca sairia igual ao outro.

No terceiro encontro virtual, as professoras participantes da oficina, autorizadas pela escrita como *autoras artesãs* dos seus *textos bordados*, narraram, como registro da palavra, as experiências do vivido refletido em seus Cadernos Coleção durante a semana e trouxeram para compartilhar no grupo. Um delicioso momento de memórias formativas e afirmativas a partir dos seus percursos docentes. Foi assim que iniciamos o ofcinar, com as leituras desejosas das peças/narrativas selecionadas por Fernanda, Ingrid, Roberta e Daliane. Naquele dia, Priscila comunicou que era aniversário de noventa e seis anos de sua avó, uma de suas incentivadoras no caminhar docente.

Na ordem do desejo, as professoras fizeram a leitura das suas narrativas, também como um processo de compreender melhor o próprio texto ao lê-lo em voz alta no grupo.

Conforme combinado no início do encontro, fizemos uma primeira rodada de narrativas, tecendo comentários a partir do que nos atravessou nos textos das colegas como movimento formativo *entrepares*, possibilitando a reflexão sobre os processos formativos vividos nas andarilhagens pelas escolas.

Sobre escarafunchar guardados, Daliane nos contou da sua dificuldade em fazer isso estando em casa, pois, devido à sua comorbidade que a impedia de retornar ao trabalho, antes da segunda dose da vacina contra a COVID-19, relatou ter poucas coisas com ela.

Daliane narrou que voltou a morar com as crianças já há alguns anos na casa de sua mãe e revelou:

- Minha mãe acha que eu tenho mania de guardar as coisas, então teve um dia que eu estava saindo para trabalhar e ela me disse:

- Vou arrumar suas coisas. Posso?

- Fique à vontade, disse Daliane.

Mas o que ela não sabia, era que no afã de arrumação, sua mãe, jogaria muitos dos seus guardados fora. Por isso, Daliane passou a deixar seus guardados de professora, nos armários da escola. Enquanto ela não retornava à escola, aguardávamos, sonhávamos, que esse dia acontecesse ainda durante nosso ofcinar.

No retomar o escarafunchar de seus guardados, Ingrid achou uma pintura proposta às crianças de livre exploração de tintas. Ao confrontar as datas, percebeu que a pintura fora

produzida, no mesmo mês em que carimbara a mão das crianças, tentando não sujar a sala, para fazer uma galinha d'angola bem bonita e “perfeita” para o olhar dos adultos e ilustrar a poesia de Vinícius de Moraes.

Figura 181 - Desenho livre – proposta realizada com a turma da professora Ingrid



Fonte: Acervo professora Ingrid Costa.

Ao rememorar suas práticas durante a oficina, Ingrid puxou o fio para novos diálogos sobre os conflitos entre teoria e prática presentes em nossos percursos formativos.

Durante o oficiar, a narrativa de Ingrid, promoveu o diálogo com José Saramago, ao dizer ser preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem (SARAMAGO, 1997, p.23). A partir das palavras de Saramago, desejando o narrar reflexivo, afirmativo e formativo tecendo *prácticateoriaprática* em um só bordado, a cada lembrança narrada, recomeçávamos a viagem.

- Eu trabalhava em uma escola, onde eu era “boa professora”, porque eu fazia mural “bonito”. Algo já me incomodava, mas não sabia como seguir. Escreveu Ingrid em sua narrativa lida durante o encontro.

Seja em sua narrativa sobre “Um carimbo de mão” ou sobre ser boa professora, porque fazia um mural bonito, Ingrid revelou o quão a formação estética das professoras faz-se necessária para aguçar o olhar que observa e repensa as proposições às crianças não como produtividade, mas como processo exploratório a ser vivido por elas. Sobre isso, a professora Luciana Ostetto em suas pesquisas, nos auxilia na reflexão com suas contribuições sobre a formação estética das professoras da Educação Infantil, considerando que as experiências estéticas consistem em vivências que proporcionam o contato com o que estimula nossos sentidos à contemplação, ao estranhamento, à novidade, à criação (OSTETTO, 2013). Deste

modo, considerando a escrita uma experiência estética na formação das professoras da Educação Infantil. Movida pelo diálogo com a professora Luciana Ostetto (2013), percebi que ao escrevermos nossas narrativas do vivido durante a Oficina Achadouros de memórias, alteramos nosso estado de estagnação do corpo, e do espírito e proporcionamos um conhecimento sensível (2013) de si mesmo e do mundo.

Seguindo o encontro, atravessada pela narrativa de Ingrid, Fernanda declarou que só passou a perceber que poderia ousar em suas propostas com as crianças, a partir dos encontros formativos com outras professoras na rede.

- Se todo mundo faz a mesma coisa, como vamos pensar sobre o que *sabemosfazer*?

Para Fernanda, os encontros¹⁰⁰ entre professoras da rede, lhe proporcionaram perceber outros modos de *saberfazer*, a partir da escuta das narrativas de outras colegas professoras. Em sua declaração, Fernanda, ao dizer que: “- Se todo mundo faz a mesma coisa, como vamos pensar sobre o que *sabemosfazer*?” aponta uma discussão que, por vezes, alinhavou os encontros da oficina - a padronização dos currículos e práticas pedagógicas e avaliação na Educação Infantil, fortemente endossada com a Base Nacional Comum Curricular¹⁰¹ – BNCC (2017).

Com uma conturbada elaboração, marcada por disputas teóricas, ideológicas e políticas, a BNCC tornou-se, para professores e professoras após sua homologação¹⁰², o que já alertava o professor Miguel Arroyo ao dizer que a Base “tem uma visão extremamente negativa e desqualificada dos professores: entrega-lhes o cardápio intelectual pronto e reduz a sua função de requeantar a marmitta” (ARROYO, 2016, p.16). Opondo-nos a requeantar marmitta, seguimos na defesa de construirmos o nosso cardápio intelectual no diálogo entre escola e universidade, defendido nessa pesquisa, propondo a escrita de narrativas docentes como modo de *saberfazerperguntardizernarrarescrever*, apontando a sua potência formativa, afirmativa e reflexiva como tática, no sentido que apresenta Michel de Certeau () ao burlar, ressignificar e resistir às políticas para a educação defendidas pelo atual governo, apostando na formação *entrepares* no intercambiar de experiências (Benjamin,1994) docentes.

¹⁰⁰ Os encontros aconteciam bimestralmente quando presenciais, e, mensais, quando realizados remotamente entre 2020 e 2021, durante a pandemia da Covid-19. A partir de 2022, os encontros virtuais passaram a ser trimestrais, com configurações apenas orientadoras/prescritivas pela SEMED-Itaboraí.

¹⁰¹ Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental 20 de dezembro de 2017.

¹⁰² A terceira versão era, inicialmente, para incorporar as críticas que o documento recebeu na sua versão anterior, quando foi apresentado nos inúmeros seminários realizados pelo Ministério da Educação e pelas Universidades brasileiras em todos os Estados da Federação (RIBEIRO; CRAVEIRO, 2017).

Em nossas reflexões durante a oficina, muitos foram os movimentos das professoras de resignificação das suas práticas, de autopercepção de movimentos de resistência e criação de táticas e abertura ao desconhecido com vistas a descobrir outros modos de *saberfazer*.

Roberta, no terceiro ofcinar, narrou suas andarilhagens pelas escolas, percebeu sua força docente a cada nova parceria firmada com outras colegas professoras, formando-se e contribuindo com a formação das suas companheiras. Antes de ler sua narrativa, Roberta apresentou um caderno que encontrou durante a pintura do seu apartamento. Aquele achado de Roberta já me fez lembrar de um passado que se fazia presente ao ouvir a leitura da sua narrativa rememorando histórias de um *tempoespaço* muito formativo, também, para essa *professorapesquisadoranarradoracolecionadora*.

3.9.1 Um dia quente de inverno de 2021

Minha casa foi pintada. Ao deslocar móveis, guardados, caixas..., encontrei o caderno de planejamento do ano de 2012. Naquele ano, eu voltava de uma permuta que havia feito para o município de Niterói. Junto comigo, levei Clarisse, minha filha, para o seu primeiro ano na escola. Uma mascote da turma, que, de início, só chorava, mas, com o tempo, foi se apropriando de todos os espaços, mochilas e dos responsáveis que chegavam para buscar seus/suas filhos e filhas.

Foi um ano de muitas mudanças, principalmente “por dentro”. Voltava para reencontrar um grupo a que já havia pertencido e com o qual havia passado por conflitos e lutas por uma Educação Pública de qualidade referenciada no social. Voltei certa de que o que eu sabia fazer era trabalhar com as crianças da Educação Infantil. Naquele ano, aprendi a fazer um relatório que, realmente, dissesse das crianças, voltei a fazer o caderno de registro dos acontecimentos diários com as crianças nos mínimos detalhes para resguardá-las e a mim também. Que o diário é um documento que necessita de cuidados.

Também aprendi a caminhar com um grupo, a compartilhar experiências, a experimentar possibilidades, a errar e aprender, a ver detalhes no que observava.

Desde o enterro do peixe que não sobreviveu ao feriado, aos grandes passeios pelo Nordeste com minha companheira de aventuras Daiane e nossos grupos de crianças. Cozinhamos, dançamos e produzimos artesanatos locais. Tudo era novidade mesmo sendo igual.

Em cada página daquele caderno, conseguia sentir o cheiro, ver e reviver as cores daquelas cenas e ter aquele sentimento de quem poderia mudar o mundo em algumas páginas. A ciência de que, assim como não sabemos e nem dominamos tudo, a vida se encarrega de mudar os planos.

Depois daquele ano, eu sabia que poderia brilhar em outros lugares, porque eu não era estrela sozinha, daquele ano em diante eu passei a ser Menina das Estrelas.

(narrativa retirada do Caderno Coleção da Professora da Educação Infantil Roberta Dias)

Naquele encontro, com a narrativa de Roberta e os conflitos de Ingrid entre suas propostas de carimbar a mão ou explorar livremente as cores e texturas das tintas, revelaram que os guardados das professoras dizem dos seus processos formativos e que revisitá-los permite vislumbrar outros modos de *saberfazer*, a partir da reflexão sobre o vivido. Um tríplice presente como o proposto por Paul Ricoeur (2010), o presente passado (memória) presente no presente (percepção), presente futuro (espera). Ao escarafuncharem seus guardados as professoras revisitaram o passado (memória), e a partir de um **Achado** selecionado, narram as experiências do vivido (presente do presente) e, ao retirar delas lições, alteraram seus modos de *saberfazer* (presente futuro).

A memória vem à tona a partir da experiência e da narração (ACHILES, GONDAR, 2016). Daí nossa defesa por propostas formativas que valorizem o vivido pela professora, na compreensão de que a teoria nasce da prática cotidiana na escola, sendo assim, refletir sobre o que viveu com as crianças, a partir da narrativa de suas experiências dá à professora a dimensão da sua formação como um ato responsável apontado por Bakhtin, por ser aquela que pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente (BAKHTIN, 2014). Nessa mesma esteira, após o reencontro com a narrativa lida por Roberta, já registrada em seu Caderno Coleção, escolhi escrever para ela a terceira carta de agradecimento à autorização/doação e contar como sua narrativa me atravessou de tal modo, que, nela, encontrei muitos indícios formativos que me levaram aos Achados de colecionar.

Itaboraí, fevereiro de 2022

Querida Roberta,

É bem verdade que escrever esta carta pra você, após ouvir/ler sua narrativa, é como se o menino Guilherme Augusto

Araújo Fernandez¹⁰³ me ajudasse a encontrar a memória, do mesmo jeito que fez com a Dona Antônia Maria Diniz. Uma senhora que morava em um asilo que ficava ao lado de sua casa. Ela tinha perdido a sua memória, pelo avanço da idade, na história retratada por Mem Fox e, por isso, o menino resolveu procurá-la.

Roberta, em sua narrativa, você me ajudou a rememorar nossos caminhos formativos que se cruzaram nessa mesma escola a qual você retornou após ter desfeito a permuta no município de Niterói.

Encontrar o caderno que traz as marcas do vivido pela menina professora, mãe da menina Clarisse que retorna à constelação de onde saiu, porém não deixou de ser Menina das Estrelas. Um dia, seu brilho foi pra longe, mas quiseram o tempo e as incertezas do previsível que você retornasse para a rede de Itaboraí.

Em sua narrativa, Roberta, você me dá pistas de indícios formativos ao me ensinar as sutilezas cotidianas que nos formam. Um enterro para um peixe!¹⁰⁴ Sem a sensibilidade docente para a escuta atenta das crianças, aquele peixe seria só mais um peixe a descer pelo ralo. Mas, em um movimento autopoietico¹⁰⁵ (PALLANDA, 2017), ao desviar seu olhar e escuta para o que diziam as crianças sobre o ocorrido com o peixe,

¹⁰³ Guilherme Augusto Araújo Fernandez – Mem Fox-1999.

¹⁰⁴ As crianças criavam um peixe no aquário da sala, e durante um feriado, acabou ficando na escola. Ao retornarem, as crianças não sabiam o que fazer ao perceberem que o peixe tinha “falecido” como disse uma das crianças. Roberta, professora da turma, propôs: vamos enterrá-lo?

As crianças colocaram o peixe em uma caixa de fósforo, dado o tamanho do bichinho, fizeram um buraco embaixo da árvore e cobriram a caixinha do peixe com terra.

Nesse momento uma das crianças dispara:

- E agora?

- Agora ele foi morar no céu, disse a professora, tentando ter uma resposta ao menino.

- E logo, outra pergunta embaraça a professora: Como ele vai pro céu se ele está na terra?

Como dizia Einstein: há perguntas que só as crianças podem fazer, mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade (SANTOS, 1999, p6). As reflexões sobre o que não só as crianças perguntam, mas como respondemos a elas, ecoou por um bom tempo em nossas conversas, depois do enterro do peixe.

¹⁰⁵ Segundo o conceito de autopoiesis, os seres vivos são autoprodutores de si mesmos, se auto-organizam de forma autônoma. As interferências que chegam de fora disparam mobilizações internas, mas não são determinantes do que lhes acontece. Por outro lado, os seres vivos são sistemas abertos às trocas externas, o que os mantém em constante reorganização (PALLANDA, 2017).

transmutou todo aquele acontecimento. Reorganizou-se autonomamente a partir do que veio de fora e construiu caminhos possibilidades com as crianças. Posso dizer: com seus gestos mínimos de escuta, você saiu da mesmice que tanto atravança viver a escola em sua plenitude.

Histórias marcadas em um velho caderno, talvez, com folhas dobradas, rasgadas, amareladas pelo tempo desvendam, a partir de seus detalhes, pistas ao perseguir Achados de colecionar. Sua parceria com Dayane, registrada em memória narrada, reforça que é preciso caminhar acompanhada, convocando outras professoras a tomar a palavra ao escrever, compartilharem suas narrativas como ato político e formativo de quem viveu a história (BENJAMIN, 1994) e por isso, pode narrá-las.

Nas andarilhagens freirianas, que nos movem a pendular entre um 'estar aqui' e um contínuo 'partir', 'ir para' (2010, p. 41), percebi, ao ler sua narrativa e dialogar com Brandão em seus escritos no Dicionário Paulo Freire, que somos andarilhas, porque esse é nosso movimento, é o que nos caracteriza humanas. E como Menina das estrelas é pelo desejo de brilhar em outros céus.

Roberta, juntas, construímos uma amizade formação, daquelas que a arte do encontro nos traz como ALEGRIA, pois aumenta nossa potência de pensar e agir, relembrando o conceito de Espinoza apresentado por Silvio Gallo (2008). Sua narrativa trasborda sentimento de bem querer e gratidão por ser companhia em mais essa caminhada. Quem diria que nossa palavra de Menina das Estrelas fosse reverberada pela força da narrativa que trasborda a cada nova escrita?

Tecendo juntas, a vida, a formação, bordados e cartas, continuamos a caminhar acompanhadas também na Universidade, convocando outras professoras a tomar a palavra ao narrarem suas histórias.

Deixo aqui registrado todo o meu agradecimento por ser minha amiga, parceira, cúmplice nas peraltagens que fomos aprendendo

a inventar como oposição ao que cerceia, segrega e oprime professoras e crianças na escola/vida.

Abraço iluminado para essa Menina das Estrelas

Jane

3.9.2 A cada encontro, um encontro com marcas dos encontros!

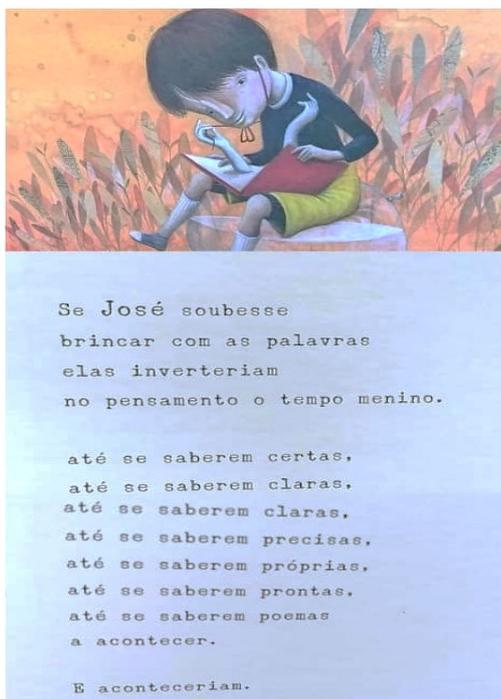
Alguns indícios formativos que encontrei nas narrativas compartilhadas durante os encontros por Roberta e outras colegas, nos levavam a pensar sobre: Os sempre denunciados conflitos teoria e prática, a potência e a necessidade dos encontros *entre* professoras, seja em grandes grupos ou nos miúdos da escola e o quanto a escrita das narrativas é formativa. Detalhes que levaram a outros **achados** de colecionar que são caros, por exemplo, para nosso grupo de pesquisa ALMEFRE, que podem ser sintetizados como: o diálogo entre universidade e escola básica, a formação entre pares e a produção escrita sobre a experiência vivida (ARAÚJO, 2018).

Naquele dia, o encontro seguiu noite afora, paramos pela força da hora e das crianças pequenas e grandes (risos) que já começavam a dividir nossas atenções. A cada oficina mais envolvidas ficávamos com as narrativas uma das outras, reverberadas a partir dos ACHADOS colecionados um a um pelas professoras participantes da oficina.

A circulação da palavra durante os encontros, seja durante as leituras das narrativas ou tecendo conversas e reflexões, movia a *escuta verdadeira*, que, de acordo com os estudos do Grupo GEPEC/UNICAMP, *a escuta verdadeira do outro, permite que o outro “entre em mim e me transforme, mesmo quando não concordo com ele*. O Grupo defende ainda ser diferente de concordar ou discordar, mas colocar-se em movimento de escuta, refletir conjuntamente e, talvez, chegar a uma terceira possibilidade (GEPEC, 2013, s/p). Penso que o conceito de *escuta verdadeira* foi um dos fios que se apresentou na costura dos encontros, ganhando mais cores naquela terceira terça-feira, em que todas leram suas narrativas e, ao pontuarem os atravessamentos causados pelas narrativas das colegas, se permitiram abrir para a palavra “do outro” ao transformarem-se. O que só confirma que não saímos dos encontros do mesmo modo como chegamos. A cada encontro, um encontro com marcas dos encontros!

Como agradecimento pelo encontro, compartilhei o livro OBRIGADO!, do André Neves e ofereci a elas a poesia:

Figura 192 - Imagem do livro Obrigado!



Fonte: Livro Obrigado do Autor André Neves.

4 QUARTO OFICINAR: PASSOU UM FILMINHO NA NOSSA CABEÇA

Terça-feira, 28 de julho de 2021.

Naquela noite, o encontro foi na companhia de, Priscila, Daliane, Ingrid e Roberta e um misto de sentimentos externados tomou conta da conversa.

- Nossa, como passou rápido! Disse Priscilla, ao perceber que o mês de julho já se findava e nos aproximávamos do encerramento da oficina, pois aquele já era nosso quarto ofcinar, o penúltimo, dentro da proposta de nos encontrarmos para usar nossas linhas, agulhas, fitas, cadernos... ao narrar o que guardamos da docência e nem mesmo nós sabíamos o que nesses guardados poderíamos ACHAR.

HD externo	Fotos	Bilhetes;
	Mais fotos;	
Carimbos;		Cadernos;
	Pinturas;	
Um armário...		

Uma lista de ACHAdos de professora revelava-se a cada oficina, como dispositivo da memória, em que **uma parte integrante da formação**, vinha à tona a partir da narrativa das experiências, significando cada coisa guardada no percurso docente.

Movida pelas histórias das professoras, rememoradas ao darem sentidos aos seus Achados de Memórias, durante o ofcinar de escrita de narrativas docentes, considerando que essas revelações apresentavam indícios dos seus processos formativos, procurava além dos livros, músicas e poesias que compartilhei com elas, outra linguagem para compor o quarto encontro da oficina. Deparei-me com um *achadopresente*: Um curta-metragem¹⁰⁶, narrado por uma voz que era um convite a assisti-lo e, novamente, assisti-lo e, mais uma vez, assisti-lo... Tantas vezes que já sou capaz de recitar algumas de suas partes.

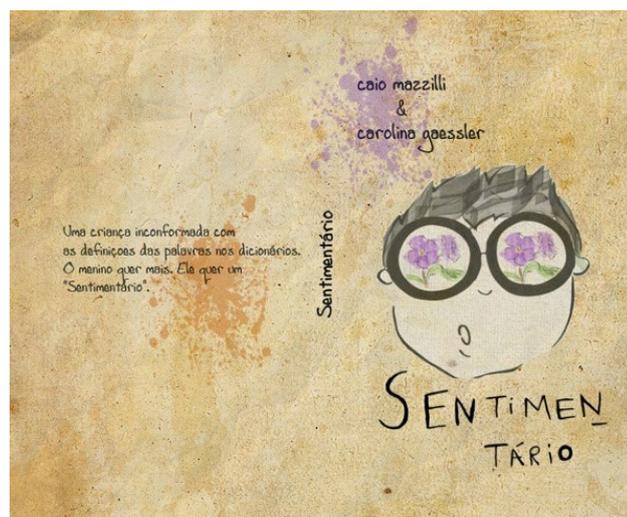
A voz, que narrava o curta, era do Théo, o menino que quando sentia o cheiro da flor do manacá, passava um **filminho** em sua cabeça, trazendo à tona as histórias de todas as palavras para colecionar em seu SENTIMENTÁRIO. Esse foi o jeito encontrado pelo menino para dizer de si ao pensar o mundo, com o mundo e sobre o mundo, num estar sendo no mundo.

¹⁰⁶ Sentimentário - <<https://www.youtube.com/watch?v=aibvzuELn18>>.

Assim, desdobrada pela narrativa apresentada naquela composição, meus pensamentos rodopiaram, pois se as histórias de todas as palavras do Theo, “servem para compor seu Sentimentário”, eu não seria das adultas que nas palavras do menino “não sabem aproveitar nada direito”. Puxei o curta-metragem como fio para colorir os *textosbordados* elaborados durante a oficina como processo afirmativo, reflexivo e formativo *entre* professoras. Sua transcrição, a seguir, revela o sentido de ter compartilhado o curta na oficina: Sentimentário.

Outro dia senti um perfume muito bom aqui em casa. Descobri que era o perfume de uma flor, a minha flor. Mesmo que dê em outros jardins, são minhas. Mas isso é um segredo! O nome dessa flor é manacá. Não o manacá da Serra, um grandão metido sem perfume. É do pequeno. Esse é o cheiro do nosso quintal. O cheiro do meu pai entrando em casa, é a minha mãe passando perto de mim. O cheiro é um botão que liga um filminho na nossa cabeça. Sempre achei o manacá uma palavra engraçada e queria saber por que minha flor tinha esse nome. Então fui “precurar” no dicionário. Quando eu “preuro” uma palavra no dicionário acho chato, mas muito chato, infinito chato. O dicionário só mostra o “significado” da palavra e mais nada. Só um montão de palavras difíceis, como se tudo coubesse dentro desse LIVRÃO. Mas eu achei uma coisa tão sem graça, esse jeito de falar do manacá, do meu manacá. Mas eu achei tão chato, tão chato e tão injusto! Porque não escrevem a verdade, que é uma flor linda **roxa** e vai ficando **lilás**, depois **branca**, então o pé fica com “todos tons” do **lilás** e espalha um perfume forte que vai longe pra dentro de casa. E nunca esquecer de escrever que o manacá me faz lembrar umas coisas tão boas e tão gostosas que parece uma máquina do tempo. Então, todo mundo devia ter um pé de manacá enquanto criança. Ter um pé de manacá depois de adulto, nunca vai ser a mesma coisa. Adultos não sabem aproveitar nada direito. Foi aí que eu pensei em fazer meu próprio dicionário. Um que não seja frio inútil como esses que “obrigam nós a ler”. Meu dicionário vai ser um de sentimentos, cheio de **cores**, cheiros e com minhas lembranças e as histórias de todas as palavras. O meu dicionário vai ser tão meu que até o nome vai ser meu, ele vai se chamar **SENTIMENTÁRIO**.

Figura 203 - Captura de tela do vídeo Sentimentário



Fonte: Sentimentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aibvzuELn18>>.

O manacá do Theo, aguçou os cheiros que marcaram as infâncias das professoras e a rememorarem “umas coisas tão boas e tão gostosas” que pareceu “uma máquina do tempo”. Priscila, Roberta, Ingrid e Daliane trouxeram os cheiros das suas infâncias como Achados de Memórias.

Daliane retomou do primeiro oficiar os cheiros das ervas que sua avó colhia no QUINTAL para fazer um chá bem quentinho, como uma marca de sua infância. Confirmando a marca desse acontecimento em sua *vidaformação*.

- Chá que acalmava e curava tudo! Disse a neta emocionada.

Ingrid revelou que os cheiros sempre guardaram suas memórias da escola:

- O cheiro do álcool na folha mimeografada, o cheiro das minhas professoras. Cheiro de terra molhada, de pipoca saindo da panela, cheiro de bolo no forno, cheiro de tintas, temperos e papeis.

- Os cheiros das minhas professoras quando andavam pela sala, narrou Ingrid, complementando: Eu queria ser cheirosa como elas, professora como elas, pois além de perfumadas elas eram inteligentes, divertidas, mulheres importantes para mim, admiráveis (...) fui por elas também formada. Hoje, percebo um pouco delas na professora que venho me tornando. Espero que eu seja, para as crianças com as quais trabalho, um pouco do que elas foram para mim: marcantes, inesquecíveis!

Em sua escrita, Ingrid nos chama a refletir sobre como marcamos a *vidaformação* das crianças com as quais nos encontramos na escola, enquanto nos formamos. Uma pista para elaborar sobre o modo como concebemos as crianças no *espaçotempo* escolar, o sentimento que

elas nutrem pelas pessoas (adultos e crianças), além dos significados que dão as coisas com as quais se relacionam nas brincadeiras e interações (DCNEI, 2009) cotidianamente.

A máquina do tempo, também trouxe as memórias de Roberta ao rememorar os cheiros dos materiais, de espiar os livros e as novidades que eles traziam, e naquela época, nem imaginava que seria uma professora.

O cheiro como marca das experiências vividas por Daliane, Ingrid e Roberta, foram os achados que apontaram alguns dos indícios (GIZBURNG, 1989) formativos naquele oficiar. A história do manacá narrada por Théo ligou um filminho na cabeça das professoras, e, nele, passaram suas memórias de infância.

O cheiro do chá da avó de Daliane, os cheiros da escola rememorados por Ingrid e os cheiros dos materiais e livros que aguçavam a curiosidade da menina Roberta, guardados nos porões das memórias, vieram à tona ao ouvir a narrativa do menino e reverberaram suas narrativas a partir das experiências do vivido, as quais, ao serem registradas em suas escritas narrativas e compartilhadas durante o oficiar, apontaram indícios (GIZBURNG, 1989) formativos. Os cheiros/Achados reverberaram os acontecimentos como a memória refletida, atribuindo a esses outros olhares sobre o vivido.

Entre cheiros e histórias do quarto oficiar, recebi a autorização/doação da peça/narrativa de Daliane, reverberada ao refletir sobre as histórias das coisas que guardamos, em nossa *vidaformação*.

Embora tenhamos programado realizar nossos encontros durante o mês de julho, dois deles acabaram acontecendo no mês de agosto e, nesse período, Daliane já havia retornado aos encontros presenciais com as crianças.

Assim, o tão esperado reencontro com seu armário da escola para escarafunchar seus guardados de professora, enfim aconteceu. Sobre esse encontro e o sentido das coisas que guardou em seus armários, Daliane teceu sua narrativa em seu Caderno Coleção.

4.1 Tia, são só coisas!

Trabalhei numa escola por 16 anos. É tanto tempo que, muitas vezes, parece que morei um pouco lá. Quando fui instigada a procurar em meus guardados de professora, descobri que não tinha quase nada em casa. *Meus guardados* moravam nos armários da escola e, neles, as

memórias de professora estavam. Então, movida pela curiosidade de revirar o que havia guardado nos armários, ansiava pelo retorno à escola.

Depois de 17 meses de espera, entre isolamento e duas doses da vacina contra a COVID-19, enfim chegou o dia de retornar, rever as crianças presencialmente e, enfim, abrir os armários. Para minha surpresa e desespero, me deparei com uma infestação de cupins. Tudo o que estava guardado (no armário) foi comido e contaminado. Precisei jogar tudo fora.

Eram fotos, propostas de pesquisa, relatórios, lembranças de um longo tempo, mas foi impossível preservar aqueles guardados. Tomada por uma sensação indescritível de perda, fiquei bastante chateada na hora, até que Iza, menina de cinco anos, me abraçou e disse naquela simplicidade direta, que só as crianças são capazes de dizer: “Fica triste não, tia. São só coisas, o importante é que a gente pode “*tá junto*” de novo”.

Quanto saber as crianças nos presenteiam e nos ensinam? E, com elas, vamos aprendendo a ver o mundo. Alguns guardados se perderam com os cupins, outros seguem em mim, são marcas da minha trajetória docente.

Daliane Alves
Professora da Educação infantil

Daliane trouxe, em sua escrita, pistas significativas para encontrar indícios formativos, por isso não hesitei em escrever a carta a essa professora que se tornou amiga pela amorosidade docente que nos aproximou.

Itaboraí, 24 de janeiro de 2022

Querida Daliane,

Início esta carta agradecendo o seu sim para também caminhar ao meu lado nessa aventura formativa, pois em modo bakthiniano de viver *eu não sou sem o outro* (Bakthin, 2011 p.114).

Confesso que, quando você leu sua narrativa escrita durante o ofcinar, fui tomada pelo sentimento de colecionadora da ordem e desordem apontados por Walter Benjamin (1987). Como ordenar aquilo que se desordenou num simples abrir de portas de um armário? O que estava guardado e nem pode ser selecionado como Achados de memórias?

Conhecendo um pouco do modo como você guardava as coisas em seu armário, diferente da sua mãe, eu não a considerava uma

acumuladora (risos), por guardar a memória dos seus dezesseis anos de docência em um armário e posso imaginar o sentimento de perda, por você, narrado.

Ao guardar no armário, fotos, propostas de pesquisa, relatórios, você colecionava em cada uma dessas peças a história de seus percursos formativos tendo as crianças como parceiras.

Uma infestação de cupins! Quando você me contou, eu até achei que fosse uma "pegadinha", pois logo no momento que você almejava abrir o armário e desvendar o que nele havia guardado, esses pequenos bichinhos indesejáveis resolveram aparecer.

Daliane, no curtametragem SENTIMENTÁRIO, o menino Théo, confirmou nossas apostas durante a oficina Achadouro de Memórias, de que cada "coisa", traz com ela a história das pessoas, que a guardou. A partir de seus cheiros, formas, cores, sabores, com a memória acionada, passa um filminho em nossa cabeça.

Sua narrativa me revelou em seus detalhes, indícios de que o seu Achado de memórias realmente não estava no armário. Assim como a narrativa do menino Théo nos confirmou que o significado de uma coisa é dado a cada história que tecemos a partir dela. As pistas encontradas em sua narrativa me levaram à menina Isa ao dizer: "Fica triste não, tia. São só coisas, o importante é que a gente pode "tá junto" de novo". Na simplicidade, ou como diria o poeta Gonzaguinha¹⁰⁷, na pureza da resposta dada por Isa, a história de cada coisinha guardada em seu armário será contada pelo significado que você dará a cada uma delas. O que se foi? O que ficou guardado, mesmo sendo triturado pelos cupins?

Partindo dos estudos dos autores Achilles e Gondar de que a memória implica esquecimento (2016), ao dizer que a memória do que se perdeu no armário será guardada por você, como marcas da sua trajetória, você selecionará o que será lembrado, mas também admitirá algo que será esquecido, pois, segundo os autores: o

¹⁰⁷ "Eu fico com a pureza da resposta das crianças..."
Trecho da música *O Que É, o Que É?* Gonzaguinha.

esquecimento é condição *sine qua non* para a lembrança, sendo a memória o resultado dessa complexa relação (ACHILLES, GONDAR, 2016).

Daliane, querida, penso que diante do que parecia uma "tragédia", a menina Isa, ao lhe dizer: "Fica triste não, tia. São só coisas, o importante é que a gente pode "tá junto", lhe fez larrossaminianamente o convite a:

Parar para pensar,
 Parar para olhar,
 Parar para escutar,
 Pensar mais devagar,
 Olhar mais devagar,
 e escutar mais devagar,
 parar para sentir,
 sentir mais devagar,
 demorar nos detalhes,
 suspender a opinião,
 suspender o juízo,
 suspender a vontade,
 suspender o automatismo da ação,
 cultivar a atenção e a delicadeza,
 abrir os olhos e os ouvidos,
 falar sobre o que nos acontece,
 aprender a lentidão,
 escutar aos outros, cultivar a arte do encontro,
 calar muito,
 ter paciência e dar-se tempo e espaço.
 Larrossa (2012 p.24)

Em sua narrativa, Daliane, percebi que o aceite ao convite da menina instigou, em você, outros modos de perceber a experiência de encontrar os seus guardados de professora infestados de cupins.

Nos detalhes de sua narrativa, selecionei como um Achado de colecionar, o modo que você concebeu a menina Isa como sujeito histórico e de direitos¹⁰⁸ DCNEI (2010), ao ouvi-la deixando ecoar sua palavra. Esse modo de compreender a criança reverbera no currículo, nas práticas Pedagógicas e nas interações com ela. Assim, passamos a construir uma relação de horizontalidade com as crianças e escrevemos uma história outra com elas.

Quero lhe dizer que, ao escrever esta carta como resposta/agradecimento, sua narrativa me moveu a alinhavá-la com as provocações de outras crianças que encontro em minhas andarilhagens e não me deixam fugir de mim a menina professora que inventou uma escola dentro do seu quintal. Vozes que me acompanham nessa linguagem de narrar: as crianças do trabalho nas escolas do município de Itaboraí/RJ, as que compuseram com suas narrativas, na companhia do Professor Javier Naranjo, o livro Casa das Estrelas (2019), organizado com glossário de palavras significadas por elas; o menino Théo, narrador do curta-metragem Sentimentário, e minha filha, a menina que desde que me escolheu para ser sua mãe, me convida a cantar com Lenine¹⁰⁹ que *a vida é tão Rara*.

Com essas provoc**AÇÕES** e acolhida pelas palavras do professor Naranjo, ao dizer que as crianças estão mais próximas da experiência poética que os adultos (2019), encerro esta carta, querida, no desejo de que possamos seguir na vida formação e na docência com elas (as crianças).

Abrço com cheiro de chá quentinho,
Jane

¹⁰⁸ ...” que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (concepção de criança definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, DCNEI-2010).

¹⁰⁹ Trecho da canção Paciência, de Lenine (1999).

Seguimos, em nossa docência, discentes com as crianças, ao reafirmarmos que são elas que nos ensinam a apurar o olhar e a perceber nas miudezas cotidianas o que faz sentido guardar, seja nos armários, seja nas gavetas ou em nós mesmas.

Encerramos, naquela noite, marcando na agenda nosso último encontro da Oficina Achadouros de Memórias: para o dia 24 de agosto de 2021.

5 QUINTO OFICINAR: MARCANDO PRESENÇA

Itaboraí, 24 de agosto de 2021

Chegamos ao último encontro já com sentimento de arremate dos *textosbordados* no Caderno Coleção durante o ofcinar de escrita de narrativas docentes. Daliane e Fernanda não puderam estar presentes fisicamente, mas, ao fazermos os registros dos processos vividos na oficina, percebemos o quanto levaremos umas das outras desses encontros *entre* professoras. Ainda impactadas pelo curta-metragem SENTIMENTÁRIO, compartilhado no encontro anterior sobre o significado do manacá dado pelo narrador menino Théo, sugeri às professoras, naquela noite, o “marcando presença”, tomando emprestada uma proposta pedagógica da professora Tereza Goudard que costumava realizar com as turmas da graduação na FFP/UERJ. Um convite para registrar os significados dos encontros com uma composição do percurso vivido na oficina, utilizando os materiais disponibilizados na *caixaachadouro*. Com papéis coloridos, cola, fitas, linha, agulha e trilha sonora de Roberta Campos, Ana Vitória e Tiago Iork, rasgamos, colamos, cortamos, selecionamos, escrevemos, desenhamos, narramos. Deixamos nossas marcas como registro das experiências do vivido (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015).

A hora, no relógio, nos dizia para seguir e compartilhar as composições também como peças que customizariam a dissertação coleção. Priscilla já anunciava a diversão dizendo: - vou mostrar, mas vocês prometem não rir?

Figura 214 - Composição narrativa da professora Priscila de Freitas



Fonte: Caderno coleção de Priscila de Freitas.

Antes mesmo de contemplarmos a composição, o modo *gargalhada* já esperava ser acionado, porque a relação *entre* nós já nos permitia tal feito. Priscila havia nos desenhado em uma analogia com a famosa foto dos Beatles, juntos a Abbey Road¹¹⁰ em Londres, na perspectiva de que percebeu a oficina como uma travessia que não se fez sozinha.

- Vou levar, dos encontros, as provocações e as contribuições das colegas professoras, para seguir escrevendo e enfrentar o *Galo*¹¹¹. Disse Priscila, retomando a metáfora do galo para dizer dos obstáculos enfrentados, ao superar medos e adversidades encontrados no cotidiano da escola. Priscila também “marcou presença” nos encontros destacando as palavras: alegria, gratidão, medo e esperança como preciosidades da oficina.

A professora Ingrid “marcou presença” na sua composição com papel, linhas, fitas e as palavras/pensamentos que saíam de sua cabeça: memórias, aprendizagens, gratidão, afeto/ afe-tar, ideias e reflexões, com destaque para a palavra *alegrices*, fazendo uma referência a um texto autoral que li para elas em uma formação durante o isolamento social¹⁰⁷. - Aquela narrativa me atravessou! Disse Ingrid.

Figura 225 - Composição Narrativa da professora Ingrid Costa



Fonte: Caderno Coleção de Ingrid Costa.

¹¹⁰ Icônica faixa de pedestres de Abbey Road, em Londres (Inglaterra), famosa pela capa do disco dos Beatles, de 1969, que tem o mesmo nome da rua.

¹¹¹ Personagem de uma das narrativas lidas por Priscila, que se apresentava como um obstáculo para que ela não fosse à escola. O galo corria atrás dela e bicava forte. No episódio, narrado por Priscila, foi sua avó, que completou 96 anos durante a oficina, que se apresentou como a companhia que lhe ajudou a superar o medo do galo.

Roberta, em seu “marcando presença”, disse ter tentado traçar como se sentiu no percurso da oficina. Trouxe o bordado feito em folha no primeiro encontro com a palavra reinventar, considerando ter sido esse um desejo inicial de escrever, o tecido telado para ela representava que passou um período nebuloso, os passos do caminhar ao deslocar-se para outro lugar e as borboletas como ícone da transformação e, no modo mais crianceiro sincero, Roberta revelou ter usado umas fitas apenas para compor os espaços vazios. E logo Priscila a interpelou: Ela foi sincera como as crianças (risos). Já o ponto de exclamação, Roberta diz representar o processo de se encontrar na docência, rememorado durante a oficina. E destacou, na composição, as palavras: incertezas, dúvidas, procura, trocas, afeto, reencontro, aprendizado, partilha, encontros, parceria, crescimento, mudanças, infância, certeza e educadora.

Figura 236 - Composição Narrativa da professora Roberta Dias



Fonte: Caderno Coleção de Roberta Dias.

Movida pelo encerramento da oficina, também marquei presença na composição de um porta-retrato, como aqueles de antigamente, a foto, um desenho como representação um registro fotográfico nosso. Do papel rasgado, retirei a parte que complementa os sentidos da proposição da oficina com a presença de cada professora que teceu suas peças/narrativas para customizar as histórias, peças colecionadas nesta Dissertação Coleção.

Figura 27 - Composição narrativa da autora



Fonte: Caderno Coleção da autora.

As interrogações e exclamações revelaram as marcas que inquietaram e impulsionaram as professoras durante os encontros. Ingrid e sua busca do sentido benjaminiano de EXPERIÊNCIA; Fernanda, com os atravessamentos e demandas cotidianas na escola e na vida, por vezes, impediu sua participação na oficina; Daliane e o DESEJO do reencontro com seus guardados no armário, que foram reduzidos à grandeza das palavras da pequena Isis ao dizer à professora que os (des)guardados eram SÓ COISAS. A menina redimensionou o acontecimento da infestação de cupins, de modo a tirar dele lições pelo seu olhar de criança; Priscila e suas fotos, como marca de seus guardados de professora, montou seu álbum formativo; Roberta e um achado surpresa! O caderno como marca de um REENCONTRO CONSIGO MESMA.

Naquele encontro para dizer até breve, as peças/narrativas elaboradas em modos outros de narrar, marcaram a presença de cada professora, ao revelar como foram atravessadas pelo oficiar. Sobre isso, nas composições compartilhadas, algoficou latente: a narrativa como palavra reflexionada. E, assim, na percepção de que o texto não tem fim em si mesmo, ele ganha outros sentidos, é ressignificado por cada pessoa que o lê e, por ele, deixa-se atravessar.

Naquele encontro tecido pelo registro de muitas palavras, desejei ler para o grupo o livro¹¹²: A **grande** fábrica de palavras. Ele estava na gaveta, aguardando a hora em que eu pudesse usar as *preciosas* palavras nele guardadas, em um momento especial, pois uma das intencionalidades, da oficina era deixar cada encontro seguir como *água que corre entre as pedras* (BARROS, 2014), buscando as marcas de NÓS em cada guardado que conta a história

¹¹² Existe um país onde as pessoas quase não falam. Nesse país estranho é preciso comprar as palavras e engoli-las para poder pronunciar-las. (retirado do livro, A grande fábrica de palavras).

da docência e da formação de professoras que se reconhecem em suas histórias, ao narrar o vivido como potente processo reflexivo, afirmativo e formativo.

Encerramos a oficina, desejosas por outros encontros. Combinamos que as professoras ficariam com seus Cadernos Coleção para revisitar suas narrativas, escrever outras, acrescentar, suprimir em seus textos o que considerasse importante a partir das contribuições do grupo, concordando com Mairce Araújo (2018), ao dizer que: *ser docente, requer o movimento de pensar sobre a própria prática e dela se apropriar enquanto reflexão teórico-prático* (ARAÚJO, 2018, p.269). Ficou de pé o convite para voltarmos aos encontros logo após a defesa desta Dissertação Coleção e convocar outras professoras para também *saberfazerperguntardizernarrarescrever sobre os seus porquês, os quês!*

A carta/agradecimento a seguir, foi escrita às *professorasbordadeiras* que participaram da oficina, elaborando, a partir dos achados em seus guardados de professora, peças/narrativas que customizaram a *escritacostura* deste terceiro volume da Dissertação Coleção.

5.1 Carta às queridas

Pedra bonita, entre março e abril de 2022.

Queridas professoras bordadeiras Priscilla, Roberta, Fernanda, Daliane e Ingrid,

Pela via do desejo de escrever esta carta, rememorei minha coleção de papéis de carta, montada quando eu tinha oito anos. Lembrei que ela tinha papéis cheirosos, brilhantes, fofinhos, coloridos e raros. Estes eram difíceis de adquirir, não por serem novos, comprados e caros, mas porque precisavam ser perseguidos, conquistados na troca com outras meninas também colecionadoras. Sem nem imaginar, já firmava ali o relacionamento de colecionadora com meus pertences, o que aprendi com Walter Benjamim (1987) ao ler em seu livro em Rua de mão única que para um colecionador é a chegada de uma nova peça que renova a coleção com as histórias que trazem com ela na sua aquisição, por isso o encantamento da arte de colecionar.

No rememorar de minha coleção de cartas, preciso dizer que, ao conquistar novas peças/narrativas, a partir da troca com vocês, durante o oficiar de narrativas docentes, esta pesquisacoleção foi não só ampliada, mas renovada pelas histórias nelas impressas em suas escritas, que narravam um vivido, como marcas que entrecruzaram nossas histórias de vidaformação. Assim, ao escrever as cartas/agradecimento a vocês, após receber cada doação/autorização de suas peças /narrativas, elaboradas durante o oficiar, tive a dimensão do quanto elas foram formativas para mim, professorapesquisadora, mas que também se pôs como sujeito da pesquisa e para vocês, ao compreender seus percursos formativos e afirmarem-se como autoras dos seus textos e das suas práticas docentes.

Escrevendo esta carta, fui tomada mais uma vez de alegria (GALLO, 2015) por nosso encontro, compreendendo com os autores Lima, Geraldi e Geraldi (2015) que se a vida dos professores e suas práticas nas escolas é o melhor caminho de fazê-los narradores do próprio trabalho e da sua constituição como docentes, sujeitos que querem compreender o que lhes toca, o que lhes acontece e o que lhes faz acontecer (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p. 40). Nossos encontros fortaleceram o desejo inicial de que essa não fosse uma pesquisa sobre a escola ou professoras.

Dos achados selecionados de seus guardados, as experiências por eles movidas foram rememoradas na escrita de suas narrativas. Desse modo, vocês reafirmaram o compromisso ético, político e estético da formação, assumindo a convocação de Freire (1996) ao me dizerem, como pesquisadoras, porque professoras.

Quando ouvia as narrativas lidas por vocês durante a oficina, compreendia meu próprio processo formativo, produtor de conhecimento na reflexão das experiências do vivido a partir da escrita narrativa. Com os Cadernos Coleção em mão, percebia em suas narrativas o que Freire (1996) dizia ser da própria natureza da prática docente: a indagação, a busca a pesquisa.

Agradeço imensamente a cumplicidade fortalecida entre nós, antes mesmo de nos encontrarmos pela pesquisa. Vocês representam as professoras que me constituíram professorapesquisadoranarradora e me impulsionaram a retornar à universidade pública para tecer diálogos sobre a escola básica, a qual defendemos como professoras da Educação Infantil.

Estou tecendo as costuras finais deste mergulho investigativo, para o qual trouxe comigo uma lupa bem grandona, as perguntas que me desdobraram por dentro, a coragem freiriana de professora, a curiosidade das crianças, a militância docente e o desejo de ver vocês e tantas outras professoras chegando ao mestrado, opondo-se aos que negam nosso direito de saberfazerperguntardizernarrarescrever nossos os quês?

Abraço desejoso de que logo possam receber esta carta impressa no terceiro volume desta Dissertação Coleção

Da companheira de risos, luta e de histórias,

Jane Marchon

(IN)CONCLUSÕES: COM A LUPA NA MÃO AO COLECIONAR...

Figura 28 - Atravessamentos da qualificação por Mairce Araújo



Fonte: Caderno da quarentena de Mairce Araújo

Achei!

Achei que, não era para mim

Achei que não conseguiria

Achei que, nem começaria

Achei

Achei quem me desse a mão, para caminhar acompanhada

Achei quem me desse caneta e papel para escrever ouvindo a voz dos passarinhos.

Achei quem me dissesse, escreva!

Achei quem me dissesse, siga!

Achei, achei, achei e memoriei, narrei. Um memorial que extrapolou e percorreu toda a pesquisa.

Achei a narradora das histórias.

Achei memórias de histórias de arrepiar e de ~~atravessar~~.

Achei nos guardados docentes os achados colecionados por uma *professorapesquisadoranarradoracolecionadora*.

Achei, juntei, montei, compus uma coleção.

Achei muitos achados

Achei e inventariei.

Achei a arte e a loucura.

Achei perguntas simples, complexas, curiosas.

Achei uma lupa para o pesquisar curioso como as crianças

Achei quem aceitasse a arte do encontro e do (des)encontro.

Achei com Walter Benjamin, Paulo Freire, Jorge Larrossa, Carlos Ginzburg, Manoel de Barros, Eduardo Galeano, Silvio Gallo e tantos outros, a conversa para tecer a pesquisa.

Achei que perdi o tempo do relógio

Achei nas pistas, nos detalhes, os indícios para tecer *textosbordados*, entre professoras, assumindo-se *professorapesquisadoras*, autoras de seus textos e de sua prática.

Então, se não cobre, não copia, faz o quê?

Ache!

Ache seu jeito de escrever,

Ache seu modo de pesquisar.

Ache e ecoe sua palavra

Ache a escrita narrativa, como modo de *saberfazerperguntardizernarrarescrever* seus “os *quês?*”

Ache outros jeitos, outros modos de *saberfazer* na contramão dos manuais de Fôrmação

Achei as histórias para dizer de mim,

Achei nas experiências do vivido os caminhos da pesquisa.

Achei ao pesquisar, uma coleção.

Achei na coleção:

A narrativa como artesanato da palavra;

A experiência como o vivido reflexionado

A escrita narrativa como dispositivo de formação

E a memória como registro da história docente.

Achei uma *pesquisanarrativa* (auto)biografada, escrita em primeira pessoa de modo arteiro de narrar.

Achei os fios para arremate afrouxado das costuras de cada peça/história narrada, nessa *pesquisacoleçonarrativa* (auto)biográfica, que se propôs investigar a formação de professoras

a partir do *saberfazerperguntardizernarrarescrever* como ação afirmativa, reflexiva e formativa das professoras da Educação Infantil do município de Itaboraí.

Achei que teria um fim

Achei

Achei os **NÓS** de uma boneca Abayomi, pois como ela sou resistência tecida por **NÓS**.

Os **NÓS** das gentes que vieram antes de mim, que estão em mim. Ancestrais da essência e da docência. Os **NÓS** dos que seguem comigo: meu pai, minha mãe, minhas irmãs e irmão. Helton, com quem escolhi fazer um ninho de **NÓS** cúmplices. Nós não desatados na maternidade que renovam meu olhar ao contemplar os voos de Rara, a menina que nasceu *pra* passarinho.

NÓS que encontrei no mestrado – o ALMEFRE.

NÓS que subvertem a ordem do esperado – os erês, Kyringue, as crianças;

NÓS: É a gente quando estamos juntos, brincando, fazendo desenhos. (Peter 6 anos)

O que é isso? É nozes? A gente é nós. (Airam, 5 anos)

NÓS, emaranhadas pela escola, na escola, com a escola -as professoras: Daliane, Ingrid, Roberta, Fernanda, Priscila, Roberta Teixeira, Fabiane, Luicília, Thaís, Cleidi e tantas outras que em mim habitam.

NÓS, somente **NÓS** com nossos retalhos, compreendemos que para tecer e destecê-los tudo que “**NÓIS** tem é **NÓIS**”!

Salve Emicida! Salve **NÓS**!

REFERÊNCIAS

ACHILLES, D. GONDAR, J. A memória sob a perspectiva da experiência. **Revista Morpheus**, Todos Interdisciplinares em memória social, RJ, V. 9, nº16, 2016.

ALMEIDA, A. L. **Curiosidade Premiada**. Rio de Janeiro: Ática, 2015.

ALVES, N. Sobre as razões da pesquisa do/nos/com os cotidianos. **Revista Teia**, Rio de Janeiro: PROPED/UERJ, v4, p. 1-8, 2007. Disponível em: <www.revistas.proped.pro.br>.

_____. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes**. Petrópolis: D Petrus et Alli, 2008.

_____. **Praticantepensante de cotidianos**. Orgs. GARCIA, A. OLIVEIRA, I. B. E. Autêntica. Belo Horizonte, 2015. sem

ARAUJO, M. S. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão: processos formativos entre redes e coletivos docentes. In: SANGENIS, L.F.C, OLIVEIRA, E.F.R., and CARREIRO, H.J.S., eds. **Formação de professores para uma educação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina [online]**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Pesquisa em educação / Formação de professores series, pp. 259-281. ISBN 978-85-7511-484-1. <<https://doi.org/10.7476/9788575114841.0014>>.

ARAÚJO, M. S.; FARIA, D. T. B.; CELESTINO, J. M. C.; SOUSA, R. D. Janelas da quarentena: experiências latino-americanas de formação entre docentes do Brasil e Peru- In: **Inter-Ação**, Goiânia, v.46, n.1, p. 276-293, jan./mar. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v45i3.65120>>.

ARAÚJO, M. MORAIS, J. F. S. A memória que nos contam: narrativas orais e escritas como dispositivo de formação docente. In: **Interfaces da Educação**, Parnaíba, v.4, n.10, p. 135, 2013.

ARAÚJO, M. MORAIS, J. F. S. Memoriais e escritas de si: as narrativas (auto) biográficas como processo formativo. In: PEREZ, Carmen L. V. (org.). **Experiências e narrativas em educação**. Niterói: EDUFF, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160p.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas. As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2008.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas II. Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 227.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Passagens.** Belo Horizonte, São Paulo: Ed. UFMG, Imprensa Oficial. 2008.